

**PROLEGÔMENOS
E
PARA A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL**

APARATO CRÍTICO 2018



Copyright © The Estate of György Lukács

Diagramação: Fernanda Beltrão

Revisão: Sidney Wanderley

Capa: Fernanda Beltrão

Imagem da Capa: Página dos manuscritos dos Prolegômenos

Catálogo na Fonte

Departamento de Tratamento Técnico Coletivo Veredas
Bibliotecária responsável: Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

A639 Aparato Crítico 2018 : obras de Georg Lukács volumes 13 e 14 /
[Traduzido por Sérgio Lessa]. – Maceió : Coletivo Veredas, 2018.
121 p.

Inclui bibliografia.

Índices: p. 29-93

ISBN: 978-85-92836-32-0.

1.Georg Lukács, 1885-1971. 2. Aparato crítico. I. Lessa, Sérgio, trad.

CDU: 331(035)

Esta tradução está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença. Visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>. A licença, apenas a da tradução, permite cópia parcial ou total, distribuição e ainda que outros adaptem e criem a partir da mesma, desde que atribuam o devido crédito ao tradutor original. Contudo, deixamos claro que o direito à publicação da obras de Georg Lukács pertence, até 2031, ao The Estate of György Lukács, Budapest.

**PROLEGÔMENOS
E
PARA A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL**

APARATO CRÍTICO 2018

1ª Edição
Coletivo Veredas
Maceió 2018



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

NOTA DA TRADUÇÃO 9

ÍNDICE ONOMÁSTICO 29

ÍNDICE DE ASSUNTOS 43

POSFÁCIO DE FRANK BENSELER 101



APRESENTAÇÃO

É de pouca tradição, no país, um Aparato Crítico. Foi bem mais frequente nos países do bloco soviético e também comparece em algumas edições comentadas de textos clássicos por editoras europeias e estadunidenses, notadamente em editoras vinculadas às universidades.

A função do Aparato Crítico é auxiliar nas pesquisas e investigações do texto. Muitas vezes vem nas páginas finais da edição. No nosso caso, preferimos editar em um volume separado para facilitar a consulta aos índices e à Nota da tradução.

A Nota da tradução expõe e discute opções feitas na tradução e expõe parte dos problemas originados do estado atual dos manuscritos da *Ontologia* e dos *Prolegômenos*.

O Índice Onomástico traz a relação dos nomes citados nos Volumes 13 e 14.

O Índice de Assuntos traz a localização, por páginas, de categorias e relações categorias tratadas por Lukács nos Volumes 13 e 14. A elaboração de um Índice de Assuntos é, por definição, infundável: novas leituras do texto sempre conduzem a melhorias, aperfeiçoamento e expansão do Índice de Assuntos. Certamente, nas próximas edições da desta tradução, ele será ampliado, tornado mais preciso e, o horizonte de tópicos, ampliado. Deixamos aqui assinalados nossos agradecimentos a Milena Santos pela organização e sistematização do Índice de Assuntos.

O “Posfácio” que Frank Benseler redigiu para o volume 14 das Obras de Lukács traz uma série de informações interessantes acerca da edição dos manuscritos póstumos de Lukács.

Maceió, agosto de 2018

Coletivo Veredas



NOTA DA TRADUÇÃO

Sergio Lessa

Ao falecer, em junho de 1971, Lukács deixou os manuscritos das *Notas para uma ética*, da *Ontologia do ser social* (de agora em diante, *Ontologia*) e dos *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* (de agora em diante, *Prolegômenos*). Em 1976 (Volume I) e 1981 (Volume II) foi publicada a tradução italiana da *Ontologia*; Frank Benseler, amigo de Lukács e seu editor por muitos anos, editou em 1984 e 1986 a *Ontologia* e os *Prolegômenos* pela *Luchterhand Verlag* como os volumes 13 e 14 das *Obras de Lukács (Georg Lukács Werke)*. Quatro anos depois, em 1990, saiu na Itália a tradução por Scarponi dos *Prolegômenos*. As *Notas para uma ética* conhecem, até o momento, apenas duas edições: a da Hungria (Akadémiai Kiadó, Budapeste, 1994) e a do Brasil (Instituto Lukács, 2015).

Essa sequência tem alguma importância porque dela resultou que contamos com dois exames independentes dos manuscritos da *Ontologia* e dos *Prolegômenos*. Scarponi fez sua tradução a partir dos mesmos manuscritos que Benseler organizou a edição alemã e, dado que os manuscritos possuem passagens confusas, podem não ser desimportantes as diferenças entre a edição de Scarponi e o texto assentado por Benseler.

Quando estávamos a meio caminho da tradução, com a identificação das diferenças entre o italiano e alemão se aproximando de uma centena, Mosóczi Zoltan (neto de Lukács e atual detentor dos direitos autorais do filósofo húngaro) nos enviou a cópia digital dos manuscritos. A partir desta cópia pudemos esclarecer a razão das várias das diferenças entre Scarponi e Benseler; outras questões, contudo, foram se acumulando (sobre isto, logo abaixo).

I

Os manuscritos dos *Prolegômenos* são antecidos por 14 páginas de anotações diversas, numeradas a lápis de 340 a 352 e a caneta azul de 1 a (há uma página numerada 5a) 8, com anotações feitas em pedaços de papel e com indicações de em quais páginas elas deveriam ser inseridas. As anotações são seguidas pelo texto dos *Prolegômenos* com páginas numeradas de 1 a 339, em letra azul, com pequenos numerais no canto superior direito e, por vezes, com números em lápis grafite no canto inferior direito. Todo esse manuscrito está escrito à mão, em tinta azul, com correções em tinta azul e vermelha. Há palavras sublinhadas em vermelho – e não é claro por que estariam sublinhadas, já que não correspondem sempre a itálicos (não temos negrito em todo o conjunto dos manuscritos). A cópia digital de que dispomos é no fundamental possível de ser lida, contudo algumas páginas ou a resolução é baixa, ou os originais estão se apagando e a leitura é mais difícil. A escrita de Lukács não é de fácil compreensão, o que constitui uma dificuldade a mais para se estabelecer o texto exato.

Diferentemente dos *Prolegômenos*, os manuscritos de *Para uma Ontologia...* estão datilografados e corrigidos, exceto algumas poucas páginas. A qualidade da cópia digital disponível é boa e a leitura não oferece maiores problemas. Os numerosos adendos, correções, anotações, observações estão em tinta azul e vermelha, predominantemente, com alguns em tinta preta. A numeração das páginas é datilografada na parte superior e, na parte inferior direita, em lápis grafite, com números que nem sempre correspondem aos números datilografados – mas isso não constitui um problema para estabelecer a sequência das páginas.

Na cópia digital que recebemos, estão faltando as últimas páginas com as notas do capítulo da Alienação e, em algumas poucas páginas, anotações nas margens direita e esquerda não são visíveis em sua inteireza.

O exame mais superficial dos manuscritos já revela que estão em estágios muito distintos de preparação. O manuscrito da Ontologia, sabemos graças a Benseler, foi ditado por Lukács e a cópia datilografada foi posteriormente corrigido. O manuscrito dos *Prolegômenos* indica uma situação inteiramente diversa. Está ainda com a escrita à mão de Lukács (não foi datilografado nem revisto) e possui inúmeros adendos em folhas e pedaços avulsos de papel. É compreensível essa diferença entre os manuscritos da *Ontologia* e os dos *Prolegômenos*: enquanto os primeiros correspondem a um trabalho que se estendeu por vários anos, os últimos foram redigidos nos derradeiros meses de vida de Lukács.

Não é claro se todas essas anotações em lápis grafite e em tintas preta, azul e vermelha foram feitas pelo próprio Lukács, pela sua “secretaria” ou pelos alunos que organizaram os manuscritos – ou mesmo, após a sua morte, por Benseler ou por membros do antigo Lukács Archiv de Budapeste. A maior parte das anotações em azul e vermelho acha-se com letras que se assemelham à grafia de Lukács, mas as anotações em grafite e algumas em tinta azul talvez não sejam dele. Ainda, o grafite, o preto, o azul e o vermelho indicariam uma sequência temporal das correções e anotações, ou as diferentes

cores não possuem significado algum nesse sentido?

Sem esclarecer a autoria e a sequência das anotações e correções, dificilmente se conseguirá uma edição que seja a mais próxima do texto deixado por Lukács. Contudo, talvez isso não seja da maior importância. Tanto quanto eu saiba, até agora nenhuma questão de interpretação do texto lukácsiano poderia ter um encaminhamento diverso a depender de qual versão desta ou daquela passagem dos manuscritos se venha a adotar. Talvez haja uma única exceção, as páginas riscadas a grafite no capítulo sobre Hegel.

O contato com os manuscritos possibilitou o reconhecimento do mérito tanto de Benseler, ao editar os manuscritos para a edição da *Luchterhand Verlag*, quanto de Scarponi, ao traduzi-los para o italiano. Decifrar, principalmente nos manuscritos dos *Prolegômenos*, a escrita do filósofo húngaro e ordenar desde notas de rodapé até observações feitas à margem das páginas, por vezes abrir ou fechar parágrafos cujos inícios e términos não são claros, e, ainda, corrigir eventuais erros gramaticais ou de redação – a tarefa de Benseler e Scarponi foi tudo menos simples. Mesmo que uma ou outra passagem talvez pudesse ser mais bem ordenada ou compreendida, não há como não reconhecer os méritos dos trabalhos de ambos.

As diferenças entre os textos publicados por Benseler e Scarponi podem ser agrupadas em três categorias:

1) diferenças pequenas e aparentemente sem maiores consequências, mais estilísticas e gramaticais do que outra coisa. Estas são em maior número. Na maior parte das vezes, Scarponi seguiu, neste caso, mais de perto o texto dos manuscritos, enquanto Benseler introduziu uma maior quantidade de alterações;

2) As notas na página 338 do Volume 14. No manuscrito não há indicações onde deveriam ser inseridas. As soluções de Scarponi e de Benseler são distintas;

3) Textos riscados em grafite ou em azul. Benseler publicou todas essas passagens riscadas, enquanto Scarponi não o fez. Há algumas palavras e expressões riscadas, contudo podem ter importância duas notas de rodapé (p. 301 e 587, Volume 13) em que Lukács cita o testemunho de Riazanov de que haveria em Moscou mais de 15 volumes de manuscritos de Marx preparatórios de *O Capital* ainda inéditos, e as quase três páginas do capítulo dedicado a Hegel na *Ontologia* – a única passagem em toda a obra em que Lukács especificamente aborda a categoria da determinação.

Nosso primeiro exame dos manuscritos deixou várias questões em aberto. Qual o critério seguido por Benseler para introduzir as mais de uma centena de pequenas alterações nos manuscritos? Por que Benseler optou por publicar todas as passagens riscadas enquanto Scarponi julgou melhor o oposto? Além disso, em especial nas duas páginas riscadas no capítulo de Hegel, por que Lukács as teria cortado (se é que seria mesmo de Lukács a decisão de cortá-las?). Por que as notas que mencionam Riazanov foram riscadas? Foram riscadas pelo próprio Lukács? Se o foram, por que Benseler as publicou? Se não o foram, por que Scarponi não as publicou?

Como não pudermos resolver essas dúvidas, nesta edição da tradução publicamos tudo o que Benseler incluiu – e que não se encontra em Scarponi

– com claras indicações de que se trata de passagens riscadas. No caso das notas de Lukács sem indicações de onde deveriam ser inseridas no texto, reproduzimos as distintas soluções dadas por Scarponi e por Benseler. Na mais de uma centena de pequenas diferenças entre Scarponi, Benseler e os manuscritos, sempre revisamos o texto de Benseler para aproximá-lo dos manuscritos.

Para a próxima edição desta tradução, em 2023, está programado um confronto sistemático da tradução de Scarponi e da edição de Benseler com os manuscritos da *Ontologia*. Talvez isso não seja factível com os manuscritos dos *Prolegômenos*, pelo fato de a escrita de Lukács ser de difícil compreensão. Em todo o caso, em 2023 deveremos ter uma edição crítica que nos possibilite indicar, a partir do texto de Benseler, as divergências com os manuscritos e com a tradução de Scarponi -- ainda que para tal tarefa seja da maior importância o esclarecimento de quais as anotações e correções são mesmo de Lukács e quais as que não são. Há um fascinante trabalho de investigação a ser feito que, infelizmente, com o fechamento do Lukács Archiv de Budapeste pelo governo da Hungria, se tornou certamente mais complicado.

Em que pese a falta de um trabalho sistemático de comparação dos manuscritos com os textos estabelecidos por Scarponi e Benseler, estamos entregando ao leitor a versão mais aproximada dos originais dos manuscritos póstumos de Lukács.

II

Quando se trata da tradução dos manuscritos póstumos de Lukács, problemas precisam ser salientados, pois, em medida importante, condicionaram a presente tradução.

Em primeiro lugar, repetimos, são manuscritos com graus muito distintos de acabamento. Enquanto a datilografia do texto de *Para uma ontologia...* foi revista pelo autor, os *Prolegômenos* nem sequer foram datilografados. Enquanto os manuscritos da *Ontologia...* foram elaborados ao longo de vários anos, os *Prolegômenos* não foram além de uma primeira versão. Como resultado, o emprego de algumas categorias não é precisamente o mesmo em toda a obra.

Soma-se a essa situação:

1) Toda tradução, como bem disse Edson Bini, tradutor da *Metafísica* de Aristóteles, padece do fato de encontrar seu limite no intraduzível: há conteúdos que simplesmente são perdidos ao se passar de uma língua para outra. Contudo, em textos filosóficos como a *Ontologia* e os *Prolegômenos*, em que a precisão é um requisito primeiro e obrigatório, o intraduzível tem sempre algum peso. Há, muitíssimas vezes, que se optar entre um texto mais legível e um texto mais próximo ao original – no presente caso, foi sempre buscada a maior proximidade ao original.

2) Não contamos, ainda, com traduções e investigações consolidadas, em que as alternativas de tradução de expressões, conceitos e categorias já tenham sido testadas em diferentes momentos e por vários ângulos. Hoje, muitas passagens ainda requerem novas tentativas de tradução, as quais, inexoravelmente, exibem algum grau de insegurança e provisoriamente

(indicaremos, logo abaixo, as tentativas nesse sentido da presente tradução).

3) Outro conjunto de dificuldades advém de que, para o próprio Lukács, muito do que estava elaborando na *Ontologia* e nos *Prolegômenos* o fazia pela primeira vez. Disto resultaram seguidas tentativas envolvendo diferentes formas de expressão desse novo conteúdo. São reconhecidas, por exemplo, as dificuldades que trazem o uso da expressão “material” em momentos nos quais, de fato, Lukács queria expressar “objetivo” ou “objetividade” (o que existe fora da consciência). Enquanto, nesse sentido, objetividade se distingue com clareza de subjetividade, “material” serve mal, por vezes, para expressar essa distinção, já que a subjetividade, para Lukács, é uma forma superior de organização da matéria, portanto também é material. Que daqui não decorre qualquer identidade sujeito-objeto, tal como em Hegel, já argumentamos em outras oportunidades e não há necessidade de voltarmos, agora, a esse tema (Lessa, 2013 e 2016).

4) Há ainda dificuldades que decorrem das próprias concepções teóricas e políticas de Lukács. O caso que mais chama a atenção é sua análise da operação dos complexos alienantes no século 20, análise que tem forte impacto em sua visão de como se reproduzem o que ele concebia como o socialismo soviético e o capitalismo de seus dias. No primeiro, segundo ele, a transição já havia ocorrido na esfera da produção, suas deformações seriam decorrentes do processo de manipulação ideológica imposto pelo stalinismo. No capitalismo, um processo de manipulação fundado pela extensão do capital ao setor de serviços teria potencializado o poder alienante do capital. A alienação contemporânea conteria, portanto, uma forte mediação ideológica, mais intensa que no passado. Daqui resultaria uma maior possibilidade de resistência individual às alienações, um maior espaço de manobra para as pessoas se contraporem às alienações. O efeito de retorno dessa sua concepção dos complexos alienantes contemporâneos sobre o conjunto categorial de toda a *Ontologia* ainda não foi investigado, e sem que precisemos este aspecto em várias passagens a tradução torna-se mais insegura. O papel do tempo no ordenamento da reprodução social, a divisão do trabalho em uma porção técnica e outra social, são outros aspectos que serão traduzidos com maior precisão depois de esclarecidas as questões teóricas e históricas com as quais se relacionam.

Mencionamos acima a carência de traduções consolidadas dos manuscritos póstumos de Lukács. Sem diminuir esta carência, já contamos com um pequeno conjunto de traduções. A *Ontologia* e os *Prolegômenos* contam hoje com três traduções completas – a húngara, a italiana (por Scarponi) e a brasileira (por Vaisman e Schneider^a) – e vários capítulos traduzidos para o francês e o inglês (publicados pela Merlin Press em 1978-80, os capítulos dedicados a Marx, a Hegel e o capítulo do trabalho), para o espanhol na

^a Faremos referência às diferentes traduções pelo nome de seus tradutores: Vaisman se refere à edição publicada pela Boitempo em 2010 dos *Prolegômenos* (Lukács, 2010); Schneider corresponde à edição da *Ontologia* pela mesma editora em 2013 (Lukács, 2013). Morbois corresponde à publicação ao francês em 2010 e 2011 pela Editions Delga (Lukács 2011 e 2012) dos capítulos do trabalho, reprodução, ideologia e alienação da *Ontologia*; Monville corresponde à tradução ao francês dos *Prolegômenos* pela mesma editora, em 2009 e Ballesteros ao capítulo “Marx” publicado na Espanha (Lukács, 2007). Chicote indica a tradução argentina do capítulo da alienação (Lukács, 2013a), e Vedda, a tradução do capítulo do trabalho naquele mesmo país em 2004 (Lukács, 2004).

Argentina e na Espanha (o capítulo sobre Marx, traduzido por Emanuel Ballesteros (Lukács, 2007), e uma edição de 2017 do capítulo dedicado a Marx, com a qual ainda não tivemos contato).

Não é uma grande quantidade de traduções, mas já é um conjunto de experiências que possibilita identificar, ao lado do conjunto de problemas e obstáculos acima enumerados, mais um fator, digamos, “subjetivo”, que atua diretamente nas escolhas feitas por cada tradutor. Nesses momentos e nessas escolhas, está presente um legítimo desejo de tornar Lukács compreensível para o amplo público; outras vezes, as editoras têm interesse em uma tradução que, em sendo mais acessível aos seus leitores, seja também uma mercadoria mais fácil de ser vendida. Não raras vezes, os dois fatores se potencializam. Seja como for que esses fatores se articulem em cada caso, há sempre, digamos, uma tentação ao copidesque, isto é, a tornar a tradução mais acessível pelo rearranjo da ordem dos elementos da frase ou pela introdução de partículas (pronomes, diferentes tempos verbais, preposições ou mesmo substantivos) ou, ainda, por meio de uma tradução mais “solta”, menos “prisioneira do texto” de Lukács.

Essa tentação por um, digamos, copidesque traz, contudo, um grave risco. Entre o “confuso” do texto original, e a “forma mais clara” da tradução copidescada, se interpõe a compreensão do próprio tradutor do conteúdo do texto que está traduzindo. Dado o fato de que há muito ainda a ser compreendido nos manuscritos, porquanto as investigações ainda estão em um estágio inicial, já que o próprio manuscrito contém descompassos e passagens nebulosas e nem todos os tradutores tiveram a oportunidade de conhecer a obra em profundidade, é elevada a possibilidade de a compreensão pelo tradutor ser falha ou imprecisa. O resultado, em se tratando dos manuscritos póstumos de Lukács, é que a redação mais clara resulta com grande frequência em uma deformação do original. O leitor, então, além das dificuldades já inerentes ao texto, para compreendê-lo precisa ainda superar as deformações trazidas pela tradução. A tradução “copidescada” termina, assim, resultando no oposto do almejado; isto é, dificulta – ao invés de facilitar – o entendimento do pensamento de Lukács. Além disso, nos momentos em que se cai na tentação de copidescar, atua ainda mais intensamente o efeito do “intraduzível”, que há pouco mencionamos.

Na tradução do alemão para as línguas latinas, por vezes o mero alterar da ordem dos elementos da sentença (verbo, sujeito, predicados, complementos etc.) – alteração muitas vezes inevitável, dada a diferença na estrutura das línguas – já insere ou sugere um conteúdo diverso, introduzindo ressonâncias indesejáveis. O que pudemos observar nas diversas traduções e na nossa própria experiência é que a tentação ao copidesque é tanto maior quanto mais inacabada é a passagem, e tende a se intensificar quando se impõe uma excessiva preocupação em tornar o texto “mais legível”. Nas diferentes traduções, esse impulso se impôs de modo e em intensidades diversas. Bem menos na tradução de Chicote e Vedda (as traduções na Argentina dos capítulos da Alienação e do Trabalho) e de Scarponi (Itália), bem mais na tradução de Monville (os *Prolegômenos*) e menos na de Morbois (o segundo volume da *Ontologia*) (França). Tal impulso ao copidesque é, no

caso dos manuscritos lukácsianos, uma das mais permanentes fontes de erros nas traduções.

Essas considerações preliminares indicam a importância, talvez ainda maior que em outros casos, da busca de uma tradução dos manuscritos póstumos de Lukács que se deixe ao extremo ser guiada pelo seu conteúdo, por mais ambíguo, impreciso ou confuso que possa parecer, ou mesmo ser, em alguns momentos. Uma tradução fiel aos manuscritos não pode deixar de ser fiel aos seus problemas e desencontros; toda tentativa de tornar o texto mais “redondo”, mais “compreensível”, mais “legível” etc. aumenta em muito o risco de deformá-lo. Fazendo nossas as palavras do Pe. José Nogueira Machado (2016), tradutor de Hegel, “Esta tradução tenta ser antes literal que livre. O que pode conservar ou aumentar um tanto a dificuldade de compreensão, mas diminui o risco de uma compreensão desviada”.

Optamos, nesta tradução, por forçar ao máximo os limites da língua portuguesa no sentido de buscar a maior aproximação ao conteúdo original do texto. É provável que em algumas passagens tenhamos mesmo exagerado nesse sentido. É também provável que a presente tradução seja tida pelos leitores como menos “clara” e “inteligível” do que outras. Esse é um preço a ser pago para se obter uma tradução mais exata – contando, evidentemente, com uma correção de rumo nas próximas versões da tradução, se este se revelar o caso.

Há, ainda, em relação ao alemão de Lukács, uma peculiaridade. Sua trajetória de vida e a longevidade de sua atividade intelectual, cremos que ambos os fatores contribuíram para que o seu alemão possua algumas disparidades para com a língua tal como falada e escrita hoje, digamos, em Berlim. Expressões, palavras, formas de articular as sentenças e períodos, por vezes seguem caminhos próprios que, se não são incorretos necessariamente, também estão longe de ser usuais. A gramática alemão também passou por mudanças depois da morte de Lukács. Tentamos contornar essas dificuldades recorrendo a alguns especialistas na língua alemã (Knuth Thormaehlen foi de grande ajuda) e, também, com a escolha de dicionários mais antigos e que fossem mais próximos do uso feito por Lukács da língua alemã. Prioritariamente adotamos o *Enzyklopädisches Wörterbuch*, editado por O. Springer, edição revisada de 1974, da Langenscheidt; seguido de *Das Grosse Wörterbuch der deutschen Sprache*, da Duden, já numa edição mais recente. Sempre que imprescindível, lançamos mão do *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*, que traz a variação do uso e conteúdo das palavras e expressões da língua alemã ao longo dos séculos 19 e 20. Os dicionários da Langenscheidt para o português e o espanhol são nitidamente inferiores, por isso os utilizamos apenas como último recurso. Há ainda, e a ela recorremos algumas vezes, a edição de 1923 do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa e Alemã* (Leipzig) do dicionário alemão-português da Michaelis, surpreendentemente adequado em muitas ocasiões para resolver dúvidas de passagens muito marcadas pela dialética de Hegel ou de Marx.

III

A atividade de tradução é, sempre, um espaço de debate. Uma vez que variam as questões teóricas, ideológicas ou políticas mais importantes a cada momento, já que as línguas se desenvolvem e novos problemas e possibilidades vão se colocando para verter-se uma língua à outra – por estas e outras mediações o debate que envolve a atividade de tradução vai se delineando. Nossa tradução, como toda tradução, pretende também contribuir com esse debate.

Comparada com o início da década de 1970, a situação do Brasil é hoje muitíssimo melhor quando se trata da tradução de obras clássicas. Sem desconhecer que ainda falta um bom caminho a ser andado (lembramos, por exemplo, de Lukács, *O jovem Hegel* e a *Estética*, carecemos de uma tradução de Vygotsky direta do russo; ainda não publicamos a obra-prima de Leo Kofler, *Contribuição à história da sociedade burguesa*, etc.), as obras mais importantes e mesmo as não tão importantes assim de Marx, Engels e Lenin contam com uma ou várias traduções; Hegel já conta com uma reconhecida boa tradução de sua *Fenomenologia do Espírito* e a publicação da tradução da *Ciência da Lógica* está em andamento; Espinosa conta com uma tradução bilíngue de sua *Ética*; Kant, que já contava com a excelente tradução da *Crítica da Razão Pura* (pela Calouste Gulbenkian, nesse caso uma editora portuguesa), teve traduzidas sua *Crítica do Juízo* e a *Crítica da Razão Prática*; Gramsci recebeu a cuidadosa edição de sua obra por Carlos Nelson Coutinho – numa lista que poderia se estender muito mais. Um estudante, hoje, não pode imaginar a dificuldade que era ter acesso a estas e outras obras clássicas há poucas décadas.

Ao lado desse desenvolvimento editorial no país, um fato conexo é da maior importância: forma-se uma nova geração de tradutores cujo amadurecimento e crescimento as próprias traduções têm evidenciado. Talvez possam servir de exemplos ao que me refiro – longe de esgotar a lista de exemplos igualmente possíveis –, as boas traduções de *A Ideologia Alemã* (Boitempo, 2007) e dos *Manuscritos de 1844*, de Marx (Martin Claret, 2015), de *Teoria geral do direito e o marxismo*, de Pachukanis (Sunderman, 2016).

Contudo, perpassa parte significativa das novas traduções de Marx, Engels e Lukács um problema de fundo que, talvez, possa ser inicialmente qualificado como formalismo abstrato e certo culto à novidade. Como as traduções da *Ontologia* e dos *Prolegômenos* de Lukács sofreram desse problema, nele nos deteremos com algum cuidado.

Guilherme de Ockham, o célebre pensador medieval, discípulo de Duns Scotus e dos maiores nominalistas, estabeleceu um princípio que tem se mantido válido no desenvolvimento da ciência e da filosofia desde então – em que pesem as polêmicas ao seu redor e mesmo levando-se em conta as diversas formulações que têm recebido. No fundo, sua validade por tantos séculos se baseia em que, se é mais do que puro bom senso, é bem pouco mais do que isso. Diz a sua “Navalha de Ockham” que entre duas formulações com o mesmo conteúdo, a mais simples é a preferível; em segundo lugar, que formulações já estabelecidas pelo uso e pelo costume apenas devem ser substituídas por novas depois de comprovadas tanto a debilidade das

formulações antigas quanto a superioridade das novas.

Nas novas traduções de Marx, Engels e Lukács, a “Navalha de Ockham” com frequência está ausente. Complica-se desnecessariamente o que já não seria, por si mesmo, simples. Introduzem-se novas formulações e vocábulos para categorias que já contavam com traduções assentadas e consolidadas, que passaram pela prova do tempo e que não representam nenhum óbice à compreensão do texto traduzido. Fazem-no, contudo, sem demonstrar a falha das antigas traduções nem a superioridade das novas. Na enorme maioria das vezes – portanto, nem sempre –, a opção é justificada com a alegação de que é uma forma mais próxima ao original (no caso de Marx, Engels e Lukács) alemão. Este argumento da proximidade ao alemão é feito do ponto de vista puramente formal, linguístico, sem se ater ao também importante aspecto do conteúdo a ser expresso. E numa obra como os manuscritos póstumos de Lukács, em que o significado das categorias muito frequentemente é dado pela totalidade da sua estrutura categorial, o aspecto meramente formal tem se mostrado insuficiente.

Para tomar apenas um exemplo, sem deixar de ser importante, ainda assim secundário: *Geradesosein* tem uma tradução já estabelecida e provada por décadas nos mais diversos textos e autores marxianos: ser-precisamente-assim. Seu conteúdo também é claro e preciso: o que existe fora da consciência e, desta, independente. O “ser-precisamente-assim existente”, uma expressão que aparece inúmeras vezes em Lukács, tem um conteúdo preciso: o ser que existe, tal como existe, no mundo objetivo, externo à consciência e é desta independente. O ser-precisamente-assim da natureza inclui, por exemplo, sua causalidade própria, sua existência anterior ao ser social etc.

Em algumas das novas traduções, *Geradesosein* recebeu uma nova versão: ser-propriadamente-assim. Qual a debilidade ou defeito de ser-precisamente-assim como tradução de *Geradesosein*? Nada nos foi informado. Ainda estamos para ser esclarecidos em que ser-propriadamente-assim seria superior a ser-precisamente-assim para expressar o conteúdo a ser traduzido. Mesmo nesse caso tão periférico, já há uma consequência grave: o leitor é levado a crer que Lukács seria distinto de Marx ou Engels nesse particular, impressão absolutamente inverídica. A nova tradução sugere uma diferença entre esses clássicos absolutamente inexistente. Tanto para Marx e Engels, quanto para Lukács, *Geradesosein* tem o conteúdo preciso do ser-precisamente-assim existente fora de nossa consciência e que, em aberta confrontação com Kant, pode ser apreendido pela nossa consciência.

Essa apreensão do ser-precisamente-assim pela consciência se dá, para Marx, Engels e Lukács (para continuar com os pensadores a nós mais próximos) pelo reflexo. O processo de reflexo do real na consciência é expresso por dois termos em alemão (*Spiegelung* e *Widerspiegelung*). A diferença entre eles é intraduzível ao português porque temos uma única palavra (reflexo) que cobre todo o significado de ambas as palavras no alemão. Longa discussão, principalmente contra o marxismo vulgar, foi travada por Lukács (e vários outros teóricos) para recuperar e defender a concepção original de Marx e Engels, que compreendiam o reflexo como atividade da consciência: uma atividade pela qual a consciência reproduz as determinações do existente.

Contra a redução do conteúdo da consciência à mera reprodução mecânica do real, contra o rebaixamento da relação da subjetividade com o mundo objetivo a uma determinação imediata daquela por este, em franca oposição, enfim, à concepção mecanicista tão presente no interior do marxismo, Lukács não apenas argumentou, como ainda demonstrou em detalhes as mediações ontológicas que articulam o processo objetivo do mundo com o processo subjetivo da consciência, tanto na ciência (os processos desantropomorfizantes) quanto na filosofia e na arte (os processos antropomorfizantes). O reflexo ganha, assim, um conteúdo em Lukács (mas, também, em Marx e Engels) preciso e muito rico: a atividade pela qual a consciência, pela mediação fundante do trabalho, é capaz de reproduzir como ideia, como representação, como categoria teórica, as determinações ontológicas do ser-precisamente-assim existente.

Argumenta Lukács, em seus manuscritos, em diversas passagens, que o reflexo não pode ser tomado como o reflexo mecânico e imediato da objetividade na subjetividade. Por exemplo:

Por outro lado, segue-se deste distanciamento e objetivação que as imagens não podem ser jamais mecanicamente cópias fiéis, quase fotográficas, da realidade. Elas são sempre determinadas pelas posições de finalidade, portanto, geneticamente falando, pela reprodução social da vida, originariamente pelo trabalho. (Vol. 14, p. 31).

Ou, no capítulo sobre Hartmann:

Apenas o pensamento mecanicista-metafísico do período moderno – antes de tudo o materialismo vulgar de meados de século 19 – gradualmente degradou a mimese a uma imitação fotográfica da realidade. (Vol. 13, p. 452).

Pois bem, em várias das novas traduções, *Spiegelung* e *Widerspiegelung* são traduzidos por “espelhamento”. Novamente, não foi demonstrada a superioridade da nova tradução, nem a inferioridade da antiga – e com uma evidente desvantagem do ponto de vista da expressão do conteúdo do reflexo em Marx, Engels e Lukács: para eles, a consciência nem é, nem funciona como um espelho! A atividade da consciência é a de elaborar, através de uma atividade longe de ser simples e bastante variada nos seus procedimentos (o reflexo artístico não possui as mesmas mediações do filosófico, do científico etc.), uma representação do mundo exterior que reflita as determinações ontológicas deste. Que esse refletir seja um eterno processo de aproximação não cabe discutir aqui. Importa apenas assinalar que “espelhamento” é uma opção claramente inferior a “reflexo” para expressar o conteúdo desta categoria na tradição de Marx, Engels e Lukács, pois indica uma relação mecânico-imediata de determinação da consciência pelo mundo objetivo.

Talvez o caso das novas traduções que se tornou mais conhecido foi a proposta de substituir a tradução de *Mehrwert*, da tradicional mais-valia, por mais-valor. As observações críticas de Claus Germer e Pedro Leão da Costa Neto (2012) expõem com clareza a questão e os problemas decorrentes de se introduzir uma nova tradução quando a antiga, já consolidada, não traz obstáculos à apreensão pelo leitor do conteúdo pretendido pelo autor. Não

há por que repetir o texto de Germer e Costa Neto, e apenas indicaremos que, nas passagens e categorias de *O Capital* de Marx, seguimos em todos os casos a tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe para a Abril Cultural, exceto na expressão de *Gesamtarbeit* e seus derivados, que preferimos traduzir por “trabalho como um todo”, pelas razões que já expusemos em um artigo (Lessa, 2011).

Em se tratando dos manuscritos póstumos de Lukács, provavelmente o caso mais notório é o que envolve a tradução de *Entfremdung*. Esta inovação foi trazida ao Brasil por José Chasin a partir da leitura da tradução ao italiano da *Ontologia* de Lukács por Scarponi – a primeira vez que Chasin trouxe a público tal inovação foi na banca de defesa do doutoramento de Ricardo Antunes, se não me falha a memória. Tal alternativa foi, a seguir, intensamente defendida pelos membros do antigo grupo Ensaio – grupo do qual fizemos parte por vários anos.

Naqueles anos, argumentávamos que o “estranhamento” seria a desumanização do ser humano pelo ser humano, enquanto a “alienação” seria a autoconstrução humana do ser humano. Colocamos estranhamento no lugar de alienação, e no lugar da exteriorização (*Entäußerung*), colocamos alienação. Criamos uma confusão que não foi pequena! Nada surpreendente que, pouco tempo depois, o céu tenha caído em nossas cabeças!

O equívoco se desfez quando passamos a consultar os textos em alemão, tanto dos manuscritos póstumos de Lukács quando os de Marx, em especial *O Capital* e os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*. Percebemos, então, que tinham razão aqueles que, por anos, nos assinalavam o equívoco argumentando que traduzir *Entfremdung* por estranhamento não passava de uma hegelianização de Marx e de Lukács^a.

Em alguma medida como autocrítica, mas principalmente como uma tentativa de esclarecer a questão, tive a oportunidade de publicar um apêndice à edição dos Manuscritos de Paris e dos Manuscritos de 1844 pela Expressão Popular (2015, edição sob a supervisão de José Paulo Netto). Lá argumento, no essencial, que “estranhamento” é um processo que necessariamente pressupõe, senão a consciência de se estar “estranhado”, ao menos a intuição ou sensação de não se estar “em casa”, no “aconchego” do que é conforme ao sujeito que sente ou intui. Em ambos os casos, o estranhamento possui por mediação a consciência; o estranhamento apenas pode existir como um estado da consciência. No contexto do pensamento de Hegel, isto faz sentido: por essa razão algumas vezes traduz-se, em Hegel, *Entfremdung* por estranhamento – ainda que isso não seja uma unanimidade mesmo entre os hegelianos^b.

Contudo, para Marx, Engels e Lukács – para permanecer no nosso horizonte mais próximo –, a alienação é um processo objetivo que pode ter

a Apenas como registro: Nicolas Tertulian, José Paulo Netto, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho eram os que mais insistiam em demonstrar nosso equívoco.

b Por exemplo, Paulo Meneses preferiu alienação ao traduzir a *Fenomenologia do Espírito* (Vozes, 1992), bem como os tradutores (dos quais também faz parte Paulo Meneses) da *Filosofia do Direito de Hegel* (Unisinos, 2010). Cf. tb. Inwood: A Hegel Dictionary. Blackwell, Inglaterra, 1996 p. 35 s.

vários e variáveis reflexos na consciência^a. Pode, até mesmo, não se fazer presente na consciência enquanto alienação – e isso ocorre com frequência na história. Na escravidão entre os gregos, por exemplo. Aristóteles postulava serem os escravos instrumentos de produção, tal como o cavalo e a enxada – e isso não era, para o maior pensador da Antiguidade, qualquer alienação, mas mera expressão da inalterável essência humana. Os burgueses em sua grande maioria não se sentem estranhos ou estranhados pelo capital – ao contrário, a alienação objetiva que o capital essencialmente constitui é a manifestação da sua potência enquanto classe. Um machista empedernido dos nossos dias não se reconhece “estranhado” pelo patriarcalismo. Em poucas palavras, classes inteiras, senão toda uma sociedade, podem se “reconhecer” em um processo alienante, com o que a consciência não reflete tal processo como “estranhado” e, contudo, continua sendo objetivamente uma alienação, independentemente desse seu reflexo na consciência.

Essa “hegelianização” de Marx, Engels e Lukács é, claro está, um equívoco, e a antiga tradução de *Entfremdung* por alienação (e de *Entäusserung* por exteriorização) tem se demonstrado uma opção muito mais capaz de expressar o conteúdo dessa categoria nos clássicos do marxismo e em Lukács do que a nova opção por estranhamento.

Por vezes, as novas modalidades de tradução forçam opções que são, no mínimo, problemáticas. Na tradução de *Spielbild* nas palavras de Jordan citadas por Lukács (Volume 13, p. 305), em que “a inclinação da matéria para o aumento da entropia... pode ser considerada como imagem refletida (*Spielbild*) (...) do pecado original”, a opção por traduzir *Spiegelung* por espelhamento induziu a tradução a optar por “espelho físico”, com o que a frase se torna de difícil entendimento: “o aumento da entropia pode ser considerado como um espelho físico (...) do pecado original”.

Traduzir *Entfremdung* por estranhamento também traz problemas. A começar pelo fato de que ressoa muito próximo a “estranho”. Com isso, a expressão da relação em que algo é estranho (mas não alienado, por exemplo, na frase “a língua chinesa é uma língua a mim estranha”) se torna fonte de confusões, por vezes conduzindo a verdadeiras ginásticas. Na p. 494 do Volume 13 (capítulo sobre Hegel) da *Ontologia*, afirma Lukács: *Der Unterschied von Fremdsein und Entfremdetsein ist rein ontologisch gemeint*, “A diferença entre ser-estranho e ser-alienado é puramente pensada ontologicamente”. A opção por traduzir *Entfremdung* por estranhamento conduziu à tradução “A diferença entre ser-estranho e ser-estranhado (...)”, uma alternativa bem menos clara.

Os casos acima comentados estão longe de esgotar os episódios de inovações não justificadas que dificultam a compreensão do conteúdo a ser traduzido. Ainda que não componham um quadro completo, esperamos, contudo, que autorizem nossa indicação do quanto tem predominado, nestes momentos, o aspecto meramente formal. No geral, preocupa-se quase exclusivamente com um aspecto, o significado desta ou daquela palavra, deste ou daquele sufixo ou prefixo, deste ou daquele vocábulo, como se não

^a Cf., p. ex., de Marx, o final do Capítulo I da quarta edição alemã de *O Capital*, em que trata do fetichismo da mercadoria; de Marx e Engels, *A sagrada família* (Boitempo, 2003); de Engels *Do socialismo utópico ao científico. Textos I*. (Edições Sociais, São Paulo, 1977), e de Lukács a primeira parte do capítulo A Alienação, da *Ontologia* (Volume 14 da presente edição).

houvesse nada mais a ser considerado.

Isto está presente em todos os casos aqui citados, mas se faz mais agudamente perceptível na tradução de *Aufhebung*. Hegel confere um novo significado a esse vocábulo ao fazê-lo expressar o momento em que o antigo é superado pelo novo em um processo no qual o novo apenas pode ser o antigo desdobrado, portanto, em uma circunstância em que o velho desaparece e, contudo, continua subsistindo no novo.

O tratamento lógico das determinações ontológicas por Hegel tem um de seus principais problemas no fato de que tudo o que vem depois deve conter em si o que já ocorreu antes; portanto, a rigor o novo não existe, é apenas o desdobramento do antigo e, correspondentemente, o desaparecimento também não pode ocorrer de modo completo, pois algo do antigo sempre subsiste no novo. A concepção teleológica da história em Hegel tem aqui um seu nódulo decisivo.

Marx e Engels retiraram a *Aufhebung* desse invólucro logicista ao inseri-la na história: os termos já se alteram. A superação do feudalismo pelo capitalismo certamente possui traços de continuidade (são mantidas as classes sociais, o Estado, a família monogâmica, a propriedade privada, a política etc. etc.), mas, nesse processo, o decisivo é a ruptura, é a descontinuidade. O feudalismo desapareceu, deixou de existir, e foi superado pelo capitalismo. Este, ainda que tenha suas origens no interior do feudalismo, não é o feudalismo desdobrado, nem o feudalismo é o capitalismo em germe. Um não pode ser reduzido ao outro por uma relação ser em germe/ser desdobrado.

A tradução de *Aufhebung* por superação é suficiente para expressar esse novo conteúdo a ela dado por Marx e Engels e, por extensão, por Lukács. Mas, do ponto de vista linguístico, avalia-se que não é uma tradução exata. Para se dar conta das muitas nuances presentes nessa expressão alemã, foram propostas várias alternativas. Na tradução dos manuscritos póstumos de Lukács no Brasil, optou-se por suprassunção no lugar de superação. Novamente, sem ter sido demonstrado o problema da alternativa antiga (superação) e qual a vantagem da nova (suprassunção).

Tomemos, por exemplo, a frase que poderia ser de Marx, Engels e Lukács: “A superação da propriedade privada no comunismo”. Em que medida seu conteúdo seria mais bem expresso pela variante: “A supra-sunção da propriedade privada no comunismo”? Ou, ainda, por esta outra variante: “A suprassunção da propriedade privada no comunismo”? Em que medida suprassunção seria superior ou inferior a supra-sunção, no caso de preterir-se superação para expressar o conteúdo de *Aufhebung* nos três pensadores?

Veja-se, por exemplo, a posição de Marcelo Backes, um dos melhores tradutores da nova geração, em sua nota da tradução do texto de Marx e Engels *A sagrada família* (Boitempo, 2003). A assinalar o aspecto positivo – e raro – de sua tomada de posição por escrito acerca das questões. Seu brevíssimo resumo de como na filosofia clássica alemã os conceitos de *Entäusserung*, *Entfremdung* e *Aufhebung* vão se desenvolvendo até serem apropriados por Marx e Engels – um aspecto certamente importante na compreensão do problema – serve como base para justificar suas opções na tradução de *A sagrada família*. Contudo, nem sequer é mencionado o aspecto, talvez ainda mais importante,

de em que medida o conteúdo de *Entfremdung* em Marx e Engels pode ser mais bem expresso por “estranhamento” do que por “alienação”; o conteúdo de *Enttäusserung* pode ser mais bem expresso por “alienação” e apenas algumas vezes por “exteriorização”; e *Aufhebung* poderia ter seu conteúdo mais bem expresso por “suprassunção” do que por “superação”. Seu argumento de que estranhamento é a melhor opção para a tradução de *Entfremdung*, exceto na expressão *Selbstentfremdung* (autoestranhamento, de fato, é uma contradição em termos), não é sem importância, mas certamente não é resolutivo da questão.

A desconsideração pelo conteúdo a ser expresso, a exagerada importância ao aspecto formal da correlação do português com o alemão, é o que me levou a caracterizar, acima, as novas traduções como sendo, em geral, marcadas por um formalismo abstrato que é, em si mesmo, bastante problemático. Pois, perdida a referência fundamental ao conteúdo a ser expresso, a discussão meramente formal e abstrata perde o único solo em que pode lançar raízes sólidas e, então, todas as opções parecem ser igualmente justificadas. Podem-se alinhar legítimos motivos puramente formais a justificar a superioridade de “suprassunção” ante “supra-sunção”, ou o contrário. Contudo, resta a questão: por que “superação” expressaria pior o conteúdo de *Aufhebung* em Marx, Engels e Lukács do que “supra-sunção” ou “suprassunção”?

Desnecessário argumentar que esse formalismo abstrato é um terreno fértil para vicejar o culto ao novo e à novidade, aquele culto tão caro ao nosso mundo fetichizado e que tanto projeta carreiras acadêmicas quanto vende livros em nome da novidade.

Optamos sempre por traduzir *Aufhebung* por superação, *aufheben* por superar, etc., exceto em três ou quatro ocasiões, que foram indicadas mantendo-se entre parênteses o termo em alemão.

IV

Essa lembrança das virtudes da Navalha de Ockham não significa, claro está, negar a existência de problemas que estão à busca de melhores soluções nas traduções dos textos de Marx, Engels e Lukács. Ao contrário. Problemas existem, a questão é a qualidade das soluções que são oferecidas. Nesta tradução, há dois casos em que a tradução é bastante complicada e preferimos tentar uma nova alternativa. Ambos dizem respeito a complexos sociais nos quais a presença da consciência é de elevada importância.

O primeiro caso se refere às categorias que fazem parte da mediação do complexo de valores. Muito sumariamente: a objetivação de uma teleologia sempre, inexoravelmente, põe um valor objetivo. Este valor objetivo se relaciona com a teleologia que está em sua origem e, simultaneamente, é portador de possibilidades e necessidades objetivas novas, postas pela própria objetivação e pelo processo de generalização objetivo que sempre a acompanha. O afastamento das barreiras naturais, o desenvolvimento das forças produtivas etc. inclui, também, a criação e o desenvolvimento objetivo de valores.

Todo desenvolvimento objetivo, pelas mediações as mais diversas,

sempre com contradições e sempre de modo desigual, termina por ter seu reflexo na consciência. Esta, como mediação da continuidade do ser social, necessariamente tem que também refletir os valores que vão surgindo objetivamente. O reflexo destes valores é o fundamento ontológico das elaborações teóricas acerca dos complexos valorativos. Concomitantemente, tais elaborações teóricas, ao colaborarem nas escolhas das alternativas a serem objetivadas, terminam a interferir nas objetivações e, pelas mediações as mais diversas, exercem um papel no desenvolvimento dos valores objetivamente postos e, por conseguinte, contribuem para o desenvolvimento do ser social como um todo.

Lukács emprega cerca de uma dezena de categorias para descrever esse complexo de interações. Após as pesquisas de Mariana Andrade (Andrade, 2007), nos pareceu o mais acertado traduzir tais categorias da seguinte maneira: *wertvoll* – pleno-de-valor; *wertlos* – desprovido-de-valor, *wertfrei* – livre de valor, *bewerten* (e derivados) – avaliar, *Bewertung* – avaliação, *Beurteilung* – apreciação, *Wertung* – valoração, *Wertgeltung* – validade-de-valor, *wertheftigkeit* e *wertmässigkeit* – valorosidade, *wermässig* – valorosamente.

O segundo caso é composto pelas mediações ontológicas que atuam no reflexo pela consciência do ser-precisamente-assim existente. Do ponto de vista mais geral, as dificuldades são equivalente: o reflexo é uma atividade da subjetividade que, pela mediação das objetivações, possui um efeito objetivo no desenvolvimento social. As dificuldades residem, primeiro, em *Vorstellung* e *Abbildung*. O primeiro com grande frequência vem traduzido por “representação”, o que impõe a tradução de *Abbildung* por “reprodução”. A segunda dificuldade está em *Abbild*, literalmente cópia, o que conduziria *Abbildlichkeit* a ser traduzida por “copiedade”. Cópia e copiedade são ruins por se aproximarem ou sugerirem a relação de mecânica determinação da consciência pela objetividade. Pela mesma razão, descartamos as possibilidades de “retrato” e “retratabilidade”. Para contornar esses impasses, estamos sugerindo a alternativa de, apenas no caso do ato da consciência de refletir o real, traduzir *Vorstellung* por “ideação”, mantendo “representação” para todos os outros casos. Para distinguir a “representação” de *Abbildung* da “representação” de *Vorstellung*, este último caso vem sempre acompanhado do termo alemão entre parênteses. Com isso podemos reservar “imagem” para *Abbild* e “representabilidade” para *Abbildlichkeit*. Nossa opinião é que ao longo do texto dos manuscritos essas escolhas se legitimam, mas esta alternativa precisa ser comprovada pelo seu uso nas pesquisas e investigações..

Essas foram as linhas gerais e os critérios que procuramos seguir na tradução. Passaremos agora a indicar algumas questões que, cremos, o leitor, principalmente o estudioso, deverá levar em conta.

1) *Gattungsmässigkeit* é de difícil tradução. É o abstrato de gênero. Generalidade deve ser reservada para *Allgemeinheit*. Traduzir por “espécie” não é menos problemático, pois muitas vezes é empregado para expressar o caráter genérico dos humanos e este não se confunde com a espécie no sentido biológico – algumas traduções dos textos de Lukács para o inglês padecem desse problema. A alternativa até agora proposta, a de *genericità* por

Scarponi se tornou uma unanimidade nas traduções. No português firmou-se a tradução de *genericità* por generidade, proposta por Chasin.

2) Preferimos traduzir *teleologische Setzung* por “posição teleológica”, reservando “pôr teleológico” para *teleologische Setzen*; *Sollen* traduzimos por “dever”, deixando “dever-ser” para *Seinsollen*.

3) A tradução do par *Ziel* e *Zweck*: *Ziel*, literalmente, é “fim”, no sentido de finalidade. Preferimos traduzi-lo por “finalidade” para evitar que uma expressão como o “fim do ato de trabalho” fosse compreendida como o término, o encerramento, do ato de trabalho. *Zweck*, traduzimos por “propósito”, que atende bem ao sentido que lhe confere Lukács e, ainda, por se distinguir com clareza de *Ziel*.

4) Kant e o finalismo da natureza. A expressão kantiana é *Zweckmäßigkeit ohne Zweck*. Valério Rohden traduz por “conformidade a fins sem fins” (Rohden, 1995: 72); Vaisman preferiu “finalidade sem escopo”. Optamos por “intencionalidade sem propósito”, que nos parece um pouco mais fiel ao sentido da crítica de Lukács a Kant e aos kantianos.

5) Traduzimos *überwiegen* e derivados por “preponderar” e derivados, reservando “predominante” para “momento predominante” (*übergreifende Moment*).

7) *Beschaffenheit*, traduzimos por qualidade e não por constituição, por ser a opção mais próxima do uso cotidiano e que expressa com precisão o conteúdo do texto de Lukács, bem como para distinguir de *Konstitution*. Pelas mesmas razões, em relação a *Zusammenhang*, optamos por “conexão”, preterindo a opção “contexto”, que reservamos para *Kontext*.

8) Optamos por traduzir *Wirksamkeit* por operatividade, e *wirklich* por operante, reservando efetividade para *Effektivität*.

9) Mantivemos as traduções tradicionais para *Ansichseienden* (emi-si-existente), *Nichtseienden* (não-existente), *Dasein* (existência, exceto em Heidegger e algumas citações de Hegel, nas quais é traduzido por ser-aí), *Sosein* (ser-assim) e *Geradesosein* (ser-precisamente-assim). Não vemos razões para preteri-las.

10) *Grundlage*, traduzimos por base, deixando fundamento para *Grund* e seus outros derivados.

11) Traduzimos *kompliziert* por “complicado”, para distinguir de *komplexe*, o adjetivo “complexo”.

12) *Weltanschauung* é sempre traduzido por “concepção de mundo” e, correspondentemente, *Anschauung* por “concepção”, exceto alguns poucos casos indicados com o alemão entre parênteses.

13) *Gesamt* foi traduzido pela expressão “como um todo”, reservando-se totalidade para *Totalität* e *Gesamtheit*. Neste último caso, colocamos sempre entre parênteses o alemão para distinguir de *Totalität*.

14) *Selbständig* e *unabhängig*, preferimos traduzir, ambos, por independente/independência, o que não é uma opção muito segura e talvez seja um caso a ser revisto no futuro. Optamos por esta alternativa pelo fato de que uma autonomia é sempre relativa, pois uma autonomia absoluta já é uma independência. Faz sentido uma independência relativa, mas não uma autonomia relativa, como tradução de *relative Selbständigkeit*. Com isso pudemos

manter autônomo e autonomia para *autonomen*, *Autonomie* e variações.

15) *Gegensatz* e derivados, *widersprüchlich* e derivados: mantivemos oposição e derivados para o primeiro, e contradição e derivados para o segundo, devido a passagens como esta:

Hegel untersucht nämlich jene Verhältnisse, in denen die primitivste Wesensart aller Gegenstände - Prozesse etc. mit inbegriffen - als die ihrer Beziehung auf sich selbst und zugleich auf jede andere in einer Kategorienreihe des jeweiligen Umschlags ins Gegensätzliche von der Identität bis zur Widersprüchlichkeit führt. (Para ser preciso, Hegel examina aquelas relações nas quais a espécie mais primitiva de essência de todos os objetos - processos etc. inclusos - como relações consigo próprios e, ao mesmo tempo, com todo outro, conduz, em uma série categorial do respectivo traspasar da identidade em opositividade (*Gegensätzliche*), até a contraditoriedade - *Widersprüchlichkeit*). (Volume 13, p. 535).

16) *Objektivierung* e *Vergegenständlichung* são empregadas por Lukács para expressar a objetivação. Contudo, há alguma diferença entre os dois termos que, confessamos, não conseguimos precisar ao longo desses anos de estudo da *Ontologia*. Como para nós não é nítida a diferença entre os dois termos, traduzimos os dois por objetivação, mas isso pode ser algo para o que, no futuro, consigamos uma tradução mais precisa.

17) *Wesensschau* é uma categoria que comparece com mais frequência entre os filósofos da Fenomenologia ou próximos a ela, como os existencialistas, e também tem um papel decisivo em Heidegger. Não há um consenso na tradução para o português. O tradutor da *Filosofia do idealismo alemão*, de Hartmann, para a editora Calouste Gulbenkian (Portugal) traduziu por “intuição de essências” (p. 457) e por “intuição essencial” (p. 477); Castilho, na tradução de *Ser e Tempo* de Heidegger, preferiu “visão de essência” (p. 419). Optamos por “intuição de essências”, mas não passa de uma insegura aproximação.

18) *Besonderheit* e *Partikularität*. Ambos são traduzidos por particularidade. Contudo, em Lukács há uma diferença importante de conteúdo. *Partikularität* se refere à particularidade alienada, *Besonderheit* se refere à ineliminável particularidade ontológica, por exemplo, dos indivíduos humanos. Para distinguir os dois, assinalamos sempre a particularidade alienada colocando *Partikularität* entre parênteses.

19) Seguimos a opção de Vaisman e Schneider (relação de reflexão) para a tradução de *Reflexionsverhältnis*. A tradução anterior, por “determinação reflexiva”, sugere que a reflexão seja uma determinação da relação enquanto tal, quando, na realidade, a reflexão ocorre na determinação mútua entre os dois (ou mais) polos de uma relação. Relação de reflexão expressa melhor esse conteúdo do texto de Lukács.

20) Fizemos todo o possível para manter intactas as traduções para o português das obras citadas por Lukács. Toda boa tradução tem a sua integridade, e respeitá-la é sempre a melhor alternativa nas citações. Por vezes isto gera alguns conflitos formais (por exemplo, a tradução de *Dasein* nas traduções de Hegel por ser-á e não por existência); ainda assim, salvo

casos extremos nos quais os conflitos eram consideráveis, os quais sempre indicamos nas notas, optamos por manter a integridade das traduções citadas.

VI

Antes de passar ao indispensável parágrafo de reconhecimentos e agradecimentos, devemos mencionar a insatisfação quanto ao resultado final. Esperamos que aquilo que, na presente edição desta tradução, nos parecem contribuições sejam confirmadas, ao longo do tempo, de fato como contribuições. Esperamos também que as novas edições a serem publicadas até 2033 consolidem uma tradução consistente e nos possibilitem um acesso mais preciso e correto ao texto lukacsiano; que o índice de assuntos seja cada vez mais completo e abrangente e que a edição crítica dos manuscritos, com a comparação dos textos preparados por Scarponi e Benseler com os manuscritos de Lukács, auxiliem nosso conhecimento do pensamento do filósofo húngaro. Esperanças à parte, a carência de um conhecimento mais profundo da língua alemã e de sua evolução no século passado, o desconhecimento das obras de Nicolai Hartmann, Carnap, Sartre e de vários outros autores comentados por Lukács, somados à exaustão de uma tarefa que se estendeu por vários anos diuturnamente, são fatores que contribuíram para que a presente tradução esteja distante da que merece o texto de Lukács. As críticas e observações são, além de necessárias, desde já mais do que bem-vindas!

Nenhum parágrafo de agradecimento e de reconhecimento seria possível sem uma menção ao velho José Chasin. Não apenas pelas aulas, discussões e sessões de orientação, mas também pelas longas conversas madrugadas adentro sobre as vias da filosofia e os meandros da história. A leitura imanente, o método de investigação rigoroso e preciso, a exigência que nos leva a não conceder aos defeitos da investigação, mas que, ao mesmo tempo, não nos paralisa por estabelecer um patamar sempre inatingível, muitas e muitas foram as lições que aprendi com meu antigo mestre. A divergência política que acabou nos separando e que terminou por fragmentar o grupo que havia se aglutinado ao redor da Revista Ensaio, bem como os seus equívocos na interpretação do Brasil contemporâneo, não diminuíram, com o tempo, a minha admiração por seu conhecimento e a minha gratidão pelo que me ensinou.

Desde então, muitas foram as pessoas importantes para o presente projeto de tradução da *Ontologia*. Ivo Tonet, o camarada desde sempre; Cristina, Gilmaisa, Norma e Edlene, companheiras por décadas no estudo e na pesquisa. Enio, Camilinha e o grupo que se reunia ao redor deles em São Paulo, responsáveis pelos primeiros passos do que viria a ser o Instituto Lukács, local em que se iniciou o projeto da tradução. O agrupamento Labuta, de Vitória da Conquista, e, mais recente e decisivamente, os integrantes do Coletivo Veredas. Sem Milena e Guto, Zilas e Aninha, Artur, Verônica, Renata, Julinha de Fortaleza e Escolástica de Teresina, esta tradução não teria sido possível. Sem o comprometimento de Atahualpa, Fernanda, Thayná, Flaviane e Marcella nessa etapa final, sem a generosidade do Sidney na

revisão do português, sem a enorme paciência de Knuth ao nos conduzir pelos meandros do alemão, o propósito não teria sido realizado. E um agradecimento especial a Mariana, que não apenas fez a apresentação, revisou o volume 14, deu sugestões decisivas para toda a tradução, como ainda tem sido uma companheira indispensável nas investigações dos manuscritos póstumos de Lukács. Se nossa sociedade fosse justa, todos esses nomes teriam, de algum modo, de ser nomeados como cotradutores.

Espero que o leitor entenda corretamente minhas palavras: não quero com elas jogar nas costas de todos esses camaradas, e no colo de tantas amizades, os equívocos e erros da tradução: estes são, em verdade, de minha exclusiva autoria!

Que faça, o leitor, bom proveito. E até o nosso próximo encontro, na edição de 2023!

Bibliografia

- Andrade, M. (2007). *Ontologia, dever e valor em Lukács*. Coletivo Veredas, Maceió.
- Germer, C. e da Costa Neto, P. L. (2012) “Comentário à tradução dos *Grundrisse*”. Revista Crítica Marxista n. 34, Ed. Unesp, São Paulo.
- Hegel (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Ed. Vozes, São Paulo.
- Hegel (2010). *Filosofia do Direito*. Ed. Unisinos, São Leopoldo.
- Inwood (1996). *A Hegel Dictionary*. Blackwell, Inglaterra.
- Lessa S. (2013). *Lukács: o método e seu fundamento ontológico*. In Montañó, C. e Lustos, R. (orgs.). *Conhecimento e sociedade: ensaios marxistas*. Ed. Outras Expressões, São Paulo.
- Lessa, S (2011). “Trabalhador Coletivo no Livro I de *O Capital*”. Rev. Crítica Marxista n. 32, Ed. Unesp, São Paulo.
- Lessa, S. (2016). *Mundo dos Homens*. Coletivo Veredas, Maceió.
- Lukács, G. (1986). *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins. Georg Lukács Werke*, vols. 13 e 14, Luchterhand Verlag, Frankfurt.
- Lukács, G. (1990). *Prolegomeni all' Ontologia dell' Essere Sociale*. Ed. Guerini e Associati, Milão.
- Lukács, G. (2005). *Ontologia del ser social: el trabajo*. Herramienta, Buenos Aires.
- Lukács, G. (2007). *Marx, ontologia do ser social*. Ediciones Akal, Madrid.
- Lukács, G. (2010). *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social*. Boitempo, São Paulo.
- Lukács, G. (2011). *Ontologie de l'être sociale: le travail, la reproduction*. Éd. Delga, Paris.
- Lukács, G. (2012). *Ontologie de l'être sociale: l'idéologie, l'aliénation*. Éd. Delga, Paris.
- Lukács, G. (2013). *Ontologia del ser social: la alienación*. Herramienta, Buenos

Aires.

Lukács, G. (Vol. I, 1976, Vol. II, 1981). *Per una Ontologia dell' Essere Sociale*. Ed. Rinuti, Roma.

Lukács, G. (Vol. I, 2012, Vol. II, 2013). *Ontologia do Ser Social*. Ed. Boitempo, São Paulo.

Nogueira Machado, Pe. (2016). “Apresentação” in Hegel: Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio, Vol. II. Ed. Loyola, São Paulo, 2016, p. 9.

Rohden, V. (1995). *Crítica da faculdade do juízo*. Forense Universitária, Rio de Janeiro.

ÍNDICE ONOMÁSTICO (VOLUMES 13 E 14)

A

- Adler, Fr. 575
Adler, M. 74, 575, II 298 s.
Altenstein, K. v. 513 s., II 567
Anders, G. 380 s., II 725
Andersen H. Chr. 3 59
Antípatro 206, II 703
Archimedes 296
Aristarco 329
Aristófanés II 590
Aristóteles 206, 226 s., 328, 334, 392, 430, 448, 452, 459, 483, 515, 531, 542,
574, 639, 666, 681, II 13 s., 16 s., 18 s., 31-34, 37 s., 43, 51, 80, 101, 160,
229, 233, 293, 306, 309 s., 318, 363, 373 s., 395, 415, 473, 524, 703
Agostinho 336, 70, II 72, 630
Avenarius, R. 326, 342, 345, 352

B

- Bach, J. S. II 537
Bacon, R. 33, 329, II 395 s.
Balzac, H. de 73, 101, 462, 663, II 81, II 536, 689
Barth, K. 412-415, II 630 s.
Bartók, B. II 537
Bauer, B. 32, 95, II, 560, II 141, II 229-31, 553, 560, 364, 567
Bauer, O. 149
Baudelaire, Ch. II 569
Bavink, B. 402, 403
Bayle, P. 93
Beethoven, L. van 210, II 678
Belarmino, Cardeal 7, 31, 34, 337-339, 342, 344-346, 349, 418 s., 425, 440,
473, 533, II 58 s., II 108, 11386, 11631
Bentham, J. II 71
Bergson, H. 341 s., 372, 393, 478
Berkeley, G. 339, 351, 527, II 396
Bernal II 25
Bernstein, E. 234, 575

Bismarck, O. v. II 436 s., II 439, 550, II 567
 Bloch, E. 407, II 391, II 458, 521, II 655
 Bloch, J. 676, 227
 Böll, H. 154
 Boisguillebert, P. II 318
 Boltzmann, L. 528, 569, 627, II 388, II 512
 Bonhoeffer, D. II 655
 Brecht, B. 337 s.
 Bruno, G. II 470
 Brutus, M. J. 73, II 85 s.
 Buber, M. 411
 Bukharin, N. I. 314, II 7, 303
 Bultmann, R. 415-417, II 569
 Buonaiuti II 610-612, 655
 Burgelin, P. II 628
 Burke, E. II 492

C

Calvin, J. 150, II 584, II 611 s., II 61, 630
 Carnap, R. II , 352 s., 356, 363, 365, 367, 370, 372, 379 s., 406, 412, 446, 589,
 II 633 672 674 729
 Carthy, Mc. , II 696
 Cassirer, E. 613
 Cato II 82
 Caudwell, C. 577
 Cervantes, M. de 210, II 473, 487, 553 687-689
 Cesanne, P. II 536, II 540 678
 Chamberlain, H. St. II 487, 599
 Childe, G. II 23 s., II 406, 427
 Churchill, W. II 36, II 554
 Cícero, M. T. 93
 Cincinnatus, L. Q. 206
 Claudel, P. II 625
 Clausewitz, C. Ph. G. II 219, 253
 Clemens v. Alexandrien 336
 Cohen, H. 148, 436
 Condorcet, M. J. A. N. II 491
 Constable, J. II 678
 Constantino 336, II 612, II 654
 Copérnico 230, 253, 299, 337, 400, 494.571.11, 58, II 92, II 108, II 316

Cromwell, O. 208
 Curie, M II 531
 Cusa, N. 470, 518
 Cuvier, G. 312

D

Daim, W. 409
 Dante 337, II 85, II 97, II 179, II 572, II 594
 Darwin, Ch.23, 50, 87, 100, 135, 212, 214, 216, 230, 285, 299, 307, 312, 348,
 430, 566, 571, 625, II 9, II 15 s., II 55, II 142, II 393, II 401, II 410, II
 488, II 548, II 566, II 599h
 Delbrück, M. II 213
 Demócrito 158-160, 348, 434, 445, 458, 517
 Descartes, R. 3 s., 230, 249, 297, 329, 415, 557, II 9, II 499, II 541, II 632,
 II 702
 Dickens, Ch. II 533
 Diderot, D. 338 s., 472 s., 530
 Diels, H. , II 557
 Dilthey, W. 97, 376, 451
 Diogenes Laertius 334
 Dostoiievsk, S.. M. 73, II 553, II 569 s., II 615, II 625
 Dreyfus, A., II 543, II 697
 Dühring, E. 114, 122, 142, 215, 246, 260, 294, 297, 494, II 210
 Dürrenmatt, s. II 701
 Duhem, P.-M. 342, , II 58, II 108, 11386, II 631

E

Eckermann, J. P. , II 241, II 6 51
 Eichmann, A. II 586
 Einstein, A. 345, 3 53, 359-363, 1158, II 388, II 391 s.
 Elster, E. 493, II 483
 Engels, F. 21, 23, 74, 79, 86, 107, in, 122-126, 141-143, 149, 184, 190, 193,
 196, 212, 213, 260, 276, 285, 294, 306, 421 s., 462, 479, 484, 499, 501,
 507, 516, 559 h, 566, 570, 576 s., 583, 587, 623, 633, 643 s., 647 s., 655,
 659, 663, 676, II 6, II 11, II 15, II 28, II 88, II 95 s., II 103-105, II 107-
 109, II 120, II 169, II 183, II 207, II 210-214, II 216 s., II 227, II 244,
 II 259, II 268 s., II 276h, II 338 s., II 366h, II 393, II 411 s., II 414 h, II
 421, II 429 s., II 431h, II 433 h, II 450 s., II 460, 11487, II 496-499, II
 505, II 509, II 515, II 519, II 531, II 533, II 536, II 548, II 559, II 606,
 II 652, II 661, II 679-681, II 725, II 757

Epicuro 92-94, 158-160, 334, 348, 391, 445, 492-494, II 94, II 114
 Euklid 359, 361
 Esopo 338
 Espártaco 70, 124 s.
 Espinosa, B. 9i, 115 s., 122, 146 s., 150 s., 161 s, 179, 230, 246, 250, Z-9Z,
 338- 391, 471, 488, 490- 493- 498, 500, 521, 526, 557, 570, 614, II 71,
 II 93, II 114, II 469, II 488, II 527 s., II 650 Ésquilo II 482
 Euripides II 520
 Eusébio de .Cesareia II 612

F

Fallada, H.II 552
 Ferguson, A. II 505
 Feuerbach, L. 37 s., 40-42, 81, 107, 205, 241 s., 327, 421-423, 484, 514, 559,
 560, 562, 575, 664 s., II 6, II 28, II 51, II 130, II 207, II 240, II 351, II
 494, II 522, II 548, II 556-560, II 563-566, II 570, II 619 s., II 622, II
 653, II 662
 Fichte J.G. 367, 468, 473, 488 s., 519, 531, 658, II 191, II 430
 Fischer 149 Flaubert, G. II 536
 Forberg, S. K. 372
 Fourier, Ch. 84, 470, 480, 683, 687, II 132, II 458, 11517 s., 11531
 France, A. II 543
 Franklin, B. 592
 Francisco de Assisi 209, 3 36, 11613, II 623
 Frazer, J.G. II 576, II 584 s., II 639, II 694
 Friedrich Wilhelm 479
 Fromm E., 26

G

Galbraith, J. K. II 717
 Galileu, G. 31 s., 153, 230, 250, 337, 342.400.425.471.494.55, II 58, II 108,
 II 401, II 468, II 488, II 631
 Gans, E. 479
 Gaulle, Ch. II 711
 Gassendi, P. 94
 Gehlen, A. 240, 419, II 29 s., II 729
 Genghis Khan II 586
 Geoffroy de S. Hilaire 492
 George, St. II 232, II 241
 Gibbon, E. II 491

Gide, A. 81, 254, II 465, II 541, II 553, II 625
 Giordano Bruno 493
 Gobineau, J. A. II 599
 Goethe, J. W. v. 50, 105, 319, 324, 478, 492-494, 531, 666, II 130, II 240-243,
 II 330-333, II 358, II 378, II 381, II 647, II 649-651, II 678
 Gogh, V. v. II 678
 Goldwater, B. II 696
 Gorki, M. II 394
 Gramsci, A. 112, 5 77, II 397 s.
 Gundolf, S. II 232, II 3 59, II 485

H

Harkness, M. 663
 Harnack, A. v. 340
 Hartmann, N. 161, 163, 327, 330, 346, 421-467, 500, 536, 547 s., 570, 615,
 675, II 14, II 18 s., II 31 s., II 43, II 255, II 309f., II 390-392, II 396
 Hauptmann, G. II 570
 Hebbel, F. II 99, II 133, II 233
 Heer, s. 408 s.
 Hegel, G. W. 11, 21, 24, 28, 31, 40 s., 47, 93, 107, 112-117, 120-122, 125 s.,
 128-134, 136-138, 140 s., 145, 147, 150 s., 158, 160, 162, 208 s., 219 s.,
 228, 252, 259 s., 273, 277, 301, 309, 311 s., 327 s., 340, 343, 365, 382,
 387 s., 392, 407, 414 421 s., 429, 434 f., 443, 451, 463, 467-469, 472-
 480, 482-499, 501, 504, 506-514, 516-562, 565-568, 572-576, 578, 580
 s., 589 s., 604 s., 607, 613, 641-644, 662, 666, 676, 681, II 6, II 13 s., II
 16-20, II 22 s., II 51, II 61, II 64-66, II 72 s., II 77, II 103-105, II 107, II
 123, II 145, II 152, II 168, II 191 s., II 203 s., II 214, II 230, II 253-255,
 II 267, II 305, II 309, II 324-327, II 333_336, II 357 s., II 370, 11382,
 II 389 s., II 393, II 420, II 422, II 430, II 443, II 452, II 466 s., II 468,
 II 476, II 495, II 501 s., II 540 s., 11556-559, 11563 s., 11567, 11570, II
 575, II 590 s., II 607, II 618 s., II 678
 Heidegger, M. 7, 64, 372, 376 - 395, 397, 407, 411, 416 s., 421, 423, 478, 667,
 II 359, II 553, II 589
 Heine, H. 32, 374, 492 s., 513, 531, II 483, II 567
 Heisenberg, W. 397, II 387, II 391
 Heller, A. 574
 Helvetius, C. A. 338
 Heráclito 92, 274, 433, 435, 469 s., 517 s., 536, 613
 Herder, J. G. 472 s.
 Hesíodo 87

Hitler, A. 216 s., 310, II 284, II 372, II 437, II 499, II 599, II 693-695, II 697,
 II 700 s., II 710
 Hobbes, Th. 33, 150 s., 338 s., 471, 570 s., II 71, II 393, II 395
 Holbach, P. H. D. 473
 Homero 74, 146, 271, 660 s., 682, II 95 s., II 259, II 296, II 511, II 519, II
 553, II 590, II 674
 Horácio 465
 Husserl, E. 7 s., 376-378, 383, 667, II 589
 Huysmann, J.K. II 553
 Huxley, J. 167 s.

I

Ibsen, H. II 523, II 598, II 720
 Infeld, L. 359

J

Jacobi, s. H. 511
 Jacobsen, J. P. II 14, II 570, II 600, II 615
 Jäger, W. 333, II 185, II 491
 James, W. 342, 355
 Janossy, F. 599, II 708
 Jaspers, K. 64, 387, 395, 401, 415-417, II 569, II 632 s., II 654
 Jellinek, G. II 189, II 192
 Jesus 73, 189, 207, 209, 232, 335 s., 413, II 273, II 293
 Joachim von Fiore 337
 Joana D'Arc 52
 Jordan, P. 252, 402, 404-406, II 389, II 501, II 629
 Jung, C. G. 627

K

Kant, I.7, 11, 19 s., 23 s., 28, 31, 33, 87, 106, 128, 133, 145 s., 169, 171, 239,
 282, 305, 309, 328, 339, 351 s., 385, 387, 390-401, 416, 421, 424, 426,
 446, 463, 468, 472 s., 475, 488 L, 49r'497, 507, 516 L, 527-532, 544,
 557, 561, 566, 575, 579, 625, 658, 678, 681, II 14-17, II 63-65, II 114,
 II 151 s., II 188, II 191, II 227, II 231, II 293, II 299, II 305, II 370, II
 389, II 413, II 422, II 480, II 539, II 548, II 557, II 588 s., II 603, II 704
 Kaufmann, H. 493
 Kautsky, K. 575, 578, 599, II 289, II 480
 Keller, G. 319, 324, 422, 560, II 433, ,, 553
 Kelsen, H. 658, 0 189, II 192, II 104

Kennedy, J. II 283, II 697, II 711
 Kepler, J. 337, 400, II 108
 Kierkegaard, S. 341, 388 s., 412, 414, 422.514.677.11 541, II 553, II 568 s.,
 II 570, II 654
 Kings, M.L. II 697
 Klages, L. 393, 407
 Knoll, A. M. 409
 Koch, L. II 167
 Kodaey, Z. II 537
 Kolakowski, L. II 617
 Kollontai, A. 11 131, II 533
 Kugelman, W. 78, II 220, II 394, II 507

L

Lafargue, P. 493
 Lamarck, J.B. 50, 492, 625
 Lange, s.A. 372, II 394
 Laplace, P. S. 87, 466, 566, 625, II 311, II 421
 La Rochefoucauld, s. 681
 Lassalle, s. 148, 158, 160, 655-658, II x88, II 495, II 499, II 664
 Leibniz, G. W. 44, 281, 358, 364, 421,
 504.517.1113, II 243, 759
 Lenin, W. 1.60, 112, 126, 192, 210, 234-237, 254, 309, 345 s., 401, 421, 462,
 497, 504, 514, 516, 530, 559, 575-577. 610, 638.649 s., 652, 654, 682 s.,
 685 s., 688 s., II 6, II 172, II 209, II 279, II 383, II 386 s., II 391, II 394,
 II 397, II 435 s., II 451-453, II 469, II 495, II 497, II 499, II 513, II
 536, II 545 s., II 548, II 551, II 666-668, II 681, II 685, II 690, II 719
 Leonardo da Vinci II 21
 Leucipo 517
 Levy-Bruhl, L. 48
 Lewis, S. II 109, II 696
 Liebknecht, K. 310, II 499, II 709
 Licurgo II 184, II 478
 Lifschitz, M. 663
 Linne, K. v. 312
 Liszt, s. II 678
 Lorentz, H. A. 345, 353, II 58
 Louis, Philippe II 438
 Loustalot, E. II 141
 Lucanus II 82

Lucrecio 334
 Lunatscharski, A. W. 342
 Lutero, M. II 177, II 222, II 572, II 612
 Luxemburg, R. 234 s., 342, 575, II 283

M

Mach, E. 326, 342, 352, 376, 575
 MacMahon II 438
 Mainx, F. 367, 369
 Malthus, Th. R. II 393
 Mandeville, B. de 33
 Mann, Th. 254, II 134, 11553, 11689, II 706
 Mannheim, K. 344, II 5 53, II 684, II 695
 Maquiavel, N. 325, 574, II 97, II 395, II 443, II 491
 Marat, J. P. 472
 Marcellus 296
 Maritain, J. 412
 Marx, K. 10 s., 13 s., 16, 20 s., 23, 27, 32-38, 40-42, 45-47, j 1, 60, 63, 66, 68 s., 71 s., 75-81, 85 s., 90, 92-95, 107, 109 s., 112-117, 125 s., 133, 142-145, 147-149, 152 s., 155-161, 169, 172, 174, 179, 184, 190, 192-198, 200-202, 206-208, 210-214, 216, 220, 222, 224, 226-233, 235-237, 239-243, 246, 254, 256, 259-264, 2 66, 268, 270-275, 277, 280 s., 285-287, 290-294, 296-298, 300-302, 304-310, 312, 314, 321, 324-328, 350 h, 392, 395, 421 s., 439, 443, 450 s., 467, 469, 480, 482 s., 493, 495, 507, 511, 514, 516, 524, 537, 542, 555, 559 s., 561, 563-612, 618 s., 623 s., 629-631, 638-644, 646-651, 653, 655-668, 672 s., 675-677, 679 s., 682-689, II 6-8, II 10, II 12, II 15-17, II 23 s., II 26, II 28, II 33, II 38, II 41, II 51, II 58, II 67-69, II 74-78, II 80, II 107, II 113, II 116, II 122, II 125 s., II 129 s., II 132 s., II 135, II 138-141, II 143, II 145, II 147, II 149-153, II 166, II 171, II 189, II 195 s., II 199, II 206, II 208, II 211-214, II 216-220, II 225, II 227, II 229-231, II 233 s., II 240, II 244, II 247, II 252, II 254 s., II 257, II 259-267, II 269, II 272 s., II 274 s., II 278-289, II 291 s., II 295-298, II 300-305, II 308, II 316-323, II 328, II 332 s., II 335 s., II 338, II 341, II 346, II 349, II 351 s., II 355 s., II 358 s., II 362, 11365 s., II 367, II 372 s., II 375, II 385, II 390, II 393 s., II 396-398, II 403 s., II 409 s., II 411, II 413, II 419 - 423, II 425 s., II 427, II 434 s., II 441-446, II 448-452, II 457-460, II 462 s., II 475 s., II 479-481, II 485-487, II 489, II 491-495, 11496-500, II 501-514, II 516 s., II 522, II 531-534, II 536, II 540, II 542, II 544, II 546-551, II 556, II 558-567, II 577-582, II 584 s., II 587 h, II 595, II 597 s., II 599, II

605 s., II 617, II 635, II 637, II 644-646, II 653, II 657-665, II 667 s.,
II 671-675, II 677-681, II 685 s., II 689-692, II 698 s., II 703, II 706 II
723 s., II 728, II 730

Maufrigneuse, Duquesa. 101

Mauriac, S. 411

Mehring, S. 575, 662, 676

Mestre Eckart 21, 209, II 616

Menenius Agrippa 104, 627, II 127

Meschkowski, H. 403 s., 406, 413

Mestre Eckart 21, 209, II 616

Meyer, G. 656

Michel, K. M. II 6

Mill J.St. 344, II 303 s.

Mills, C.W. II 504 s., II 716, II 727

Moldenhauer, E. II 6

Moleschott, J. II 67

Molière J.B.P. 129, II 60, II 171, II 483

Moreau, J. V. 79

Morgan II 600

Morus, Th. 83

Moses II 478

Münzer, Th. 124, 207, II 615

Mussorgski, M. II 678

N

Napoleão I. 73, 79, 142 s., 478 s., 512 s., II 219, II 43

Natorp, P. 148

Needhams, J. II 25

Newton, I. 23, 87, 400, 471, 639, II 15

Nietzsche, S. 341 s., 372, 421 s., 544, II 11, II 487, II 6

Nohl, H. 519

O

Olken, L. 492

Orígenes 336

Otetschestwennyje 642

Overbeck, s. 335

P

Parmênides 433, 435

Pareto, V. II 727
 Pascal, B. 338, 494, 11386, 541
 Paulo 335
 Pavlov, I. P. 5 51, II 30
 Pitágoras 217
 Planck, M. 87, 98 s., 213, 229, 345, 347, 401-403, 416, 569, II 388
 Platão 131, 150, 296, 333, 427, 433, 458, 574, II 318, II 395, II 437, II 482,
 II 491, II 499, II 548, II 680
 Plekhanov, G. W. 575, 662, 674 s., II 298, II 322, II 566
 Plotino 333
 Plutarch 296, 761
 Poincarè, H. 34, 253, 342, 352 s., II 58, II 386
 Pontoppidan, H. II 570
 Pons 405
 Portmann, B. 626
 Prantl, K. II 43
 Proclus 333
 Proudhon, P.J. 197, 202, 239, II 189, II 252, II 495, II 499
 Ptolomeu 12, 15, 253, 354, 458, II 629
 Puschkin, A. S. 210

R

Raabe, W. II 553
 Rafael II 106
 Raimundo Lúlio 504
 Ranke, L.V. 230, 444, II 220, II 441, II 492 s.
 Reinhold, K. L. 473
 Rembrandt 20
 Rey, Abel 346
 Riazanov, D. 587
 Ricardo, D. 302, 325, 469, 480 s., 584, 595, 623, 11414 s., 11489, II 503, II 672
 Ricken, H. 97, 148, 230, 326, II 391, 11485
 Riemann, B. 407, II 392 R
 Riesmann, D. II 663
 Robespierre, M. 232, 472, II 614
 Robinson II 125, II 655
 Roosevelt, F. D. II 283
 Rosenberg, A. II 599
 Rosenkranz, K. 340, 479, 522, 529, 535, II 567
 Rousseau, J.-J. 84, 472 s., 624

Rüben, W. 332

Ruskin, J. II 671

S

Saint-Hilaire, de 50

Sartre, J. R 8, 38, 64 s., 395 s., 407, II 151, II 553

Sassulitsch, V. II 507 s.

Scott, R. s. II 701

Scheler, M. 7, 376-378, 387, II 255, II 589

Schelling, s. W. J. 469 s., 473, 488, 490 f., 494, 518 f., 523, 529 s., 557, II 16

Schiller, s. v. 245, 251, II 651

Schlegel, s. 340

Schleiermacher, s. 339 s., 406, 511, 514

Schmidt, C. 507, 633, 655

Schneider, R. 411

Schopenhauer, A. 421, 493, II 599, II 670, II 704

Schrödinger, E. 368

Shakespeare, W. 209 s., 661, 667, II 85, II 473, II 481, II 48

Simmel, G. 341, 400, 406, 681, II 677

Sismondi, J. Ch. 595, II 489, II 503, II 671, II 674

Smith, A. 480

Sócrates 189, 206, 332, II 114, II 188, II 473, II 482, II 590, II 617

Sófocles 73, 209, II 313, II 5 30, II 644

Solon II 184, II 478

Sombart, W. II 677

Soret 666

Sorge, s. A. II 665

Spann, O. II 127

Spencer, H. II 401

Spengler, O. 240, 627, 630, II 388, II 670

Stalin, J. W. 18, 112 s., 184, 237, 271, 276, 310, 343, 514, 516, 577 f., 583, 600, 650, 688 s., II 200, II 261, II 279, II 284, II 299, II 322, II 328, II 480 s., II 499, II 527, II 548, II 551, II 599 s., II 636, II 654, II 689-691, II 722 s.

Starkenbourg, H. 79

Stendhal 73

Stirner, M. 5 60, II 553

St. Juste 232

Sue, E. 663, II 536

T

- Taine, H. II 232
 Talleyrand, Ch. M. de II 184
 Teilhard de Chardin 253, 408-411, II 389, II 633 s., II 654
 Tertuliano 336
 Thierry, A. II 491
 Thies, E. II 6
 Ticiano II 48 3
 Tocqueville, A. 344
 Tökei, F. II 261 s.
 Tolstoi, L.N. 73, 210, II 536, II 569, II 599, II 615, II 623 s., II 648, II 655,
 II 677, II 679 s.
 Tomás de Aquino 418, II 633, II 716, II 729, 733
 Toynbee, A. 630
 Treitschke, H. v. 513, II 567
 Toeltsch, E. 340
 Trotsky, L. 577, II 499
 Tchekhov, A. II 678
 Tschernischewski, N. G. 422
 Tucídides II 491

U

Uexküll 475

V

- Vaihinger, H. 341, 372
 Veblen, Th. 386
 Vergil 74, 662
 Vico, G. 574, II 206
 Voltaire, s. M. II 720

W

- Wagner, R. 217
 Walther von der Vogelweide II 179
 Weber, M. 306, 672, 674, II 82, II 85, II 97, II 190, II 217, II 267, II 278,
 II 370, II 492-494, II 603, II 607, II 610 s., II 613 s., II 623 s., II 677
 Wehner, H. II 614 Weil, S. 411, II 626 s., II 654
 Weischedel, W. II 6
 Welskopf, E. Ch. II 96
 Whythe, W. H. II 109, II 717

Windelband, W. 148, II 485
Wittgenstein, L. 371 s., 374~376, 379 s.' 385, 392, 406
Wolzendorff, K. II 187

X

Xenophanes 422, II 557

Z

Zenão 518
Zola, E. II 543, II 598
Zdanov, H. II 397
Zinoviev, G. 23 5



ÍNDICE DE ASSUNTOS

Abstrações

cf. tb. método

Volume 13

abstração, “caminho de ida” p. 10-11

abstrações pela consciência p. 345-6

e generalização p. 346

real opera abstrações p. 589

abstrações em *O Capital* p. 596

“abstração sem conceito” p. 600

Volume 14

caráter das abstrações p. 440-2

abstrações razoáveis: *Grundrisse* p. 440-2

abstrações e generalidade para-si p. 652-4

Acaso

cf. tb. Casualidade

Volume 13

e lei p. 171 e 631

e lei econômica p. 634s.

e previsibilidade p. 635-6

Volume 14

classe e indivíduo p. 142-3

Afastamento Barreira Inorgânica

Volume 14

mutismo/analogia afastamento barreiras naturais p. 148

ação do ambiente p. 155-6

momento predominante p.156

espontânea necessidade biológica p. 167

devir orgânico p. 204

som, luz em sinais, etc. p. 514-5

contraste com o ser social p. 49

Afastamento Barreira Natural e Alternativa

Volume 14

afastamento barreira natural e alternativa p. 36-7

trabalho e tornar-se humano dos homens p. 43-4

Afastamento Barreira Natural

Volume 13

e capitalismo p. 76

ampliação horizonte de possibilidades p. 172

afastamento barreira natural p. 261

fundamento ontológico p. 263-4

Volume 14

afastamento da barreira natural p. 08

e complexo de complexos p. 49

e papel ativo, essencial, da consciência p. 90

afastamento barreira natural p. 110

e determinações naturais/sexo/ divisão de trabalho p. 120

e valor de troca p. 123

e esfera biológica p. 128

base biológica *versus* ser social p. 129

afastamento barreira natural p. 138-9

novas categorias p. 146

sociabilidade crescente p. 148

base biológica do ser social p. 149

trabalho como fundamento p. 150

mutismo p. 153-4

em-si e consciência do em-si p. 154

rep. biológica polo da reprodução social p. 155

dever biológico *versus* social / definição afastamento da barreira natural p.158

consciência e mutismo p. 176

reprodução natural *versus* social p. 204-5

trabalho como fundamento p. 225

momento predominante é o social p. 238

novo *versus* prossecução da natureza p. 255-6

e alienação p. 514-5

relação natural é social: *Manuscritos* p. 518-9

Afetos

cf. tb. posição teleológica secundária

Volume 14

o domínio consciente dos afetos p. 45

origem afetos nas posição teleológica primárias p. 415-6

Alienação (*Entfremdung*) no cap. “A alienação”

cf. tb. ter

Volume 14

é histórico p. 501

superação da religião; stalinismo e alienação p. 503-5

def.: forças produtivas *versus* individuação p. 503-4

desenvolvimento capacidade *versus* personalidade p. 504-5

def: sua essência p. 505-6

caráter social p. 508-9

alternativas históricas e posição teleológica p. 508-9

vivido imediato: alienação: ética e política p. 509-10

e individualidade; duas alienações; definição p. 510-11

def. p. 514-5, 515-7

não ser digno; limites superação Antiguidade p. 519

e stalinismo p. 523-4, 691

centrada no singular enquanto singular p. 526-7

obstáculo à não-particularidade do indivíduo p.527-8

em-si base ao para-si p. 529-30

fundamento social p. 530-2

arte *versus* trabalho : alienação p. 533

Partikularität adesão acrítica ao gênero p. 535-6

não é *condition humaine*; papel da alienação p. 543-4

historicidade p. 545-7

citoyen e *bourgeois* p. 547

e indivíduo singular p. 551-2; 527-8

universalidade do capital p. 561-2

aspectos gerais, qualitativo estruturais p. 562-3

religião: base material da alienação p. 564-5

e coisificação p. 572-3

determinações biológicas *versus* sociais p. 640-2

gênese e desenvolvimento da alienação p. 642-4

e coisificação na sociedade industrial p. 642-4

e ética p. 649-50

síntese p. 656-7

e ação do indivíduo p. 661-2

base objetiva: contra o economicismo p. 662-6

e desenvolvimento social p. 668-9

e ideologia p. 669-70

aspecto subjetivo-objetivo p. 670-1

possibilidade e condições reações do indivíduo p. 672-3

capitalismo e perda do futuro p. 675-6

e atos individuais p. 676-7

arte e alienação no sec. 19 p. 678

espaço de manobra dos indivíduos p. 681-2
 definição: indivíduo e alienação p. 681-2
 fundamento social e atividade unipessoal p. 682
 individuação e dedicação à causa: D. Quixote p. 685
 socialismo, individuação, «causa» p. 689-90
 especificidade da alienação stalinista p. 691
 limites à individuação pelo nazismo: alienação p. 693-5
 alienação hoje p. 696-7, 698
 e categoria do «ter» p. 698-700
 «ter» e consumo de prestígio p. 700-1
 e cultura p. 701-2
 alienação hoje e no sec. 19 p. 702-3
 limites do tédio p. 705-7
 crise do sistema de manipulação p. 708-11
 exigência mínima para subversão da manipulação p. 711
 conformismo não conformista p. 711-2
 definição: e individuação p. 712-3
 gênese ontológica p. . 713
 individuação, exteriorização p. 712-4
 e «visão de mundo» p. 714-5
 hoje p. 724-5
 hoje e arte p. 725
 acaso, individuação e superação da alienação p. 725-6

Alienação (*Entfremdung*) em outros capítulos

Volume 13

definição p. 192-3, 228, 230
 ciência, alienação e manipulação p. 247
 religião: primeira alienação p. 248-9
 e manipulação p. 249
 hoje p. 255
 expressão da generalidade humana p. 269

Volume 14

contradição/ base econômica e valores superiores/ economia *versus*
 desenvolvimento gênero humano autêntico p. 80-1
 contradição economia e seus efeitos valores p. 80-1
 e trabalho p. 94-5
 e vida plena de sentido p. 94-5
 e caráter alternativo dos atos singulares p. 202-3
 alienação e desantropomorfização p. 276-7
 e objetivação e exteriorização p. 354-5
 e exteriorização p. 365
 e ética p. 509
 def. p. 667-8

Alienação (*Entfremdung*) e periodização*Volume 14*

toda história desde a escravidão p. 509-10

início da história e alienações p. 520-1

pólis e medievo; período moderno p. 527-9

Grécia: homem *versus* mulher p. 530-2

sociedade industrial; gênese, forma primitiva e desenvolvimento:

periodização p. 642-4

escravidão: primeiro grau de alienação objetiva p. 669-70

Alternativa*Volume 13*

homogeneização e gênese dos valores p. 502

Volume 14

objetivação do reflexo e caráter de alternativa. p. 34

não há alternativa no reflexo animal p. 34-5

e trabalho p. 34-7

a escolha é uma cadeia de escolhas p. 35

a função do erro p. 36

mediação entre reflexo e causalidade posta p. 36-7

categoria mediadora entre possibilidade e realidade p. 41

e barreiras naturais e o salto ontológico p. 36

é sempre concreta/ escolha não é objetivação p. 37

e liberdade. p. 40-1

diferença na esfera econômica e na moral. p. 81-2

e a da liberdade/ período de consequências p. 99-100

diferença estrutura interna p. 506-7

escopo e abrangência p. 539-40

e política p. 454-5

Analogia*Volume 14*

e vida cotidiana 575 s

e magia p. 10

aproximação da consciência ao real p. 377-8

e domínio do desconhecido p. 409-10

e desconhecido na vida cotidiana p. 574-5

origem da religião p. 576-8

Antropomorfização

Volume 13

antropomorfização p. 180
estrutura e gênese da obra/ desigualdade p.660

Volume 14

arte e filosofia *versus* ciência p. 468-72

Aproximação (cat. da)

Volume 14

e a relação sujeito-objeto p. 87-8
conhecimento é uma ampliação do ignorado p. 168

Arte

Volume 14

diferença com a religião p. 467p. 467
arte como ideologia pura p. 472-3
e filosofia enquanto ideologias puras p. 481-2, 484
e trabalho p. 534-6
generidade em si e para si p. 620-1
e religião e ultrapassagem generidade em si p. 621-3
como ideologia p. 677-9
e superação alienação p. 679-80
fonte informações ontológico-sociais p. 687
e desideologização p. 701
filosofia *versus* arte p. 470-1
individuação e arte p. 471-2
função social da filosofia e da arte p. 484-5
e emancipação p. 485-7, . 533-4
arte *versus* trabalho : alienação p. 533-6
generidade em-si, arte, artista p. 533-6
e trabalho p. 534-5
arte *versus* economia: generalidade para-si p. 536-9
arte e economia p. 538-9
ideologias superiores puras, arte e filosofia p. 618.
arte e alienação no sec. 19 p. 677-81
arte, capitalismo e alienação hoje p. 725-6

Atomismo

cf. ciência

Autenticidade (cf. tb. sentido da existência)*Volume 14*

fundamento ontológico p. 86

vida plena de sentido p. 94

Independência relativa*Volume 14*

Direito e economia p. 79-80

trabalho e dualidade alma x corpo p. 95-6

economia e outros complexos sociais p. 211

Beco sem saída (na história)*Volume 13*

e desenvolvimento desigual p. 670-1

sociedades primitivas *versus* capitalismo p. 660-1***Bourgeois****Volume 13*

predomínio da particularidade p. 232

citoyen versus bourgeois: alienação p. 547**Capitalismo** (cf. tb. Beco sem saída)*Volume 14*

e modos de produção anteriores p. 660-1

Casualidade *versus* Causalidadecf. universal *versus* singular, causalidade e acaso, categorias modais*Volume 13*

fundamento ontológico do acaso p. 647

gênero *versus* singular p. 77-8

caráter se...então p. 102-3

necessidade e acaso p. 151-2

casualidade p. 154

síntese p. 171-2

*Volume 14*casualidade *versus* causalidade p. 106

capitalismo: relações sociais puras : acaso e necessidade p. 445
casualidade e vida dos homens p. 550-1
acaso *versus* necessidade p. 551-2
casualidade e causalidade na alienação hoje p. 726-7

Catarse

Volume 14
e superação do stalinismo p. 692

Categorias

Volume 13
e essência e historicidade p. 35-6
gênese e desenvolvimento historicidade p. 36-8
categorias p. 128-9, 572, 605
categorias modais enquanto complexo p. 144
categorias modais em Marx (necessidade) p. 148-9
formas de ser p. 168
e identidade da identidade e da não-identidade p. 179
síntese p. 211
categorias em Marx e no pensamento burguês p. 237-8
e historicidade e práxis p. 242-3
formas de ser e do pensamento p. 255
constituição processual das categorias p. 255-6
categorias, generalidade ontológica, continuidade p. 274

Causalidade

cf. tb. teleologia

Volume 13
e valores p. 74
e acaso p. 170
Volume 14
nexos causais não são teleológicos p. 464
teleologia no singular *versus* causalidade pura p. 504
e acaso no ser social p. 550-1

Causalidade posta (ver tb. Dever)

Volume 14
cadeias causais e finalidade p. 60-1

Ciência*Volume 13*

gnosiologia e positivismo: religião e mercado p. 96-8
 atomismo e prioridade do complexo p. 103
 fundamento ontológico p. 189
 e ideologia e ontologia p. 221
 cientificidade p. 237
 e correção ontológica p. 27
 distinção com a ontologia e problemas p. 28
 ciência, filosofia, linguagem e práxis p. 245-6
 e linguagem, filosofia e práxis p. 245-6
 historicidade, ciência e filosofia p. 246
 ciência e filosofia p. 255
 fundamento ontológico da ciência, filosofia p. 256
 e capitalismo/ ontologia e gnosiologia p. 29
 e vida cotidiana, método p. 33
 ciência e filosofia p. 541
 indústria e ciência p. 576-7

Volume 14

e trabalho p. 21-5, 35-6
 trabalho e gênese da ciência p. 49-50
 gênese da ciência e trabalho p. 50
 generalização e desantropomorfização/diferença com o reflexo no
 trabalho/articulação com a causalidade posta “imperante” p. 54
 reflexo, generalização e ontologia geral p. 55
 experimento científico, matemática e ontologia p. 57
 ciência e manipulação p. 59
 ciência, filosofia, totalidade, *intentio obliqua* p. 60
 e vida cotidiana, papel da desantropomorfização p. 372
 e valor p. 385
 ciência e vida cotidiana p. 385
 crítica ontológica, *intentio recta/obliqua*, ciência p. 390
 conhecível *versus* inconhecível: ciência e magia p. 408-9
 filosofia *versus* ciência p. 467-9
 função ontológica da ciência p. 490-4
 ciência *versus* filosofia p. 495-6

Citoyen/Bourgeois*Volume 14*

e crítica à religião p. 561

Classes*Volume 13*

e generidade p. 70-1
e método em *Das Kapital* p. 603

Volume 14

classes sociais; p. 183-4; 211; 216-7; 289-90; 444-50
trabalho e classes sociais p. 139-40
função modificadora da consciência ser das classes p. 140-1
partes da totalidade e em referência às outras classes p. 141
e ação dos indivíduos p. 141
fundamento ontológico das classes p. 220-1; 222

Coisalidade

cf. materialidade

Coisificação*Volume 14*

e mitos p. 54-6
e ideologia, e vida cotidiana p. 477-8
e trabalho manual *versus* intelectual, e Newton p. 478-9
e religião, e Marx p. 577-8
e vida cotidiana p. 579-80
Marx, O Capital p. 580-1
determinação marxiana da coisificação p. 580
e trabalho p. 581-2
coisificação inocente e verdadeira p. 583-4
e capital, “forma espectral” p. 584
da magia à religião p. 584-5
fundamento da coisificação religiosa p. 585
sociabilização e coisificação p. 589
método gnosiológico, Heidegger, Husserl p. 589-90
e vida privada p. 590-2
e transcendência p. 592-4
e alienação religioso, e negação da historicidade p. 592-7
e capitalismo p. 597-8
e ciência, racionalismo e nazismo p. 598-600
prioridade da vida cotidiana nas reificações p. 599-600
coisificação é “meio ideológico” p. 601-2
mediação da alienação p. 601-3
ser e dever, coisificação na vida cotidiana p. 601-3
e afastamento das barreiras naturais p. 637-8
fundamento ontológico-prático p. 638-9
e religião p. 642

coisificação e alienação p. 642-5, 693-4

Complexo de complexos

Volume 13

def. 96-6, 102-3, 181, 628

Volume 14

todo grau de ser é complexo de complexos p. 7

e peculiaridade reprodução social p. 127-8

prioridade da totalidade p. 199

complexos e unitariedade do ser p. 348-9

Complexos

Volume 13

e historicidade p. 625

complexos naturais *versus* sociais/ p. 626

Comunicação na esfera da vida

cf. tb. linguagem

Volume 13

linguagem p. 42-3

Concepção de mundo

cf. tb. imagem de mundo

Volume 13

e unitariedade do ser social p. 225-6

e vida cotidiana p. 226-7

Volume 14

e determinação social/ poder social p. 58

e alienação / p. 714-5

Conhecimento

Volume 14

conhecimento e trabalho p. 54-5

e liberdade p. 100-1

Consciência

Volume 13

reflexo, distinção sujeito-objeto, animais e humanos p. 579
mediação social p. 76-7
realização e expressão generalidade/mutismo p. 243-5

Volume 14

princípio replasmador neofornativo p. 27-8
epifenômeno nos animais p. 34
instrumento da reprodução p. 49-50
articula autoreprodução humana p. 50-1
relação sujeito/objeto; “distanciamento” p. 56
consciência e exteriorização, não é epifenômeno p. 90-1
fundamento ontológico. p. 91-2
realização parcial apenas como dever p. 161
órgão e médium da continuidade (continuidade social *versus* natural) p. 161
e continuidade p. 161-4
consciência para-si; valor e consciência para-si p. 161
não epifenômeno p. 176-7
em-si em processo ao para-si da generidade p. 176
consciência falsa e universalidade p. 201

Continuidade

cf. tb. Essência

Volume 13

e substância p. 613
e unitariedade ontológica p.131-2

Volume 14

continuidade, passado e futuro
continuidade e substância p. 83
e educação p. 134-5
e reprodução p. 159-60
na natureza p. 160
e consciência: continuidade social *versus* natural p. 161-5
e linguagem p. 168-9
no ser social p. 175-6
e ruptura: Direito p. 196
e consciência como órgão da continuidade p. 161-5
e substância que se conserva p. 368-9
e ser social; exteriorização; ser e devir p. 417-8
concreta e desigual p. 525-6
e passado p. 673-4

Contraditoriedade

cf. identidade da identidade com a não-identidade

cf. desenvolvimento desigual

Volume 13

e dinâmica ontológica p. 567

e desenvolvimento desigual p. 650

Volume 14

e desigualdade no desenvolvimento histórico p. 83

e integração dos complexos sociais /desenvolvimento genérico e alienação p. 80

base ontológica p. 363

Cotidianeidade

cf. vida cotidiana

Crítica ontológica

cf. tb. método

Volume 13

princípio metodológico fundamental p. 640

em relação a Engels e Hegel p. 125-7

Desantropomorfização*Volume 13*

função social p. 27-8

e capitalismo/ ontologia e gnosiologia p. 28

e vida cotidiana, método p. 28

e gênese da ciência e trabalho p. 49

diferença com a alienação p. 276

«instrumento intelectual» para o conhecimento p. 379

pressupõe a objetivação p. 378

Desenvolvimento desigual

cf. contraditoriedade

cf. id. da id. com a não-identidade.

Determinismo versus necessidade

Volume 14

e liberdade p. 102-3

Dever (*Sollen*)

cf. tb. Valor

Volume 14

dever e ato teleológico: momento determinante imediato p. 60-1

futuro determina a ação presente. p. 60-1

“forma originária” do dever p. 60-1

os métodos equivocados de se tratar o dever p. 63

fetichização do dever em Kant p. 63-4

“caráter ontológico do dever” p. 60-4

crítica de Hegel a Kant / limite p. 64

Hegel na *Enciclopédia*: avanço importante p. 65

e ação sobre a subjetividade; sua objetividade p. 65-6

no trabalho e na posição teleológica secundária p. 67

no trabalho: fundamento da gênese do dever p. 67

dever no trabalho e nas suas formas mais elevadas p. 68

dever e valor: conexões e diferenças p. 68

origem do dever p. 602-3

Direito natural

Volume 14

e reprodução p. 184-5, 193

Direito

Volume 13

contraditoriedade inerente p. 655-56

gênese e contraditoriedade p. 665-66

Volume 14

forma e conteúdo p. 253-4

a moral e a ética na polis e na república romana p. 184

fetichismo do Direito: positivismo p. 196-7

função social do Direito Positivo: manipulação p. 198

e ideologia p. 427-9

e alienação p. 429

força sobre humana/ fetichismo do Direito p. 431-2

objetivação do para-si p. 542-3

e coisificação p. 601-3

objetividade dos valores/ relação economia p. 79-80

Divisão do trabalho

cf. tb. divisão técnica do trabalho

Volume 14

resultado orgânico necessário do trabalho p. 118-9
e sexualidade p. 120

divisão técnica e divisão social p. 120-1, 135-6

divisão do trabalho e posição teleológica primária e secundária p. 136-7

Dualidade ontológica

cf. tb substância social

cf. tb. formas ontológicas mistas

Volume 13

dupla determinação p. 562-63

formas ontológicas mistas p.565

e teologia e existencialismo p. 577-78

e unitariedade social p. 588, 593-4, 626-7

contra o dualismo p. 13

dualidade do ss. p. 59

duplicidade/unidade p. 62

Volume 14

contra o dualismo p. 93-4

Economia

cf. tb. prioridade ontológica

cf. tb. momento predominante

Volume 13

e Engels p. 676-7

Volume 14

diferença entre trabalho e economia p. 74-5

à economia cabe a função primária, fundante p. 78

posição teleológica primária e secundária no trabalho, na economia e nos outros complexos p. 79

univocidade e antagonismos p. 81-2

leis econômicas determinam reprodução p. 144

economia e marxismo vulgar p. 227-8

especificidade ontológica p. 257

autonomia e relação com os atos teleológicos p. 300-1

subjetividade *versus* realidade; economia *versus* reprodução p. 301-2

momento predominante p. 411
e reino da necessidade, leis econômicas fundamentais p. 458
prioridade ontológica p. 461-2
economia e possibilidade p. 519-20
estrutura objetivação-alienação p. 540-1
economia e vida cotidiana p. 555-6
e violência p. 657-8

Educação

Volume 14

educação, aristocracia inglesa p. 133-4
e continuidade p. 134-5

Elemento

Volume 13

caráter de complexo e totalidade p. 581-2

Volume 14

indivizível p. 233
formas elementares do ser social p. 448-9

Emancipação

Volume 14

e ideologias «puras» p. 485-6
sentidos e propriedade privada p. 514-5
sexualidade e emancipação p. 532-4
e arte p. 533-4
citoyen versus bourgeois, revolução social p. 561-2
definição e filosofia e arte p. 485-7
e filosofia p. 485-6
caráter prático p. 562-3

Empirismo

Volume 13

crítica p. 641

Engels*Volume 13*

lógica e história despojada dos fatos p. 643-4
 retorno de Engels a Hegel, método p. 643-4
 prioridade do econômico p. 676-7
 crítica à rígida necessidade p. 79
 contra o marxismo vulgar p. 111-2
 e a herança hegeliana, negação da negação p. 113-4
 negação p. 122-4
 e Hegel, liberdade e necessidade p. 259-60
 Engels e Marx, diferença desenvolvimento p. 279

Volume 14

indivíduo e totalidade p. 228
 Revolução Francesa p. 420-1

Esferas Ontológicas*Volume 14*

articulação e diferença p. 91
 esferas ontológicas p. 147-155
 e valoração p. 208

Espontaneidade social*Volume 14*

espontaneidade e síntese dos atos singulares; resultante papel ativo dos indivíduos p. 177
 vontade consciente e o espontâneo p. 159
 e tempo de trabalho socialmente necessário p. 193-4
 e totalidade no capitalismo p. 282-3

Essência versus fenômeno*Volume 13*

categorias e historicidade p. 35-6
 não há essência individual p. 41
 e contraditoriedade p. 570
 a questão do progresso p. 594-5
 fenômeno é tão real quanto o ser p. 618
 e valor/ fenômeno e essência igualmente sociais p. 622-3
 essência e fenômeno na vida cotidiana p. 622-3
 e alienação p. 650
 contraditoriedade no ser social p. 651-2

continuidade p. 274-5

Volume 14

o fenômeno é p. 73

igualmente existentes p. 80-1, 362

definição substância, continuidade p. 83

consciência *versus* corpo; vida cotidiana p. 92

articulação das três esferas ontológicas p. 91-2

Manuscritos 1844 p. 132-3

realização da genericidade p. 207

e objetivação p. 236

e capitalismo (cit. de Marx): manipulação p. 285

essência, fenômeno e historicidade p. p. 295-6

ser social *versus* natureza p. 315-6

exemplo genérico; economia p. 316-22

Hegel; conteúdo *versus* forma p. 324-5

e processo; continuidade p. 325-9, 365-70

e universal *versus* singular p. 329-30

continuidade; linha tendencial p. 331-3

essência, continuidade e momento predominante p. 333-4

essência *versus* fenômeno, possibilidades p. 334-5

gênese e essência p. 401-2

reais, necessário; unitariedade; Hegel p. 421-2

e ser social p. 421-3

unitariedade imediata p. 423-5

finalidade *versus* essência p. 235

totalidade *versus* atos singulares: possibilidades p. 236-7

e direito, política e economia p. 433-4

essência é realidade p. 438

e revolução p. 454-5

definição p. 532-3

necessidade social *versus* atos individuais p. 512-3

continuidade; coisificação p. 593-4

e substância: questão decisiva da Ontologia p. 595-7

e continuidade p. 730

stalinismo e a historicidade da essência p. 730

Essência *versus* generalidade humana

Volume 13

Gênero “ensemble” relações sociais p. 81

essência é conjunto relações sociais p. 241-2

Volume 14

essência e realização da genericidade humana p. 207

Estado*Volume 14*

gênese: classes sociais p. 605-7

Ética*Volume 13*

ética p. 596

Volume 14

ética abstrata p. 07

liberdade, trabalho e ética p. 42-3

domínio consciente dos afetos e o desenvolvimento humano; problema capital p. 45

e constituição das práxis mais elevadas p. 55

crítica a Kant na Ética p. 63

o efeito do dever sobre a subjetividade: trabalho. p. 66-7

ética p. 68

ética: os valores e as suas realizações p. 82

contraditoriedade dos valores e ética p. 86

as concepções dualistas idealistas e a Ética p. 72

sentido existência (implícito fundamento da ética) p. 94

e liberdade p. 98

ética (mas sem mencionar) p. 154-5, 161

e moral na polis e na República Romana: Direito e ligada ao Estado. p. 184

ética e direito na Antiguidade p. 184-5

Direito, Moral e Ética p. 187

questões a serem tratadas na ética p. 187

ética e moral p. 193-5

interação entre direito, moral, ética e religião p. 197

Ética: dialética concreta dos valores. p. 248

ética e comunismo; gênero p. 296-7

estrutura ontológica da . 293-4

crítica a Weber e Kant p. 370-1

componente orgânico do desenvolvimento p.370-1

objetivação/ exteriorização: unitariedade/ conflito: ética p. 370-2

e política e alienação p. 509-10

vivido imediato: alienação: ética e política p. 509-10

ética idealista p. 539-40

decisões formalmente éticas nas obras de arte, filosofia, etc. p. 540

referência à ética p. 542

ética na polis p. 589

e alienação p. 649-50

dedicação à causa revolucionária e Ética p. 686-7

Existencialismo

Volume 13

e concepções ontológicas dualistas p. 577

Volume 14

autonomização absoluta do indivíduo p. 202-3

Exteriorização (*Entäußerung*)

cf. tb. objetivação

e objetivação p. 415 s.

“momento subjetivo de peso do trabalho” p. 713

diferença entre exteriorização e objetivação p. 66

trabalho p. 90-1

e objetivação/ Hegel: exteriorização e alienação p. 354

exteriorização *versus* objetivação há história p. 358-9

objetivação *versus* exteriorização : definição p. 358-63

caráter universal p. 364 e 367

caráter positivo p. 364 e 367

sem exteriorização não há individuação p. 366-7

e vida quotidiana p. 367

objetiva interioridade do homem p. 367

individuação p. 368-9

objetivação *versus* exteriorização: limites *vis-à-vis* p. 370

objetivação e exteriorização: unitariedade e conflito: ética p. 370-1

e posição teleológica secundária: comunicação p. 406-7

objetivação e exteriorização p. 417

e objetivação: formas elementares de sociabilidade p. 448-9

e gênese das ideologias p. 464-6

diferença objetivação p. 505-6

e trabalho p. 506

como fundamenta alienação p. 713-4

Falsa consciência

cf. Ontologias fictícias

cf. Direito

Falso socialmente necessário

Volume 14

ciência e religião hoje p. 49

e Direito p. 191, 201, 211

“drástica inverdade” p. 695

Fator subjetivo*Volume 14*

raio de ação p. 448

e objetividade p. 447-8

e crise revolucionária p. 448-54

fundamento ontológico p. 459-60

e essência do desenvolvimento econômico p. 469-70

Fenômeno

cf. tb. essência

necessários e ativos p. 126

não há ser sem fenômeno p. 154

tão existente quanto essência p. 206

tão real quanto essência p. 257

Fetichismo complexos parciais*Volume 14*

método e fetichismo p. 202

Finalidade

Cf. posição de fim

Cf. teleologia

Volume 14

posição de fim e alternativa p. 34

e nexos causais p. 130-1

finalidade e transformação da natureza p. 54

Ferramentas*Volume 14*

crítica homem animal que constrói ferramentas p. 45

Filosofia*Volume 14*

diferença com a religião p. 467

forma pura de ideologia p. 466

gênese; e ciência p. 467-8

filosofia *versus* ciência p. 468-9

voltada aos conflitos humano-genéricos p. 469
filosofia *versus* política p. 469-70
objeto central da filo; *versus* arte p. 470-1
função social da filo e da arte p. 484-5
e emancipação p. 485-6

Forma *versus* conteúdo

Volume 13

forma e conteúdo p. 676-7
categoria da forma p. 129-30

Volume 14

lógica formal: forma *versus* conteúdo p. 430-1

Formas ontológicas mistas

Volume 14

formas ontológicas mistas p. 565-6, 632, 653-4, 654, 678

Generidade / Generalidade Humana e Natural

cf. tb. linguagem

Volume 13

critério ontológico determinante da humanidade p. 40
centralidade em Marx; mutismo p. 41
generidade muda; ser biológico p. 41-7
não mais muda e relação sujeito-objeto p. 44-5
conjunto relações sociais p. 52 e 81
não mais muda p. 61-2
e história p. 65-6
generalidade da totalidade e da individualidade p. 68-9
definição p. 70-1
generalidade autêntica p. 72-3
e essência individual p. 81
e vida cotidiana p. 84
processo de constituição p. 182
e traduzibilidade p. 187-8
definição p. 241
muda e não-muda p. 241-2
generalidade ontológica p. 274-5
gênero humano *versus* gênero natural p. 664-5
gênero e indivíduo p. 667-8
em-si e para-si p. 668

Volume 14

e trabalho p. 77-8
 antíteses com o desenvolvimento dos indivíduos/ alienação p. 80
 gênero e mercado/ gênero e consciência p. 129
 gênero e indivíduo / forças produtivas e indivíduo p. 135-6
 gênero e mutismo p. 135-6
 processo de evolução p. 161
 e para-si p. 161
 morte *versus* vida no ser social e natureza p. 179-81
 definição generidade p. 245
 mutismo p. 248
 coexistência diferentes níveis de generidade p. 248-9
 objetividade social é sempre universal p. 346
 generalidade e mutismo p. 362-3
 em-si e para-si : para além da reprodução material p. 364-5
 consciência genérica antecede individualidade explicitada p. 418-9
 em si cria sempre espaço ao para si p. 530
 definição para-si p. 520-1
 gênese e estrutura do para-si p. 521-3
 em-si e para-si p. 523-4, . 528-30
 e individualidade p. 524-7
 em-si, arte, artista p. 533-6
 arte *versus* economia generalidade para-si p. 536-9
 tradição, direito e generalidade para-si p. 541-2
 em-si *versus* para-si p. 548-9
 em-si e para-si p. 645

Generalização

cf. universal *versus* singular

Volume 13

difusão e aperfeiçoamento p. 267-8

Volume 14

generalização e gênese da ciência p. 50
 ciência, reflexo e questões ontológicas gerais p. 55-6
 objetivação sempre universal p. 341
 e abstração p. 346
 e linguagem p. 346
 generalização e reflexo p. 349-50
 generalização (síntese) p. 350-1
 e objetivação p. 376
 espontânea e necessária p. 377-8
 e objetivação p. 418-9
 dirimir conflitos é generalizar p. 474

Gênese

Volume 13

e categorias e historicidade p.38-9
salto qualitativo e abordagem genética p. 564
abordagem genética e método p. 587

Volume 14

gênese ontológica p. 49

Guerra

Volume 14

tática e estratégia p. 253-4

Historicidade

cf. tb. método
e categorias p. 35-6
modo real do ser p. 36-7
do ser biológico p. 50-1
do ser social; passado *versus* presente p. 70-1
categoria central do marxismo p. 86
enquanto categoria fundamental p. 92
irreversibilidade p. 99
do ser social p. 173-4
motor central de toda totalidade p. 227-8-9
e ciência p. 240-1
médium entre ciência e filosofia p. 246-5
e substância p. 613
só complexos têm história p. 624-5, 645-6
é proceso que mantém ou reproduz a si próprio p. 637-8

Homogeneização do real pela subjetividade

Volume 14

e gênese dos valores p. 502
campos homogêneos, lógica e hierarquia p. 503

Ideação

cf. prévia ideação

Ideologia*Volume 13*

e ontologia fictícia p. 10-11
 necessidades ontológicas basilares p. 16-5
 e desenvolvimento genérico p. 70-1
 exemplo p. 91-2
 definição p. 202-3
 definição; ciência, ideologia, ontologia p. 222-3
 e ciência p. 230

Volume 14

duas definições p. 397-8
 e *hic et nunc*; gênese p. 398-9
 definição p. 400-1
 definição de caracterização restrita p. 401-2
 nas sociedades de classe p. 404-5
 generalização p. 450-2
 definição formas puras p. 466
 política *versus* filosofia e arte p. 482-3
 função social da filo e da arte p. 484-5
 e emancipação p. 485-6
 ideologia *versus* ciências naturais p. 487-8
 e ciências sociais p. 488
 definição: é neutra frente à verdade científica p. 490
 ciências e ideologias puras p. 492
 marxismo, ideologia, ciência p. 492-3
 não ao critério gnosiológico p. 493-4
 marxismo, ciência e ideologia p. 494-5
 coisificação é “meio ideológico” p. 601-2
 duas espécies de função de ideologia” p. 602
 ideologias superiores puras, arte e filosofia p. 618-9
 definição anticapitalismo romântico e ideologia p. 671-2
 e reprodução social, alienação p. 676-7
 stalinismo p. 692

Iluminismo*Volume 14*

dedução imediata dos valores a partir da utilidade p. 71-2

Imagem de Mundo

cf. tb. concepção de mundo

Volume 13

e reflexo do real p. 223-4

função social p. 18

Individação

cf. tb. Indivíduo, Personalidade, Individualidade, *Citoyen versus bourgeois*, substância individual

Volume 13

fundamento p. 43-5

e sociabilização p. 54-6

definição p. 56-7

e totalidade p. 81

Volume 14

fundamento no trabalho p. 41-2

conhecido/instintivo ou “apenas emocional”/continuidade p. 42-3

retroação do predomínio do consciente sobre o instintivo p. 44

domínio consciente dos afetos p. 44-5

e alienação e objetivação p. 358

e sociedade p. 368-9, 724-5

nas sociedade primitivas p. 411-2

casualidade e causalidade: capitalismo p. 445

singular enquanto genérico, arte p. 471-2

e gênero, conflitos p. 474-5

e sociabilidade p. 509-12

irrevogavelmente unitária p. 511

contraditoriedade e alienação p. 528-9

dedicação à causa e particularidade (*Partikularität*) p. 687-90

mercado e particularidade (*Partikularität*) p. . 696

individação p. 644-6

e revolução, Lenin e social-democracia p. 684-5

individação autêntica, revolução p. 685

dedicação à causa e alienação p. 685-9

e dedicação ao socialismo p. 685-6

totalitarismo e limite à individação p. 693-6

transição polis ao medievo p. 704-5

e acaso na superação da alienação p. 725-7

Individualidade

Volume 13

e gênero p. 58-60, 664-5

historicidade p. 63-4

Volume 14

individualidade e dever (referência ao capítulo da Reprodução) p. 67

e sociabilização p. 134-5

reprodução: gênero e indivíduo p. 135-6
 substância do indivíduo p. 232
 individuação p. 380
 individuação p. 402-3
 indivíduo é suas relações sociais p. 462-3
 em-si e para-si p. 523-4
 vida cotidiana p. 573-4
 e dedicação à causa p. 686-7

Indivíduo e generalidade

Volume 14

superação das tendências universais p. 137
 caso Homero p. 137
 e caráter espontâneo da linguagem p. 177-8
 individuação e sociabilização p. 463-4, 523-4
 e coisificação p. 641-2
 realização parcial do para-si p. 646

Indivíduo

Volume 14

e tendências universais p. 135
 suas ações e as classes p. 140-1
 Engels: e totalidade p. 228
 singularidade humana e singularidade em geral p. 228-7
 e desenvolvimento genérico p. 359; 510-3; 524-5, 523-4
 enquanto polo da reprodução p. 532-4
 independência relativa p. 713-4

Intentio obliqua

cf. tb. ciência

Volume 14

fundamento ontológico p. 93
recta e *obliqua* p. 390
 manipulação, ciência e pensamento religioso. p. 59-68

Intentio recta

cf. tb. ciência e filosofia

Volume 14

“*intentio recta* ontológica” p. 91

Inversão ontológica

Volume 14
e método 223-4

Jovem versus velho Marx

Volume 13
crítica p. 108-9

Volume 14
crítica p. 503-4

Kant

Volume 14
teleologia/ problema ontológico não solucionado p. 14-6

Legalidade

cf. tb. racionalidade, ser-precisamente-assim

Volume 13
legalidade social p. 602, 630-1

Volume 14
determinações mais gerais do ss. p. 157-8
e posições teleológicas singulares p. 158
economia e posições. teleológicas singulares p. 218-9
capitalismo e posições. teleológicas singulares p. 282-3
sociedade *versus* natureza p. 367; 511-2

Lenin

Volume 13
classicismo da Rev. Russa, *versus* Stalin p. 650-1
leitura de Marx por Lenin p. 575-6
e o revisionismo p. 234-5
críticas a Lenin, relação Lenin-Stalin p. 236-7

Volume 14
e teoria p. 496-8
Lenin *versus* Stalin p. 499-500
Que fazer?, alienação p. 545-6
e os sindicatos p. 665-7

Liberdade

Volume 13

reino da liberdade *versus* reino da necessidade p. 157-8
e alternativa / gênese no trabalho e limite no trabalho p. 509-10

Volume 14

e trabalho p. 97 e 102
trabalho e categoria fundante p. 97-8
liberdade e alternativa, gênese da liberdade p. 98, 310-11
e conhecimento p. 100-1
e leis econômicas: aparência de liberdade p. 143, 307-8
reino da liberdade *versus* da necessidade p. 152-4 e 457-8
e capitalismo p. 291-2
e necessidade p. 308
e alternativa p. 311-2
gênese e particularidade p. 312-15
definição liberdade p. 368
gênese ontológica p. 368-9
economia e reinos da liberdade e necessidade p. 458-9
individualidade e superação do reino da necessidade p. 646

Linguagem

Volume 13

simultaneidade com o trabalho p. 17
comunicação na esfera da vida p. 42-3
linguagem p. 45
linguagem e unitariedade do ser social p. 186
fundamento ontológico p. 244
palavra p. 244-3

Volume 14

Reflexo, relação sujeito-objeto, linguagem/palavra e conceito p. 47
gênese da linguagem p. 47-8
trabalho categoria fundante da fala p. 48
e relação sujeito-objeto, conceitos, domínio do objeto p. 87-8
fixa e transmite a distância sujeito-objeto no trabalho p. 89
e salto ontológico p. 89
e generalidade humana: totalidade momento predominante p. 118-9
órgão e médium da continuidade p. 166
e generalidade p. 175-8
simultaneidade com o trabalho p. 338
e generalidade; sinais p. 346-7
da representação ao conceito p. 347-8
linguagem e generalização p. 353
gênese ontológica p. 354
simultaneidade com o trabalho p. 354

objetivação do real na consciência p. 358
alienação e linguagem p. 367
nome, conhecimento p. 406-7
consciência genérica e linguagem p. 419-20
salto ontológico para além da natureza p. 479
e coisificação p. 579
e coisificação na vida cotidiana p. 640-1 e 581-2

Lógica da particularidade

Volume 14

é real, não apenas subjetiva p. 330

Lógica formal

Volume 14

instrumento para organizar o pensamento p. 430-1
ciência como outra qualquer p. 247

Magia

Volume 13

fundamento último/ analogia p. 11-13

Volume 14

e religião p. 639-40
da magia à religião p. 577

Manipulação

cf. tb. religião, neopositivismo, alienação

Volume 13

ciência, alienação e manipulação, método p. 274
e alienação p. 249

Volume 14

“fator decisivo da reprodução capitalismo contemporâneo” p. 59
Manipulação contemporânea p. 108, 169, 285
fundamento econômico: indústria do consumo a serviço do grande capital p. 627
neopositivismo, religião, vida cotidiana, ideologia p. 635-7
e capitalismo contemporâneo p. 682-6

Marx*Volume 13*

a estrutura *Das Kapital* Livros I, II e III e método p. 584

Volume 14

Das Kapital: trabalho como condição eterna p. 10

Das Kapital: def. trabalho p. 13-4

1ª. Tese ad Feurbach: o caráter da objetividade p. 27-8

Grundrisse: instrumentos de trabalho p. 39

Das Kapital, Vol I, cap V; individuação p. 42-3

e *Dynamis* aristotélica: *Potenz* p. 43

Feurbach (1ª. Tese) e *Manuscrítos de 1844*: prática sensível e crítica às concepções teleológicas p. 51

relação teleologia/causalidade p. 51

tese doutoramento e concepção de mundo p. 59

Marx e seu materialismo p. 67

Grundrisse: economia de tempo e economia p. 75-6

Marxismo enquanto ciência

cf. ideologia e ciência

Volume 13

economia e superestrutura p. 235-6

especificidade da ciência e ontologia em Marx. p. 566

Marxismo vulgar

cf. tb. taticismo e stalinismo

Volume 13

e causalidade, e valores e generalidade humana p. 74-5

origem e desenvolvimento p. 108-12

papel de Engels p. 111-2

stalinismo e taticismo p.112-3

Engels e a herança hegeliana, negação da negação p. 113-15

materialismo dialético e mecânico, consciência p. 577

e reprodução do indivíduo/ neokantismo p. 227

identificação técnica e forças produtivas p. 251

criptoteleologismo p. 267-8

crítica ao dualismo metodológico: economia *versus* espírito p. 298-9

essência e fenômeno p. 334-5

«reflexo fotográfico» p. 352

vida cotidiana p. 372-3

Stalin-Zdanov p. 396-7

2 correntes principais e ideologia p. 421-2

fetichismo do econômico p. 439

filosofia e arte p. 475
fundamento reificado p. 476-80
stalinismo p. 636

Materialidade

Volume 13
materialidade 561-2
e objetividade p. 589

Volume 14
processo *versus* coisa: coisalidade p. 577-9

Materialismo

Volume 13
velho materialismo e esferas ontológicas p. 26-7

Volume 14
materialismo pré-marxista p. 17

Meio *versus* finalidade

cf. teleologia

Volume 14
finalidades predominam no ato de trabalho singular, mas os am na
continuidade histórica p. 22
predomínio dos meios p. 22
meio *versus* finalidade: gênese da ciência p. 24-5
meio e finalidade na relação indústria- ciência hoje p. 25-6
distância sujeito-objeto, linguagem, meios e finalidades. p. 89

Método

cf. tb. Crítica Ontológica
cf. tb. historicidade e momento predominante
cf. tb. Abstração (abstrações isoladoras do caminho de ida e de volta)

Volume 13
e totalidade p. 572
caminho de ida e volta, abstrações isoladoras, prioridade da objetividade p.
580, 554, 596, 598-9
método de exposição *versus* investigação p. 590
e classes sociais em *Das Kapital* p. 602
método estatístico p. 628, 630

racionalismo e empirismo p. 641
 retorno de Engels a Hegel p. 643-4
 ser e reflexo p. 564
 papel da gnosiologia no capitalismo p. 31-2 e 33-5
 e capitalismo/ ontologia e gnosiologia p. 29 - 36
 e vida cotidiana, método p. 33-5
 historicidade como pressuposto metodológico p. 36-7
 crítica Hegel: lógica específica do objeto específico (Marx) p. 40-1
 conhecimento para-nós e conhecimento do em-si p. 46-7
 e prioridade do econômico p. 77-8
 e ontologia geral, domínio da totalidade, atomismo p. 106-7
 princípio fundamental p. 107-8
 categorias e método p. 113-4
 e categorias teóricas p. 127-8
 método estatístico p. 151-2
 abordagem genética p. 160
 e categorias p.161
 e Hegel p. 162
 e totalidade p. 181 e 217
 correção ontológica das ciências p. 217-8
 debilidade de Hegel p. 219-20
 crítica ontológica p. 220
 e historicidade p. 242-3
 filosofia e ciência e historicidade p. 246-7
 correção ontológica da ciência, alienação e manipulação p. 247
 ciência e filosofia p. 253-4
post festum p.255-6
 duplo movimento p. 258
 constatação ontológica p. 272-3
 prioridade do objeto p. 272-4
 generalidade ontológica p. 273-4

Volume 14

ida e volta, prioridade metodológica e prioridade totalidade p. 7-8
post festum : anatomia do homem e do macaco. p.8-9
 caráter da abstração do começo “pelo trabalho” p. 8-9
 abstração na ida e a totalidade precisamente-assim-existente. p. 8-9
 contra Kant: a “resposta correta” p. 16
 prioridade da totalidade sobre os elementos/ momento predominante p. 47
 idealismo, marxismo vulgar p. 63
 desenvolvimento social conhecível *post festum* p. 68
 e valores e teleologia p. 71-2
 Iluminismo e os valores superiores a partir da utilidade p. 71-2
 idealismo e ao materialismo vulgar: valores econômicos p. 78-9
 “método ontológico”: realidade *versus* sistema hiper-racionalizado
 logicizado, hierárquico de valores” – Weber p. 82-3
 método genético *versus* lógico-gnosiológico; liberdade: questões ontológicas
versus abordagem gnosiológica p. 98

abordagem idealista *versus* ontologia na gênese da liberdade p. 98-9
 dedução conceitual *versus* derivação genética p. 109-10
 meio e fim nas posição teleológica primária e secundária p. 112
 abstração e método p. 117
 mercadoria: partida para Marx sociabilidade capitalista, o trabalho o ponto
 de partida para expor o ser social. p. 221-2
 materialismo histórico e dialético p. 149-51
 ontologia *versus* gnosiologia e lógica p. 151-2
 crítica à gnosiologia e a consciência e da linguagem p. 164-5
 genérico *versus* métodos singulares p. 172
 método lógico-gnosiológico, stalinismo; Direito e economia, e totalidade p. 200-1
 constatação ontológica, valor. p. 207-8
 e pesquisas singulares p. 228-9
 prioridade do ser-precisamente-assim *versus* Hegel p. 253-4
 crítica à fusão entre ser e valor p. 254
 problema metodológico de fundo: ontologia p. 255-6
 crítica concepção teleológica (Hegel, Engels) p. 267-8
 manipulação e método neopositivista p. 286
 abordagem genética p. 338-9
 salto: não há etapas intermediárias, linguagem; metodologicamente: não há
 “avizinhamentos” p. 339-40
 abordagem genética (*in passim*) p. 368
 crítica a *intentio recta* em Hartmann p. 392
 gênese e essência p. 401-2
 macaco tem no homem sua chave p. 409-10
 e Direito p. 410-11
 caráter abstrações e política p. 440-6
 e gênese p. 466-7
 coisificação e abordagem genética p. 476-80
 totalidade e singularidade p. 480-1
 e ideologia p. 490-2
 relevância metodológica da vida cotidiana p. 508-9
 e Kant p. 538-9
 e gênese p. 566
 analogia e vida cotidiana p. 575-6
 dedução ontológica do ser social p. 581-2
 kantismo e coisificação p. 587-9
 e Husserl p. 589-90
 coisificação e ciência p. 598-600
 coisificação e método não ontológico p. 605
 neopositivismo e religião, abandono da ontologia p. 627-30
 constatação ontológica p. 682-3
 causalidade *versus* casualidade p. 725-6

Mito/Mitologia

cf. tb. coisificação e método

Volume 14

função social e caracterização ontológica p. 598-601

Modos de produção

Volume 14

modo de produção asiático p. 141-4

modo de produção escravista p. 263-7

escravismo *versus* feudalismo / cidade e campo p. 270

Momento ideal

Volume 14

definição p. 305

e causalidade p. 343-4

Momento predominante

cf. totalidade, afastamento da barreira inorgânica, trabalho

Volume 13

e determinação de reflexão p. 607

método ontológico p. 106

economia e generalidade humana p. 77

economia p. 78-9

e inter-relação p. 47

ambiente *versus* reprodução natural p. 49-50

e processualidade p. 203

sociabilidade *versus* natureza p. 204-5

economia e esfera fenomênica p. 411-12

economia e fator subjetivo p. 459-60

Moral

Volume 14

e ética; Direito, função social da moral. p. 193

moral e elevação do direito a um maior nível de generalidade p. 194

Morte e vida plena de sentido

Volume 14

fatos imodificáveis da vida p. 94-5

Não-ser-digno-do-homem

Volume 14

e alienação p. 475

e alienação p. 519

Natureza

cf. afastamento das barreiras naturais

Necessidade

cf. tb. causalidade e categorias modais

Volume 14

caráter se... então p. 223-4

humanas *versus* animais p. 341-2

economia p. 458-9

naturais e sociais p. 512-3

social p. 656-7

Negação

Volume 13

negação da negação p. 113-4

Hegel e Espinosa p. 114

Hegel p. 116-7

Engels p. 122-3

Volume 14

no ser natural e no ser social p. 325-6

Neopositivismo

cf. tb. coisificação, exteriorização (*Entäusserung*), alienação e religião

Volume 14

e religião p. 627-9

e religião p. 629-30

Jasper e T. Chardin p. 632-5

e determinação social sobre a concepção de mundo p. 58-9

contraste entre ciência e manipulação p. 59

Novo

Volume 14

aparece do lado do objeto p. 344

Objetivação

cf. tb. exteriorização, generalização

Volume 14

“categoria central do trabalho” p. 13

e personalidade/ subjetividade e objetivação no trabalho p. 66-7

diferença entre exteriorização e objetivação p. 67

totalidade processual composta por cadeias causais objetivadas p. 75

período de consequências p. 99

e ser das classes (os atos devem ser objetivos) p. 141

definição, em-si e para-nós p. 300

e linguagem p. 358

e alienação p. 361-3

e generalização p. 376 e 423

e alienação, e generalização p. 402

formas elementares do ser social p. 448-9

generalização, individuação p. 474

e alienação p. 505-6

e trabalho p. 506

arte e economia p. 538-9

e ideologia pura p. 538-9

e exteriorização não mais particular p. 539-40

e alienação p. 539-40

e alienação, erro de Hegel, em-si e para-si p. 540-1

ser-para-nós e coisificação p. 577-8

e coisificação p. 583-4

Objetividade

Volume 13

e historicidade p. 212-3

historicidade e teleologia p. 213-4

objetividade espectral p. 224-5

social e natural p. 224-5

definição p. 239-40

síntese de determinações p. 271-3

e ente p. 272-3

e materialidade p. 561-2, 589
objetividade espectral p. 565, 571
e ente p. 577
objetividade do universal 589
objetividade ontológica p. 616-7
e consciência p. 674

Volume 14

objeto, interseção teleologia e causalidade p. 20
e consciência p. 27-8
objetividade primária e reflexo p. 29-30
e reflexo como não-realidade p. 30
causalidade dada *versus* posta p. 35-6, 111-2, 458-9
e valores p. 76
valores partes movidas e moventes da reprodução p.85
período de conseqüências p. 99
objetividade primária e trabalho p. 105
objetividade p. 111-2
e objetivação no ss. p. 313-4
sempre universal p. 346
e posição teleológica p. 349
e desantropomorfização p. 379
recusa de um desenvolvimento social puramente objetivo p. 533
e valores p. 85

Ontologia da vida cotidiana

cf. vida cotidiana

Ontologia fictícia

cf. tb. religião

Volume 13

fundamento geral p. 10-12
ontologia fictícia p. 14-18
ciência, ontologia, ideologia p. 221-2
imagem do mundo p. 223-4
fundamentos ontológicos limite do conhecimento p. 225-7

Volume 13

e dualismo ontológico p. 93
trabalho e dualismo alma/corpo p. 96-7

Particularidade (*Partikularität*) e alienação*Volume 14*

no capitalismo p. 134-5
 e adesão acrítica à generalidade p. 535-6
 fixação da particularidade e religião, Weber, Guide p. 623-5

Partido*Volume 14*

e sindicatos e alienação p. 664-5

Pergunta *versus* resposta (ato teleológico)*Volume 13*

pergunta *versus* resposta p. 54-5
 generalização p. 267-8

Volume 14

troca orgânica põe as perguntas p. 159-60
 caráter de resposta p. 449
 caráter ideal da pergunta p. 338
 prioridade do real na pergunta p. 342-3

Período de consequências*Volume 14*

período de consequências p. 36 e 99
 e liberdade p. 99

Personalidade

cf. tb. individualidade e substância indivíduo
 cadeia de decisões p. 57
 e possibilidade p. 117-9
 e gênese da singularidade p. 190
 e objetivação p. 65-6
 e reprodução p. 115-6
 fetichismo da personalidade e existencialismo p. 202-3
 e praxis social p. 203
 e história p. 228
 e decisões alternativas p. 234
 e regulação social e gênero p. 247-8
 categoria social p. 511-5
 apenas em sociedade p. 518

caráter social p. 552-3
caráter unitário p. 639-40
e gênese da forma desenvolvida da alienação p. 644
personalidade em-si e para-si p. 644-5
personalidade *versus* sociedade p. 644-7
origem p. 645
e superação da alienação p. 649-50

Pesquisa dos meios

cf. tb teleologia

Volume 14

conexão do trabalho com a origem da ciência p. 21-2

Poesia

Volume 14

e religião p. 620-2

Política

cf. tb. fator subjetivo
e essência e fenômeno p. 438
homem *versus* demanda: síntese p. 439-40
raio de ação da política, durabilidade p. 440-1
política em geral, caráter das abstrações p. 441-3
generalidade menor que “produção em geral” p. 442-3
política em geral, referência ontológica p. 443-5
e capitalismo *versus* Antiguidade clássica p. 445-7
fator subjetivo, ideologia p. 447-51
e revolução p. 452-4
vontade geral pode modificar essência p. 460-1
política *versus* filosofia p. 469-70
filo *versus* política p. 469-71
definição p. 432-8
e ética e alienação p. 509-10
vivido imediato: alienação: ética e política p. 509-10
consciência espontânea *versus* revolucionária p. 664-7
e alienação p. 667-8

Posição de finalidade

Volume 14

e pesquisa dos meios, processo de trabalho p. 18-9

crítica a Hartmann p. 310

Possibilidade

Volume 13

categoria da possibilidade p. 160

Volume 14

e trabalho p. 105-6

dynamis aristotélica p. 305-6 e 523-4

Praxis

Volume 13

centro ontológico objetivo do ser homem p. 38-9

e historicidade e categorias p. 242-3

e filosofia e ciência p. 245-6

Volume 14

gênese do problema da relação teoria e práxis: o reflexo p. 50

teleologia, contemplação, Feuerbach; prática sensível p. 50-1

relação teoria e prática práxis critério absoluto p. 56-7

teoria e práxis, concepção do mundo p. 57

práxis, práxis como critério da verdade, manipulação p. 60-1

Prioridade Ontológica

Volume 13

e desenvolvimento econômico p. 107-8

e economia p. 126-7, 200-1

e troca orgânica com a natureza / p. 331

hierarquia das formas de ser p. 582

e economia p. 676-7

Progresso

Volume 14

ontológico-objetivo p. 135

Propaganda

Volume 14

e consumo de prestígio e cultura p. 700-2

função alienante p. 706-7

intercâmbio natureza e posição teleológica secundária p. 46-8
a “indiferença” da natureza e da consciência no posição teleológica primária
e posição teleológica secundária respectivamente p. 53
meio e fim teleologia primária e secundária p. 112
posição teleológica primária e secundária, objeto p. 119
trabalho, estrutura categorial e teleologia secundária p. 235-6
e forma alienada da comunicação humana p. 406
afetos, trabalho, def. posição teleológica secundária p. 415-6
e política p. 440-1
e duração dos resultados p. 442

Publicidade

cf. propaganda

Racionalidade

cf. legalidade

Volume 13

ontologia e racionalismo p. 635

racionalidade e objeto p. 39

e erro de Hegel p. 255

e Marx p. 255

Racionalismo

Volume 13

crítica do p. 635 e ss., 641 e ss.

e legalidade ontológica p. 637

Recuo das barreiras naturais

cf. afastamento das barreiras naturais

Reflexo

Volume 13

ser e reflexo p. 564

reflexo e pôr teleológico: especificidade do ser social p. 579-5

sujeito e objeto e reprodução fotográfica p. 28-30

o reflexo e objetivação, seu “corretivo” p. 30

fundamento último da distinção sujeito-objeto p. 47

formas de reflexo, ciência p. 48-9

autonomia necessária do reflexo p. 49-50
 ciência, generalização e problemas de uma ontologia geral. p. 55-6
 reflexo e finalidade p. 61
 fundamento p. 344
 consciência e reflexo p. 349
 e prioridade do ser p. 350-1
 sempre posto p. 351
 papel da teleologia p. 351-2
 não é fotográfico p. 352-3
 autonomia da imagem em relação à consciência / p. 353-4

Reflexo condicionado

Volume 14
 no trabalho, sociais e não instintivos p. 44

Religião

Volume 13
 ontologia fictícia p. 17
 e alienação p. 205-8

Volume 14
 sentido da existência na, teleologia e religião. p. 13
 fundamento ontológico da distinção alma-corpo p. 91-3
 transformação da religião é uma necessidade afetiva p. 92-3
 não é forma pura de ideologia p. 466
 diferença com a filosofia e arte p. 467
 tendência inexorável à alienação p. 467
 superação apenas possível se prática p. 503-4
 e resistência cotidiana: 2 respostas p. 505-6
 em Hegel e Feuerbach p. 555-8
 em Feuerbach p. 558-60
 crítica a B. Bauer, *A questão Judaica* p. 560
 e citoyen *versus* bourgeois p. 561
 base material p. 564-5
 e II Internacional e stalinismo p. 566
 e Hegel, Kierkegaard, Dostoievsky e Baudelaire p. 568-70
 sistema regulador da vida social p. 570-1
 diferença com o direito e política, e vida cotidiana p. 571-3
 fundamento da transcendência e vida cotidiana p. 574-5
 magia p. 576-80
 passagem magia à religião p. 577-8
 arquétipo da alienação mediado pela ideologia p. 605-7
 função social: regulador social p. 607-8
 caráter universal p. 607-8

e seita p. 609
e cristianismo p. 608-17
função social da igreja p. 618-9
função social das seitas: ideologias superiores puras p. 618
e poesia, Feuerbach; fundamentos ontológicos p. 619-21
e grande arte: os limites da religião p. 621-2
e ultrapassagem generidade em si p. 621-3
e neopositivismo: fixação do particular p. 627-9
e Jasper, T. de Chardin, neopositivismo p. 632-5
versus magia p. 639-40
e coisificação p. 642

Reprodução

cf. tb. momento predominante

Volume 14

economia como momento predominante p. 78
e conservação da substância social p. 83
e valor p. 83
historicidade p. 123
e divisão do trabalho p. 124
continuidade p. 126
categoria determinante na vida e no ser social p. 126
fundamento nas esferas inferiores p. 128-9
prioridade do trabalho p. 129
caráter não teleológico p. 131
e posições singulares p. 141
e trabalho p. 160
ser-para-si e ser-em-si p. 161
e tempo de trabalho socialmente necessário p. 193
e Marx p. 285
Antiguidade e capitalismo, política p. 445-7
trabalho, individuação e sociabilidade p.462
individualidade e generalidade: estrutura e base da práxis p. 463-4
individualidade e gênero p. 464

Revisionismo

cf. tb. stalinismo

Volume 13

revisionismo p. 234-5

Revolução*Volume 14*

e universalidade p. 454-5
 questão ontológica central p. 455-6

Salto ontológico*Volume 13*

salto: p. 564
 do inorgânico à vida p. 42-4
 dupla base conteudística-formal p. 46-7
 continuidade *versus* ruptura p. 131-2, 136

Volume 14

irreversibilidade conhecimento do salto para o ser social p. 08-9
 da vida ao ser social p. 09
 e negatividade p. 11
 conhecimento apenas *post festum* p. 34
 e o caráter de alternativa da práxis p. 36
 gradual universalidade das novas formas p. 36
 saldo e desdobramento categorial do novo ser p. 49
 salto e processo de milênios p. 49
 a essência do novo, momento predominante p. 49-50
 salto *versus* processo p. 61-2
 e explicitação categorial do novo ser p. 71
 salto ontológico e valores p. 71
 linguagem e salto ontológico p. 89
 e linguagem p. 90, 176-7
 e mudança estrutura social p. 117-8
 não há etapas intermediárias p. 139-40
 momento predominante p. 203-4
 alienação e salto do em-si ao para-si p. 362

Segunda natureza*Volume 14*

economia e segunda natureza: valores p. 81

Seitas

cf. Religião

Sentido da existência

cf. vida plena de sentido; Vida Sensata, Alienação.

Volume 14

“necessidade humana elementar e primordial”: religião p. 13
exclusivamente social (implícito fundamento da ética) p. 94
categoria exclusivamente social p. 709-10

Sentidos

Volume 14

Manuscritos de 1844: sociabilização dos 5 sentidos. p. 514-5

Ser orgânico/inorgânico

Volume 13

e Kant p. 19-20

natureza enquanto pré-história natural do ser social p. 143-4

Volume 14

orgânico *versus* social p. 640-1

Ser

Volume 13

e Hegel p. 114-5

complexo de complexos histórico p. 151

processual p. 237-8

Volume 14

ser e processo p. 637

Ser-para-si

Volume 14

na totalidade e no indivíduo p.166-7

Ser-precisamente-assim

cf. Método

Volume 14

dado ontológico primário, prioridade ontológica p. 225

e método p. 253

legalidade se... então p. 267-8
 prioridade ontológica e método p. 267-8

Sexualidade

Volume 14

sexualidade e reprodução, atração sexual e pólis p. 130-1
 e divisão do trabalho p. 120
 e alienação p. 517
 e dominação da mulher, antiguidade p. 519
 relação homem *versus* mulher e alienação. Grécia e hoje p. 530-3

Sinais

Volume 14

nos animais e gênese da linguagem. p. 166
 sinais e linguagem p. 118

Sindicatos

Volume 14

alienação, e partidos políticos p. 664-5

Singular abstrato

ver método, singularidade.

Volume 14

singular abstrato p. 228

Singularidade

cf. universalidade

Volume 13

categoria universal p. 44

Volume 14

e ser social p. 402-3
 incidível ligação com o social-genérico p. 162-4
 determinabilidade conceitual p. 163-4

Socialismo burocrático p. 201

cf. stalinismo

Volume 13

socialismo burocrático p. 237

Socialismo/Comunismo

cf. liberdade

Volume 13

realização generalidade p. 270-1

Volume 14

e Lenin, e reformismo, alienação p. 684-5

URSS é socialista, em todas as letras p. 696-7

Sociedade primitiva

resumo p. 405-6

diferença com o capitalismo, beco sem saída p. 660-1

Stalinismo

cf. revisionismo, marxismo vulgar

Volume 13

citoyenismo manipulado p. 237

obstáculo à generalidade p. 270-1

Volume 14

“lei do valor” só para meios de consumo. p. 285

estaticismo p. 499-500

alienação p. 527-8

mecanicismo p. 547

coisificação do marxismo p. 599-600

superação da alienação p. 653-4

melhor que o irracionalismo e a ideologia burguesa p. 689-90

URSS é socialista, em todas as letras p. 696-7

crítica elogiosa ao stalinismo p. 690-1

especificidade da alienação stalinista p. 691

alienação *versus* manipulação stalininana p. 722-3

incapacidade de compreender a historicidade da essência p. 730

Substância

cf. materialidade, objetividade, coisalidade, essência, historicidade

Volume 13

substância p. 613
e historicidade p.394-5

Volume 14

objeto, interseção teleologia e causalidade / p. 20
historicidade, def. p. 83, 232
substância social se conserva na reprodução p. 83, 226
e valores, mudança e continuidade p. 85
valor p. 85
trabalho modifica natureza humana p. 90
historicidade e reprodução p. 155
atos singulares e reprodução da substância p. 158
e continuidade social p. 164
e historicidade p. 166
historicidade da substância do indivíduo p. 232, 234
real social são objetivações p. 313
caráter social puro do ser social p. 368
questão decisiva de toda ontologia p. 592-4

Sujeito versus objeto

cf. reflexo

Volume 13

e individuação p. 44-5

Volume 14

trabalho, distância sujeito/objeto e linguagem p. 87
subordinação do subjetivo à objetividade no trabalho p. 43
autonomia da imagem, distância sujeito-objeto p. 351

Taticismo*Volume 14*

estaticismo p. 499
papel do marxismo, crítica ao estaticismo p. 500

Técnica

cf. tb. divisão social do trabalho

Volume 14

técnica e reprodução p. 120-1
e totalidade social p. 128
fetichismo da técnica p. 213
fetichismo objetivista da técnica p. 211

dualidade natureza/ser social. p. 225
identificação técnica e forças produtivas = marxismo vulgar p. 251
manufatura, indústria e fetichismo da técnica p. 275-6

Tédio

cf. alienação
e particularidade (*Partikularität*) p. 704-5
limite, do tédio: é apenas negativo p. 705

Teleologia

cf. momento ideal
cf. pergunta *versus* resposta

Volume 13

predomínio da objetividade p. 169-70

Volume 14

categoria ontológica objetiva p. 13, 16 e 349
e Hartmann p. 18-9
e origem da ciência p. 21 e 25-6
dialética meio-finalidade p. 21 e 25-6
categoria apenas social, crítica ao idealismo p. 25-6
posição teleológica e possibilidades e necessidades p. 39-40
definição momento ideal p. 343

Teleologia *versus* causalidade

Volume 13

crítica à teleologia enquanto categoria universal p. 19-21
e Kant e Hegel p. 22-25
bela citação p. 258-9
teleologia apenas no trabalho p. 268-9
teleologia e causalidade p. 591, 672
exemplo da taxa de lucro p. 601
valor e valoração p. 617
ineliminável tensão p. 665

Volume 14

generalização da teleologia, mito p. 13, 16
conhecimento necessário *versus* ontologia fictícia p. 13-16
causalidade posta; materialismo pré-marxista e a teleologia p. 16
em Aristóteles p. 16
em Hartmann p. 17-8
objeto, interseção teleologia e causalidade p. 20
a concepção gnosiológica e a ontológica de teleologia p. 20

conhecimento necessário ao pôr teleológico p. 21 e 440
 e objetivação p. 37
 é sempre concreta: ser-precisamente-assim/ alternativa p. 38
 e teoria e prática, e ciência e ontologia p. 50-1
 a resolução marxiana da relação teleologia/causalidade p. 51
 teleologia só posta, a causalidade poder ser posta ou não p. 52
 teleologia e meios p.56
 período de consequências p. 90
 sem causalidade não há teleologia p. 297-8
 apenas em um ser causalmente determinado p. 309
 agir e circunstâncias não escolhidas p. 332-3
 síntese e heterogeneidade ontológica p. 343 e 440
 interesse na preparação e execução do pôr teleológico p. 382-3
 superação da imediatividade, generalização p. 415
 causalidade não é teleológica p. 452
 natureza e leis econômicas que “independem” do pôr p. 458-9
 posição teleológica e processo global p. 503
 ato singular *versus* totalidade p. 640
 teleologia p. 645

Tempo de trabalho socialmente necessário

Volume 13

categoria desde trabalho primitivo, capacidades humanas p. 631

Volume 14

categoria universal p. 125-7

resultado espontâneo da reprodução. p. 193

um aspecto do desenvolvimento capacidades humanas p. 619

Tempo Livre

Volume 14

e reino da liberdade p. 118

Temporalidade

Volume 14

irreversibilidade do tempo e salto para fora da natureza p. 9

e alienação p. 675-7

Teoria versus praxis

Volume 13

praxis como critério p. 16

Volume 14

centralidade da teoria p. 496-7

papel do marxismo, crítica ao taticismo p. 497-9

Ter (cat. do ter)

Volume 14

e alienação p. 698-700

e consumo de prestígio p. 63-4

e cultura p. 701-2

Totalidade

cf. tb. universalidade e momento predominante

Volume 13

prioridade ontológica e metodológica p. 240-1

prioridade ontológica p. 568, 579, 618

prioridade metodológica p. 572

Volume 14

prioridade, todo ente tem caráter de complexo p. 07

prioridade da totalidade p. 47

totalidade e técnica p.126-7

totalidade *versus intentio obliqua* p. 60

e os valores econômicos e valores do pôr singular p. 75

atos singulares e totalidade social: realidade “dura” p. 76-7

economia, totalidade imanente, fechada em si mesma p. 77

e atos individuais p. 137

valores e totalidade p. 87

momento predominante da reprodução social p. 120

totalidade e momento predominante na linguagem. p. 176

reprodução da totalidade p. 199

ato singular e universalidade no capitalismo p. 282

e vida cotidiana p. 508-10

e economia p. 540-1

totalidade social p. 556-7

Totalitarismo

Volume 14

versus nazismo p. 692-6

Trabalhador coletivo*Volume 14*

do artesão ao operário p. 273

Trabalho*Volume 13*

definição p. 14

caráter de alternativa p. 141 e 268-9

como fundamento e modelo das posições teleológicas p. 165

espécie de modelo p. 179-80

e valor, categoria fundante p. 620

Volume 14

essência do trabalho p. 09

modelo da práxis social p. 13, 65-7, 109-10

caráter de alternativa p. 34-7

momento predominante e esfera cognoscitiva p. 41

“adaptação” a circunstâncias criadas pelos homens p. 42

categoria fundante, autocriar-se do homem p. 45

modelo da práxis social, produtor de valor de uso. p. 46

trabalho *versus* trabalho nas sociabilidades mais evoluídas p. 46

identidade de identidade e não identidade e outras práxis p. 55-6

dever e trabalho e com outras práxis; def. trabalho p. 65-7

nas sociedades de classe: valores p. 81-2

modifica natureza humana p. 90 e 514-6

e liberdade p. 97

período de consequências p. 99

produtor de valores de uso (def.) p. 110

centralidade ontológica do trabalho p. 110-11

desenvolvimento da técnica não cancela trabalho p. 182

momento da generalidade nele presente p. 217

fundamento do ser social p. 225

estrutura fundamental, “modelo” de toda práxis p. 235-6

e esferas ideológicas p. 323

ligação com natureza e produção do novo p. 341

caráter de síntese p. 342

nas sociedades primitivas p. 405-6

e reprodução, sociabilização e individuação p. 462

exteriorização (*Entäusserung*) e objetivação p. 506

como modelo da praxis, arte p. 534-5

neutralidade frente às alienações p. 535-6

protoforma da práxis p. 550

trabalho abstrato e concreto em “O Capital” p. 581-2

como modelo geral, constituição complexa p. 641-2

Trabalho Intelectual

cf. tb. divisão do trabalho

Volume 14

não é o mesmo que ideologia p. 427

Tradição

Volume 14

objetivação do para-si p. 541-2

Tragédia

Volume 13

realização da generalidade p. 209-10

Unitariedade Ontológica

cf. tb. dualidade ontológica

Volume 13

não significa homogeneidade p. 605
e continuidade p. 131-2

Volume 14

sociedade e natureza p. 19-20

unitariedade última dos valores p. 76

continuidade e unitariedade (valores) p. 79

e valores p. 85

esferas ontológicas, fundamento do papel da consciência p. 91-2

síntese biológico/social p. 290-1

economia, trabalho e unitariedade do ser social p. 323, 336-7 e 337

e individualidade e vida cotidiana p. 409-10

concepção unitária de Marx p. 479

Universal versus singular

cf. método

Volume 13

lei geral *versus* caso particular p. 124-5

universalização operada pelo real p. 559

a taxa média de lucro (em *Das Kapital*) p. 601-2

e tendências econômicas universais p. 610-11

Volume 14

totalidade e atos singulares p. 76

a segunda natureza p. 110
 e acaso p. 143
 e espontaneidade p. 177
 no social, o singular é sempre mediado pela consciência p. 202
 enquanto processos do real p. 329

Universalidade

cf. singularidade, generalidade humana

Volume 13

categoria universal p. 44-5

Volume 14

é real antes de ser pensada p. 454

Valor

cf. tb. valor de uso

Volume 13

valor e trabalho, essência e fenômeno p. 620 e s
 valor e desenvolvimento capacidades humanas p. 621
 racionalidade ontológica *versus* vida carente de sentido p. 636-7
 valor econômico e valorações p. 678-9
 e processo valorativo p. 616-7
 base objetiva, *Grundrisse* p. 620 ,678-9
 gênese dos valores na alternativa, homogeneização p. 502-3
 e negação p. 118-9
 essência dos valores p. 56-7
 e causalidade, marxismo vulgar p. 74

Volume 14

objetividade do valor p. 313-4
 trabalho e valores p. 53
 dever e valor: conexões ontológicas; no ato de trabalho p. 68
 valor e propriedades naturais p. 68-9
 fundamento ontológico e dever, valor de uso e trabalho p. 68-9
 o medieval dos modernos: Hobbes, Spinoza e os Iluministas p. 72
 unitariedade última dos valores p. 71
 salto ontológico, valores e *Aufhebung* p. 71
 caráter se...então do valor p. 76
 utilidade e gênese do valor p. 76
 valor, trabalho e objetividade do valor p. 76
 valores econômicos es valores do pôr singular p. 75
 economia de tempo de trabalho, tempo livre e valor p. 75
 tempo de trabalho: aspecto das capacidades humanas p. 619
 objetividade dos valores econômicos *versus* subjetividade valores

singulares p. 78-9
 valores do trabalho, esferas superiores; Direito e economia. p. 79-80
 e economia e alienação p. 81
 gênese ontológica do valor p. 83
 e reprodução social p. 83
 a peculiaridade da realização do valor p. 85
 objetividade do valor p. 85
 fundamental: caráter do valor: individual ou genérico p. 85
 valor: parte “orgânica” da substância social p. 85
 racionalizável *post festum*, contraditoriedade e o “relativismo” p. 86
 objetividade dos valores p. 85
 base ontológica: trabalho p. 148-9
 necessidade e liberdade p. 151-2
 e praxis social, liberdade e generalidade humana p. 151-2
 realização parcial da generidade; para-si antes do comunismo p. 161
 e hierarquia das esferas ontológicas p. 208
 síntese da relação entre objetividade e valores p. 254
 e alternativa p. 313-5
 objetividade e subjetividade nas valorações p. 349-50
 fundamento genético objetivo p. 349-50
 e alienação-objetivação p. 361
 e vida cotidiana p. 385

Valor de uso

Volume 14

valor de uso e valor de troca p. 10
 valor de uso e afastamento da barreira natural p. 68-9
 valor de uso e demais valores econômicos p. 69-70
 utilidade, Santo Agostinho e concepção idealista dualista p. 71-2

Vida cotidiana

Volume 13

como fundamento e ciência p. 33-4
 e historicidade p. 36-7
 imediatividade e historicidade p. 90-1
 concepção de mundo *versus* objetividade p. 225-6

Volume 14

vida cotidiana e religião p. 13
 religião, Direito e política e vida cotidiana p. 571-3
 neopositivismo, religião, ideologia da vida cotidiana p. 635-7
 e alienação p. 367
 e articulações fundamentais, desantropomorfização p. 372-9
 e valor p. 385

mediação entre economia e ideologia p. 411-3
e individualidade e unitariedade ontológica p. 409-10
relevância metodológica p. 508-9
e totalidade p. 508-10
para-si e vida cotidiana p. 524-5
e religião, características gerais da vida cotidiana p. 572-3
e individuação p. 573-4
conhecimento *versus* ignorado; transcendência p. 574-5
prioridade da vida cotidiana nas reificações p. 599-600
ser e dever, coisificação na vida cotidiana p. 601-3

Violência

Volume 13

e sociabilização p. 200-1

Volume 14

e economia p. 656-60



APRESENTAÇÃO

Georg Lukács faleceu em 1971. A publicação do original, em alemão, da *Ontologia* e dos *Prolegômenos* ocorreu apenas 15 anos depois, uma década após a editora Riuniti, do antigo Partido Comunista Italiano publicar a tradução para o italiano dessas obras por Alberto Scarponi. A edição alemã faz parte do antigo projeto de publicação das *Obras de Lukács* (referida como “Obras” – *Werke* – ou como “Obras completas” – *Gesamtausgabe*) e foi acompanhada por este posfácio de Frank Benseler, o editor de Lukács. O leitor não terá dificuldades em perceber que alguns dos tópicos são claramente datados (em algumas passagens foram introduzidas notas para que se tornassem compreensíveis ao leitor brasileiro dos nossos dias); contudo as informações sobre a preparação dos manuscritos e os diversos planos de edição que foram sucessivamente abandonados possibilitam compreender o ambiente intelectual e político em que se deu a publicação destas obras de Lukács. Talvez, contudo, o mais valioso sejam as informações acerca da atividade intelectual de Lukács na última década de sua vida, de como de sua “Ética” brotou a “Ontologia” e da relação do filósofo húngaro com os integrantes da “Escola de Budapeste.”

POSFÁCIO DO EDITOR^a

Frank Benseler^b

Em sua correspondência com o editor^c, Lukács menciona a “Ontologia” pela primeira vez em 19 de setembro de 1964. Sobre as múltiplas interrogações acerca do prosseguimento do trabalho de edição, que na época incluía seis volumes, escreve Lukács: “A questão a saber é – e isso também se relaciona com a edição completa – que estou agora no meio do trabalho sobre a Ética. No entanto, resultou que a primeira parte da Ética será muito mais extensa do que eu já havia imaginado. Ela provavelmente se tornará um livro

a Benseler: “Nachwort” in Lukács Werke, Band 14. Luchterhand Verlag, Darmstadt und Neuwied, 1986, p. 731-753.

b Tradução de Frederico Lambertucci, revisão de Mariana Andrade.

c {Nota da tradução} Benseler refere a si próprio, no texto, como “editor”. As notas que aparecem no texto estão divididas em dois seguimentos. No primeiro estão notas originalmente no corpo do texto de Benseler, todavia, para facilitar a leitura e tornar o texto mais nítido, optamos por colocá-las como notas de rodapé. As notas da tradução, estão sinalizadas “{Nota da tradução}” e servem para esclarecer opções de tradução e ou contextualizar o posfácio de Benseler para torná-lo mais acessível. Por fim, as notas da tradução são da lavra não apenas do tradutor, mas também da revisão.

independente de pelo menos 300 páginas. Quando estiver terminado, temos que de decidir se o livro não deve aparecer como um trabalho independente, possivelmente na edição completa, ou como um volume provisoriamente separado. O título do trabalho é ‘Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins’ (Para a Ontologia do Ser Social)”.

Empregando-se essa referência, muitas das declarações de Lukács sobre a gênese da obra podem ser mais bem ordenadas, bem como a virada, o ponto de cristalização nitidamente no sentido stendhaliano, a partir do qual a “Ética” se enterra na “Ontologia” de Lukács. Inicialmente, Lukács tinha prescrito, depois do término de “A peculiaridade do estético” uma segunda e terceira parte da Estética^a. Mas já no dia 25 de novembro de 1960, ele escreve, em um primeiro esboço de seu plano para a edição de suas obras completas, que está preparando, como o volume V, “O lugar da ética no sistema de atividades humanas (a obra sobre a Ética na qual estou trabalhando agora)”. Que desde o início materialmente se tratava de uma ética da liberdade, que – coroando o desenvolvimento do ser social – brota da dialética da autorreferência histórica, da autocriação e da alienação, torna-se claro quando Lukács, ante uma carta natalina do editor em que este diz: “Todos nós estamos enredados, com mais ou menos esforço, no Princípio de Bloch!”, respondeu rapidamente, com determinação e relativa minúcia em 23 de janeiro de 1961: “Subjetivamente, sou contra o princípio de esperança de Bloch. Isso não se aplica apenas a Bloch. Por muito tempo compartilhei da concepção epicurista de Spinoza e Goethe, que rejeitavam o medo e a esperança como emoções, porque os consideravam perigosos para a liberdade genuína da humanidade. Isso não significa nenhum pessimismo; pelo contrário. Quando falo em vez de esperança sobre (devo dizer: “de” F.B.) confiança em relação à perspectiva, então a diferença parece ser somente quase verbal. Trata-se, pois, de que somos testemunhas – infelizmente de forma muito pouco consciente – de um revolvimento radical da existência social e compartilhamos a convicção de Marx de que, mais cedo ou mais tarde, a alteração da base deve necessariamente ser seguida por uma alteração da superestrutura. Suas observações mostram-me que estamos muito próximos nesta questão. Uma semelhante nuance eu gostaria de salientar na perspectiva da operatividade. Eu acredito que hoje o ponto de vista filosófico de Spinoza, *sub spezie aeternitatis*, permanece preservado, mas com uma modificação qualitativamente decisiva: a saber, que a eternidade agora significa a continuidade do desenvolvimento da humanidade e que portanto eleva-se dos altos e baixos do movimento diário empírico, mas em essência permanece um componente do processo sócio-histórico.”

Naquela época, Lukács tinha completado a edição final do manuscrito para o primeiro volume da “Estética” e, como sua esposa^b afirma expressamente, trabalha no segundo volume da “Estética”, sob o título “Obra de arte e comportamento estético”. A impressão de que avança para

a {Nota da tradução} A “Estética” de Lukács, qual hoje conhecemos, é apenas a primeira parte de uma obra que teria três partes. Apenas a primeira, “A peculiaridade do estético”, foi redigida. E a este fato que Benseker se refere.

b {Nota da tradução} Gertrud Bortstierb Lukács, que viria a falecer pouco tempo depois, em 28 de abril de 1963.

a “Estética” é mantida por Lukács ainda por mais tempo; ao mesmo tempo, contudo, correspondências e conversas com estudantes e amigos demonstram que as questões da relação entre estética e recepção, liberdade artística e criação, são cada vez mais subsumidas a problemas éticos, que por sua vez são dominados por uma visão total do desenvolvimento humano. Lukács escreve em 12 de julho de 1961: “No que diz respeito à Estética, infelizmente vossa esposa tem razão: tal como em um conto de fadas, se deve comer pela borda o mingau grosso de arroz. Creio que isso não é culpa minha individual, mas do período em que vivemos. Eu já escrevi anteriormente para o senhor sobre a importância dos problemas categoriais. Se eu fosse hoje trinta anos mais jovem e um influente professor universitário, tentaria mobilizar pelo menos uma dúzia de jovens talentosos para monografias sobre as categorias. Mas, eu tenho que fazer a parte do trabalho que recai sobre mim, sozinho, de uma maneira longa e muito pouco agradável. Mas o trabalho tem de ser feito porque a nossa pesquisa está paralisada e ossificada há quarenta anos, e o que acontece no Ocidente é pura impostura a esse respeito. Poder-se-ia dizer que subjetividade e objetividade, fenômeno e essência etc. são sistematicamente confundidos um com o outro. Produzir uma ordem aqui é quase como limpar um estábulo de augias. Claro, isso não é nem satisfatório nem agradável; nem para o autor e ainda menos para o leitor.”

Vê-se claramente como Lukács interpreta filosoficamente e em termos da história universal, após Lenin e qual exigência ele postula: por um lado, nada mais é pretendido do que uma teoria da vida sobre a base de certas categorias que, no entanto, resultam como produtos do trabalho humano contra e com a natureza, por outro lado, uma “história do desenvolvimento da confiança”, que de fato também chegou à forma na “Ontologia”.

A transição da denominação de “Ética” à “Ontologia” ocorre espontânea, veementemente e decisivamente. Entre os muitos livros que Lukács solicitou pelo correio e cujos títulos permitem deduções mais acuradas sobre seus interesses e movimentos de pensamento, encontra-se também, de Ernst Bloch, “Philosophische Grundfragen I, Zur Ontologie des Noch-Nicht-Seins” (1961) (“Questões Filosóficas Fundamentais I, Sobre a Ontologia do Ainda-Não-Ser”). Em 15 de fevereiro de 1961 o pequeno livro foi lançado; no dia 9 de março, ele responde: “Li o pequeno livro de Bloch. É uma fascinante decorativa salada italiana de subjetivismo, que se dá objetivamente, e de uma objetividade muito esparsa e abstrata. Foi bem agradável ver que Bloch não desistiu de sua ética de esquerda.” A combinação de liberdade subjetiva socialmente estruturada, de objetividade natural-dialética mais abstrata, de ontologia e ética, salta ao olhos – e enxerga-se no presente trabalho de Lukács como ele se esforça para enlaçar liberdade e necessidade no desenvolvimento histórico, as barreiras inexoráveis da determinação natural com o ser humano como um ser “que responde”, e sua “posição teleológica” utilizando a liberdade para mediar o objetivamente dado; fica claro que a leitura de Bloch por Lukács teve um efeito de alívio e, por outro lado, o induziu a se apoderar do título. Pode ser que nessa ocasião Lukács tenha lembrado

como Bloch, numa exuberância juvenil, fez projetos para “grandes obras”^a ao passo que Lukács ainda estava nos ensaios – para ele, agora, a reversão era expressiva: na melhor das hipóteses, Bloch havia produzido um ensaio sobre o problema cardinal, enquanto Lukács tinha feito dele um sistema. Esse “ponto de cristalização” é importante: a partir de agora, Lukács vê a si mesmo como sem concorrentes, o único em atividade no campo, sente que um fardo histórico lhe é imposto.

De fato, Lukács retorna com isso a um tema, e suas tentativas de resolvê-lo, que o ocupou no início dos anos vinte, e do qual resultou “História e Consciência de Classe”. A tentativa de formular uma posição sócio-ontológica a partir da categoria de totalidade tornou obsoleto, de um só golpe, tanto o acadêmico positivista quanto o marxismo político não-dogmático. No entanto, a revisão da dialética radical, unicamente social^b, que Lukács ainda pronuncia em seu prefácio de 1967 (Lukács, 1968), dificultou muito o estabelecimento da abordagem sócio-ontológica por trás dela (Cf. Habermas 1985, p. 244). O mal-entendido não foi apenas desencadeado, mas também promovido pelo próprio Lukács. Durante muito tempo, ele operou com um conceito de ontologia, que - como anteriormente forjado por Lenin – significava realidade objetiva em oposição à gnosiologia. Para ele, um ser não-dialético – como teoria natural antissocial, incompatível com suas convicções fundamentais de uma dialética histórica (subjéctiva bem como objectiva) – apenas fora o caso quando a filosofia ocidental considerou a ontologia como realidade gnosiologicamente fundada, através da identificação dogmática da objectividade encontrada na consciência com a realidade “fictícia”, como escreve Lukács (1951, p. 134, volta-se contra Husserl).

Pouco tempo depois, Wolfgang Harich, o editor berlinense das louváveis edições de Lukács na DDR que remontam a 1956, advertiu Lukács sobre Nicolai Hartmann^c. Daqui em diante, Lukács trabalha lentamente, seguindo justamente essa trilha, como mostra o capítulo sobre Hartmann (Hartmann 1926, 1935, 1940, 1951). Lukács concebe a natureza como um autêntico em-si, que é antes de tudo independente de toda construção social e mesmo conceitual. É característico da colocação da “Ontologia” do ser social que, como Lukács quer demonstrar – a partir das falhas tentativas dos neopositivistas e dos existencialistas, passando pelo precursor, Nicolai Hartmann –, a descoberta hegeliana da ontologia ascende a princípio fundamental de Marx.

Lukács se expressa comedidamente sobre o avanço do trabalho. Em 28 de março de 1964, ele escreve que as coisas prosseguem muito lentamente. No entanto, depois que a editora informa que o volume 13 da edição das Obras

a Cf. G. Lukács, “Briefwechsel 1902-1907”, eds. de E. Karádi e E. Fekete, Stuttgart 1982; E. Bloch, “Geist der Utopia” [Espírito da Utopia], Munique e Leipzig 1918, e agora nas Obras Completas, vol. 16, Frankfurt 1971.

b {Nota da tradução} Uma das teses nodais de “História e Consciência de Classe” é a inexistência de dialética na natureza. Tanto nos “Prolegômenos...” quanto na “Ontologia” esta tese é negada frontalmente: Lukács afirma seu materialismo demonstrando como, da dialética do inorgânico vem a vida e, da dialética desta, o ser social – pelas mediações dos respectivos saltos ontológicos. É a isto que esta frase de Benseler se refere.

c Cf. Harich 1975, p.18; Harich descreveu isto, repetida e extensivamente, tanto pessoalmente como por carta, ao editor.

permanece reservado à “Ética”, ele responde lapidarmente, abandonando sua reserva, em 17 de outubro de 1964: “Eu estou ditando o primeiro capítulo da Ontologia”. E em 31 de outubro de 1964: “Agora já lhe posso finalmente escrever porque o primeiro capítulo da Ontologia já está transcrito. Ficou com 120 páginas. Isso mostra que a primeira parte da Ética se tornou independente. Esta parte, ‘Para a Ontologia do Ser Social’, será provavelmente um livro inteiro e mesmo volumoso. Eu espero terminá-lo no curso do próximo ano, então deve ser publicado como um volume independente.” O delineamento da “Ontologia” está evidentemente fixado. Lukács escreve em 22 de setembro de 1965: “Estou trabalhando em uma ‘Ontologia do ser social’. Esta primeira parte tornou-se de fato independente e tem o propósito de se tornar um grande livro. Por enquanto, estou completando o terceiro capítulo da parte histórica (Neopositivismo e Existencialismo, N. Hartmann, Hegel, Marx), apenas então segue a segunda parte: Trabalho, Processo de Reprodução, Alienação, Ideologia. Como já tenho cerca de duzentas páginas, será um livro com pelo menos 500 páginas. Só então eu poderei abordar a Ética propriamente.” A partir de então, o processo de desenvolvimento pode ser acompanhado desde fora com precisão. Que Lukács - também sob a influência das discussões com seus alunos - está seguro da tarefa, mas hesita quanto ao sucesso e se preocupa com seu próprio desempenho, ele indica em 10 de fevereiro de 1965: “Tomara que este livro não se torne uma decepção. Acabei de completar o capítulo sobre Hegel e agora estou trabalhando no capítulo de Marx. Apenas então vêm as questões propriamente sociais. Tomara que funcione”. E já em 27 de agosto de 1965 diz: “Eu decidi, se possível, fazer algo para Abendroth (ou seja, para a homenagem no ‘Gesellschaft, Recht und Politik’^a se eu conseguir extrair uma pequena parte do capítulo de Marx da Ontologia.” Em 23 de abril de 1966, ele relata: “Eu terminei o sexto capítulo (Reprodução). Se tudo correr bem, não é impossível que o livro esteja todo terminado no final do ano. Eu ficaria muito feliz, porque com isso estaria aberto o caminho para a Ética.” Em 8 de março de 1966, Lukács informa que deixou uma pequena parte da “Ontologia” para o Neuen Forum/ Viena; então sob o título “Kunst als Selbstbewußtsein der Nation”^b. Publicado em 1966, foi retirado, não do capítulo de Marx da “Ontologia”, mas do livro “Über die Kategorie der Besonderheit der Ästhetik”, que foi publicado em 1967 como um volume especial. No entanto, essa confusão de Lukács mostra quão intimamente ele entendia o problema das categorias no contexto da “Ontologia”. Em 26 de agosto de 1966, Lukács responde a uma carta da editora Reifferscheid, que pergunta pela “Ética”: “Meu novo livro (isto é, a “Ontologia”, F. B.) progride lentamente. Ainda restam dois capítulos. Dificilmente será possível, infelizmente, que o Dr. Benseler, que, esperamos, venha logo a Budapeste, leve uma parte, já que percebo durante a redação que após a conclusão do trabalho algumas revisões, inserções etc. serão necessárias.”

a “Gesellschaft, Recht und Politik” [Sociedade, Direito e Política], ed. v. H. Maus, Soziologische Texte (Neuwied-Berlin 1968, F. B.), (Publicado em: Neuen, Forum Wien, XIV/160-16, Abril-Maio de 1967, p. 344 e segs. e XIV/162-163, Junho/Julho de 1967, a p. 518 e seguintes.

b “Kunst als Selbstbewußtsein der Nation” (Arte como Autoconsciência da Nação) Volume XIII/52-153, Ago./Set.

Aqui não se expressa algo de uma dificuldade imanente, nem quer dizer um processo de produção tecnicamente difícil. (Lukács ditou o esboço do manuscrito a uma assistente que muitas vezes cometia erros de ortografia, seja porque ela não entendia o conteúdo, seja porque ela escutava errado o alemão não familiar); antes, pelo contrário, trata-se de um conjunto de “alunos” de Lukács (que ele mais tarde em uma carta ao editor do *Times*, datada de 15 de fevereiro de 1971, impressa no *Times Literary Supplement* de 1 de junho de 1971, nº 3, quis reforçar pelo termo geral “Escola de Budapest”) que, volta e meia, tinha entrado em discussões, ponderações e crítica intensivas. Isso foi então mais tarde condensado nas “Notas para o camarada Lukács sobre Ontologia 1968-1969”, que vieram de Ferenc Fehér, Ágnes Heller, György Márkus e Mihály Vajda, e das quais trataremos a seguir. Lukács também enfatiza essas “dificuldades de trabalho” mais tarde, p. ex., em carta de 16 de maio de 1967. Deve-se, no entanto, ter em consideração que, precisamente neste mesmo período, ele escreveu numerosos ensaios menores (“Der große Oktober 1917 und die heutige Literatur”) (“O Grande Outubro de 1917 e a Literatura Moderna”), prefácios de seus trabalhos anteriores (Bd. 2: “Geschichte und Klassenbewußtsein”) (vol. 2 das Obras: “História e Consciência de Classe”), estava ocupado com correções para os volumes da edição completa e dava entrevistas políticas – portanto estava, de fato, sob considerável pressão.

Lukács relata com alívio perceptível em uma carta datada de 27 de maio de 1968. “Nesse meio-tempo, finalmente concluí o último capítulo da Ontologia. Agora vem ainda o ditado e depois a verificação de todo o manuscrito. Espero ter acabado a coisa toda no verão ou no outono. Finalmente!”, e, em 2 de setembro de 1968, após indagações insistentes: “A primeira transcrição da Ontologia está pronta. Depois de ter levado cinco anos, deve-se seguir uma revisão crítica acurada de todo o texto. Isto provavelmente durará alguns meses, de modo que eu não posso lhe prometer o manuscrito antes do final do ano.” Porém, na mesma carta, Lukács mostra que e como ele acredita que pode fazer deduções diretas e práticas de discussões ontológicas abstratas. Diz ele: “Estou jogando com a ideia de escrever um ensaio maior sobre as questões sócio-ontológicas da democratização de hoje (em ambos os sistemas)”. O opúsculo realmente surgiu com o título “Democratização hoje e amanhã”^a; porém, o texto datilografado de 532 páginas foi publicado, em alemão apenas em 1985^b. Lukács interrompeu devido a isso a redação final da “Ontologia” (carta de 23 de setembro). De fato, o trabalho na “Ontologia” atrasa-se. Em um encontro em Budapeste, em novembro de 1969, Lukács esclarece que o manuscrito finalmente estará pronto em fevereiro, mas que ele precisa ainda de meio ano para a toda a revisão. Porém, mesmo esses prazos não são cumpridos: em 6 de junho de 1970, diz: “Estou próximo de terminar a Ontologia”, em 17 de junho: “Além disso, finalmente consegui fazer a primeira redação para a Ontologia. Agora eu tenho que revisá-la - e então, esperançosamente, você receberá um exemplar.”

a Cf. Lukács 1985 e F. Benseler, *Sozialismus und Demokratisierung* “[Socialismo e Democratização]”, em: 5/1985.

b {Nota da tradução} A demora para a publicação deste texto de Lukács não se deve apenas a questões editoriais, o próprio Lukács pediu para que a publicação só ocorresse em torno de dez anos depois de sua escrita.

Mas o que é realidade, o que é intenção, permanece indistinguível: após a concessão do Prêmio Goethe, que é justificado pela “responsabilidade pedagógico-popular (ante) a ciência” e “preservação da cultura clássica alemã” (prêmio de 28 de agosto de 1970), Lukács escreve um discurso que vai de Goethe a Marx, faz um salto para o “reino da liberdade” e, então, difunde os fundamentos ontológicos^a. Mais uma vez atrasa-se o manuscrito. A editora “parabeniza-o” em 30 de junho de 1970 “pela primeira transcrição da ‘Ontologia’”, mas Lukács esclarece em 24 de agosto que não continuou a trabalhar na “Ontologia” por que o clima lhe afetou. Por fim, no último encontro com a editora em 20 de abril de 1971, em Budapeste, ele disse que havia atrasado a “Ontologia” porque estava se recuperando de sua doença apenas muito lentamente, às vezes adormecendo na mesa de trabalho. Mas, antes, havia terminado uma introdução de quatrocentas páginas. Ele, enquanto isso, entregou para publicação um capítulo mais longo e, agora, também o passava ao editor (trata-se do capítulo “Hegel”, que foi publicado em um jornal filosófico húngaro e apareceu em setembro de 1971, após cuidadosa edição de Ferenc Bródy na coleção *Luchterband*). Como uma nova razão para não remeter o manuscrito, surge então a alusão de que o Partido dos Trabalhadores Socialistas Húngaro começa a se interessar pela “orientação sócio-ontológica” (não confundir com a expressão frequentemente usada “ontologia social”^b), porque uma série de intelectuais estão se referindo ideologicamente a Lukács, e é por isso que o veredicto do Comitê Central deve ser aguardado. (Concretamente: György Aczél, responsável pela política cultural, então vice-primeiro-ministro da Hungria, quis ler o manuscrito). Sobre o decorrido posteriormente, relata István Eörsi: “A crítica por parte dos amigos e alunos não o fez duvidar da concepção básica ou do seu método de pensar. Em vez disso, convenceu-o de que sua apresentação carecia da necessária força de persuasão. Na corrida contra a doença, sobre a qual ele não teve dúvidas, ele tentou, em cerca de quinhentas páginas, um resumo do nódulo essencial de seu ponto de vista. Esses ‘Prolegômenos’, que evitam o rígido dualismo da parte histórica e metodológica, não é na realidade uma introdução para a ‘Ontologia’, de modo nenhum um prefácio: é o sumário de uma obra jamais escrita (talvez impossível de ser escrita). Além do conteúdo objetivo dos ‘Prolegômenos’, deve-se admirar a devastadora conquista humana: o poderoso ato de força com o qual Lukács procurou atrasar a doença por meio do saco de pancadas^d de seus conceitos e convicções. Lukács não pôde mais terminar de ler a cópia passada a limpo de seu trabalho, mesmo que nos últimos momentos de sua doença uma brigada de SOS tenha datilografado o

a Georg Lukács para *ad lectores* IO, 13/4/ 1970, Neuwied e Berlin 1970, p. 127-131.

b Cf. Korthals, 1985 e Heller, *in* Heller 1983)

c No prefácio à edição húngara da “Ontologia”, cf. também “Das Recht des letzten Wortes” [O direito das últimas palavras] em: *Europäische Rundschau* 1978, Vol. 4, 5. 77 e segs.; *in* Georg Lukács, “Gelebtes Denken” [Pensamento Vivido], Frankfurt 1981, p. 7 e segs., e “Gelebtes Sterben” [A morte viva] *in*: F. Benseler [ed.], “Revolutionäres Denken” [Pensamento revolucionário] Darmstadt e Neuwied 1984, p. 50 e segs.

d *Sandsack*, literalmente “saco de areia”, o equipamento que os boxistas empregam para treinar socos. A referência é a luta por Lukács para se aprimorar no domínio das categorias ontológicas. A passagem é de difícil tradução, pois “saco de pancadas” tem um significado inteiramente distinto no português e não há como se traduzir *Sandsack* de outro modo.

manuscrito incomumente difícil de ler. Folheando as páginas datilografadas com suas mãos debilitadas, György Lukács deixou, cheio de esperança, sua obra e seu impacto ao julgamento do futuro.”

O próprio Lukács admitira aos seus alunos, desde o início de 1971, que não era mais competente na avaliação da “Ontologia”. Ele, por isso, voltou-se, nos últimos meses de sua vida, à gravação de sua autobiografia. Neste esboço, ele diz: “Subjetivamente: tentativas de formular os princípios da ontologia marxiana: para isso, disposição principal (autobiografia, complemento subjetivo, ilustração, fundamento etc.). Na verdade: pressupostos humano-individuais para uma compreensão correta dos problemas ontológicos. Por isso: convergência: genericidade do ser humano como solução do grande problema da época (individualidade como consequência da relação social cada vez mais pura do singular com a sociedade. Imanência aparente; efetivamente: genericidade). Autobiografia tendências subjetivas (em desenvolvimento) para a efetivação prática da própria genericidade (= desdobramento efetivo da individualidade). Aqui, verdade mais profunda do marxismo: tornar-se humano do ser humano como conteúdo do processo histórico, que se efetiva – de modo muito variado – em cada vida humana singular. Assim, cada ser humano – não importa com que grau de consciência – é um fator ativo no processo total, cujo produto ele é ao mesmo tempo: aproximação da genericidade na vida individual é a real convergência de ambos os caminhos evolutivos reais inseparáveis. Direção e resultado: direção (papel da decisão individual; histórica + (inseparavelmente) profundamente pessoal).”^a Como quer que se possa pensar essa auto-interpretação, a tentativa de determinar a própria biografia a partir da obra e vice-versa, essas mesmas observações tardias mostram que Lukács sustentou sua concepção de ontologia até o último fim. Para o editor, que teve de tomar uma decisão sobre se a obra deveria aparecer como “obra póstuma” e editada ou se teria o caráter de uma edição “de última mão” com as consequências resultantes disso, justamente estes últimos comentários tornaram-se decisivos. Em termos de conteúdo, Lukács não tinha dúvidas sobre seu esboço da ‘Ontologia’, ainda que pudesse ter se tornado perfeitamente consciente da negativa oposição entre a conservadora moldura do sistema e o conteúdo progressivo, a impossibilidade de separar a arte histórica da sistemática^b.

a Lukács: Pensamento Vivido. Instituto Lukács, 2017, p. 213-4.

b {Nota da tradução} Naqueles anos, desdobrava-se uma polêmica – que o futuro demonstraria não ter cabimento – sobre a impossibilidade de uma obra sistemática ser, ao mesmo tempo, dialética. Discutia-se, então, a relação entre “lógica dialética” e “sistema”, como se o segundo fosse “fixo” e oposto à mobilidade da “lógica dialética” – muito brevemente, o equívoco se situava no tratamento da dialética como uma “lógica” construída pela subjetividade ao invés de ser o movimento do próprio real. O pano de fundo era, evidentemente, “O Capital” de Marx tomado sob o ponto de vista das concepções mais próximas ao althusserianismo. Em relação à “Ontologia”, a organização da obra em duas partes, a primeira dita histórica (os capítulos sobre o positivismo, Hegel, Marx, Hartmann etc.) e a segunda, dita sistemática (Trabalho, Reprodução, Ideologia e Alienação), foi, seguindo o *Zeitgeist* de então, colocada em xeque pelos integrantes da “Escola de Budapeste” a partir do pressuposto de que nenhuma teoria exposta sistematicamente poderia ser dialética! No texto acima citado de Eörsi, já ecoa algo desta polêmica na frase “Esses ‘Prolegômenos’, que evitam o rígido dualismo das partes históricas e metodológicas, na realidade absolutamente não são uma introdução da ‘Ontologia’, nem mesmo um prefácio: é o sumário de uma obra jamais escrita (talvez impossível de ser escrita).” Logo abaixo no texto de Benseler, o leitor notará, na discussão de qual lugar que caberia aos “Prolegômenos”, se antes ou depois da “Ontologia”, um ressonância também desta querela. Os estudos posteriores mostraram que esta era, de fato, uma falsa questão – não apenas em relação à obra de Marx, mas também em relação aos manuscritos póstumos de Lukács. Sobre estes últimos, não há nenhuma comprovação de qualquer disjunção categorial entre os capítulos ditos históricos e os sistemáticos.

Em 4 de junho de 1971, Lukács morreu. Até maio, rapidamente, Erzsébet Vezér e István Eörsi haviam gravado, seguidamente, áudios de Lukács de questões isoladas para complementar as gravações autobiográficas. Essas passagens são aqui necessárias porque contêm a certificação do esboço da “Ontologia”, bem como do trabalho como um todo:

“E (Eörsi) - O senhor diria, para terminar, algumas palavras sobre a sua última obra, a ‘Ontologia?’”

“L (Lukács) - Segundo Marx, imagino a ontologia como a verdadeira filosofia baseada na história. Ora, historicamente, é indubitável que o ser inorgânico aparece primeiro e que dele – não sabemos como, mas sabemos mais ou menos quando – provém o ser orgânico, com suas formas animais e vegetais. E desse estado biológico resulta depois, através de passagens extremamente numerosas, aquilo que designamos como ser social humano, cuja essência é a posição teleológica dos seres humanos, isto é, o trabalho. Esta é a categoria nova mais decisiva, porque compreende tudo em si. Não se esqueça de que nós, quando falamos da vida humana, falamos nas mais diversas categorias de valor. Qual é o primeiro valor? O primeiro produto? Uma clava de pedra ou corresponde ao seu propósito ou não corresponde. No primeiro caso será plena-de-valor, no outro será sem-valor. Valor e ausência de valor não se apresentam ainda na existência biológica, pois, na verdade, a morte é um processo análogo à vida. Entre elas não há diferença essencial. A segunda diferença fundamental é o “dever”, que nós húngaros chamamos ‘*Legyen!*’, ou seja, as coisas não se modificam por si, não por processos espontâneos, mas em consequência de posições conscientes. A posição consciente significa que o propósito precede o resultado. Este é o fundamento de toda a sociedade humana. Aquela oposição que existe entre valor e não-valor, entre “ter podido realizar” e “ter sido realizado” constitui, na verdade, toda a vida humana.”

E – “Até que ponto esta teoria foi elaborada pelo próprio Marx?”

L – “Marx elaborou principalmente – e esta eu considero a parte mais importante da teoria marxiana – a tese segundo a qual a categoria fundamental do ser social, e isto vale para todo ser, é que ele é histórico. Nos manuscritos parisienses, Marx diz que só há uma única ciência, isto é, a história, e até acrescenta: ‘Um ser não objetivo é um não-ser’. Ou seja, não pode existir uma coisa que não tenha qualidades categoriais. Existir, portanto, significa que algo existe numa objetividade de determinada forma, isto é, a objetividade de forma determinada constitui aquela categoria à qual o ser em questão pertence. Aqui a ontologia se distingue nitidamente da velha filosofia. A velha filosofia esboçava um sistema de categorias no interior do qual apareciam também as categorias históricas. No sistema de categorias do marxismo, cada coisa é, primariamente, algo dotado de uma qualidade, uma coisidade e um ser categorial. Um ser não objetivo é um não-ser. E dentro desse algo, a história é a história da transformação das categorias. As categorias são, portanto, partes integrantes da realidade objetiva. Não pode existir absolutamente nada que não seja, de alguma forma, uma categoria. A este respeito, o marxismo distingue-se em termos extremamente nítidos das visões de mundo precedentes: no marxismo, o ser categorial da coisa constitui o ser da coisa, enquanto nas velhas filosofias o ser categorial era a categoria

fundamental no interior da qual se desenvolviam as categorias da realidade. Não é que a história se passe no interior do sistema de categorias, mas sim que a história é a transformação do sistema de categorias. As categorias são, portanto, formas de ser. Naturalmente, à medida que se tornem formas ideais, são formas do reflexo, mas, em primeiro lugar, são formas de ser. Desse modo, vêm a ser grupos e conteúdos categoriais totalmente diversos. Tomemos o exemplo historicamente célebre do modo pelo qual Leibniz explicou às princesinhas que não existem duas folhas que tenham a mesma forma. Ele também poderia ter explicado a elas que não existem dois seixos que tenham a mesma forma. A singularidade dos objetos é inseparável do seu ser e não pode ser reduzida a nada. Isto é, eu diria que o sistema das categorias, quanto ao aspecto da singularidade, revela aquele desenvolvimento no curso do qual a categoria da singularidade se desenvolveu, como resultado de um desenvolvimento extremamente longo, da singularidade do seixo até a singularidade do ser humano.”^a

Aqui também está com toda a clareza desejável a reafirmação da formulação como um todo da “Ontologia do ser social” e, acima de tudo, da linha de pensamento dos “Prolegômenos”, que não permite a tentativa de separar o autor de sua última tentativa de largo alcance^b.

O autor, de fato, não vivenciou a “Ontologia” impressa. Ele desejou expressamente a publicação do capítulo de Hegel como um livro independente (23 de janeiro de 1971, em Budapeste). O manuscrito correspondente foi enviado no final de fevereiro. Em maio, ele recebeu a notícia de que a editora também publicaria o capítulo “Trabalho” separado e rapidamente (Com efeito, o volume apareceu apenas em março de 1973 na Coleção Luchterhand). Que o fim e o começo – ao menos em termos de publicação - aparecessem, mesmo que inintencionalmente, paralelamente com a vinculação das edições em brochura de “Die Seele und die Formen” (“A Alma e as Formas”) (Coleção Luchterhand, 1971) e da “Die Theorie des Romans”, (“A teoria do Romance”) (Coleção Luchterhand 1971), com as publicações isoladas da “Ontologia”, poderiam tê-lo agradado, bem como os anúncios da primeira edição alemã de seu “Entwicklungsgeschichte des modernen Dramas” (“História do desenvolvimento do drama moderno”) (1911, vol. 15 das *Obras*, 1981), e de uma coleção completa de seus ensaios políticos 1918-1929^c.

Como se tivesse reduzido a hesitação que poderia existir contra o Lukács vivo e seus impactos atuais, os manuscritos da “Ontologia” sem os “Prolegômenos” foram dados à editora em julho de 1971. O trabalho começou imediatamente, mas foi adiado por uma série de circunstâncias: após um contrato geral de 11 de setembro e de 11 de outubro de 1966, o editor recebeu o direito de incluir a “Ontologia” nas obras completas. Então, em setembro de 1971, foi estipulado contratualmente que se publicaria toda

a Lukács: Pensamento Vivido. Instituto Lukács, Maceió, 2017, p. 183 e s., com alterações.

b {Nota da tradução} Não apenas os integrantes da “Escola de Budapeste”, mas muitos já naquela época insistiam em que tanto a *Ontologia* quanto os *Prolegômenos* seriam momentos menores, quando não retumbantes fracassos, na trajetória de Lukács. Esta frase de Benseler, sem mencionar diretamente estas posições, é uma clara contraposição a elas.

c Lançado como: “Politische Aufsätze I-V”. Darmstadt-Neuwied 1975, 1976, 1977, 1978, 1979.

a “Ontologia” “por capítulos, em volumes individuais”. O planejamento se estendeu pelo período de 1972 a 1975. A reestruturação do programa editorial, que também reagiu a um clima político alterado na República Federal da Alemanha, não permitiu que a edição em brochura fosse realizada, também devido à constatação de que textos tão exigentes não poderiam mais contar com um número de compradores que poderiam garanti-la economicamente. O interesse na “Ontologia”, no entanto, se intensificou talvez devido a expectativas não cumpridas, mas também em conexão um retorno à metafísica (e, com isso, da ontologia), que era bastante evidente como uma virada filosófica^a. Todavia, apenas quando os “Prolegômenos” fossem incluídos no manuscrito e as revisões estilísticas realizadas por uma equipe de Budapeste e uma equipe alemã – com a mediação de uma tradução húngara – a publicação pôde ter lugar; muito depois de poder ter qualquer efeito sobre a relatada renovação do interesse pela metafísica.

A se justificar é a decisão, em contraste com a edição húngara (Lukács 1976), de colocar os “Prolegômenos” no início, enquanto é, de fato, o produto final crítico do trabalho do autor. Esta disposição rompe a conexão desejada por Lukács entre a parte sistemática e histórica e reforça o componente histórico, na medida em que a dedução histórica sumariada é combinada com a primeira parte histórica. Quanto ao primeiro argumento, o editor se refere a que os prefácios são quase sempre escritos no final, que eles foram justamente criados para dizer no final o que se tem de fato a dizer, acolher as críticas, agradecer e, ainda, apresentar resumidamente seu resultado. Ainda assim, não há muitos exemplos na história de tais introduções independentes detalhadas; contudo, aqui, a quantidade e posição justificam a própria demanda. Pode ser que, como autodeclaração, mais tarde, esses “Prolegômenos” igualmente se autoproclamem a parte mais importante da “Ontologia”. O outro argumento era correto apenas para os meses entre o aparecimento do primeiro e o segundo volume. A partir de agora, as partes só serão lidas, editadas e recebidas juntas - como queria o autor.

Aqui é o lugar para dizer algumas observações sobre o princípio da edição. Foi mencionado que, por razões de economia de trabalho, a editora pretendia gradualmente fazer os capítulos da “Ontologia” aparecerem um a um. Para isso, a intenção era, até a publicação da edição, tornar público o respectivo trabalho de correção e revisão para atender ao interesse científico. Que com isso o útil seria combinado ao econômico, é desnecessário que se esclareça: é bastante comum contornar com edições em brochura aquelas despesas que tornam grandes edições tão proibitivas hoje em dia que muitas vezes se tornam na prática edições de bibliotecas ou mesmo edições de arquivo, com a consequência de que apenas poucos e profissionalmente se ocupam delas; com o que seria perdido o que mais se pretendia, que era elaborar para a discussão viva da mudança pretendida.

Lukács, que em tais questões, reagia com sensibilidade às táticas de cooptá-lo quando da formalização de um contrato – ele tinha aprendido, não por último através de considerações políticas, que o lugar, o momento e a

^a Cf. Spaemann 1981, Castañeda 1982, Henrich 1982, Künne 1983, Castoriadis 1984, Horstmann 1985).

forma de publicação tinham de ser pensados com relação ao efeito desejado –, Lukács estava cada vez mais convencido de que tinha de assumir, para uma nova geração, o papel de construtor de pontes para o marxismo renovado, progressivo, formado doravante pelo regresso a Marx. Por isso, ele sempre teve preferência pelas edições em brochura para a discussão atual, enquanto, em termos das obras completas, acolhia as observações engenhosas da filologia meticulosa, uma ciência de avaliar o não-conhecido. Quanto à ontologia, ele considerou-a desde o início como seu trabalho principal e a destinou, no contrato, à Obra Completa, ao mesmo tempo em que ele duvidava cada vez mais da eficácia atual. Isso também tornou mais fácil para o editor apoiar a decisão contra a continuação da edição em brochura.

Tendo em vista os volumes antes publicados das Obras de Lukács, sem adentrar nos métodos de verificação do manuscrito, na adaptação à ortografia e pontuação convencionais, deve-se notar que a coeditoria do *Lukács Archiv*^a, de Budapeste, significa uma vantagem substancial. Isso não é realmente uma questão nominal, mas sim um reconhecimento concreto dos esforços até aqui de publicação em relação à Lukács por parte de uma das instituições afiliadas à Academia de Húngara de Ciências, que tornou-se o centro de pesquisa em Lukács, em particular sob seu atual diretor, Dr. László Sziklai. Lá estão disponíveis todas as edições de Lukács até aqui publicadas, bem como seus manuscritos e rascunhos com trabalhos preliminares, lá está concentrada toda a correspondência preservada, os exemplares das edições húngaras editadas e publicadas e, não por último, publicados com extremo rigor filológico, uma série própria de brochuras com manuscritos de trabalhos não publicados. O *Archiv* já ooperou com a edição da primeira metade do primeiro volume^b e é apenas devido a um equívoco deplorável que este fato não está lá registrado. Somente o contato constante entre o *Archiv* e o editor tornou possível que não restem imprecisões na “Ontologia” e nos textos e anotações. De resto, esta edição alemã é a *standart* para todas as traduções em língua estrangeira - e isso também vale para a edição publicada em húngaro em 1976 e nas seguintes.

A recepção da “Ontologia” podia começar cedo, porque as ideias fundamentais de Lukács haviam sido pronunciadas em muitos lugares. Ao lado das publicações preliminares já mencionadas, chamamos especial atenção para o livro “Gespräche mit Georg Lukács” (“Conversando com Lukács”) de Hans Heinz Holz, Leo Kofler e Wolfgang Abendroth, publicado em 1967, que Theo Pinkus editou. Essas conversas são até hoje a introdução mais viva e discriminada à “Ontologia”, ao lado do trabalho científico mais especializado de Nicolas Tertulian. Por um lado, Lukács desenvolve suas teses precisa e sucintamente; por outro lado, o ceticismo dos cientistas marxistas participantes é um momento perceptivelmente estimulante.

Ernst Bloch, em 1971, falou em uma entrevista com os inventariantes literários de Lukács, Ferenc Ferenc Jánossy e Mária Holló (*in*: Bloch 1984, p. 296 e segs.). Como ele – sem saber que sua publicação foi, para Lukács, um impulso essencialmente negativo para a realização da última obra – refere-

a Benseler se refere ao *Lukács Archiv*, recentemente fechado pelo governo húngaro (cf. a “Apresentação” no Volume 13).

b Benseler se refere aos *Prolegômenos*.

se à “*Ontologie des Noch-Nicht-Seins*” (*Ontologia do Ainda-Não-Ser*), a passagem deve ser citada por inteiro.

Mária Holló: “Alguns sugeriram que a ‘*Ontologia*’ deveria começar com o capítulo de Hegel, já que não apenas a preferência por Hartmann parecia inadequada, mas também o ódio com que Lukács se voltava contra os neopositivistas. Aliás, ele mesmo estava descontente com esses dois capítulos.”

Ernst Bloch: “(...) Isso é intrigante... De repente, esse amor por Nicolai Hartmann, que era um verdadeiro filisteu liberal. Ele escreveu uma ontologia, o Hartmann, um sincero ontólogo, e não se confrontou com Heidegger. É maravilhoso que a palavra ontologia seja aprimorada e se torne um problema. Não se pode pronunciar a palavra ontologia ante os marxistas comuns; lembra-os a Heidegger, a ontologia fundamental, e se a ontologia é ainda necessitada, há sempre uma sacudida de cabeça e um desconforto. Eu tenho um pequeno capítulo que se chama ‘*Ontologia do Ainda-Não-Ser*’^a. A ontologia denomina de fato a ciência do ser, *Ainda-Não-Ser* é uma esfera ainda mais própria do ser! Portanto, aqui está uma ontologia. Ontologia é estática, não-dialética, absolutamente não pode ser usada, a ontologia é fixa e uma oposição à dialética - na consciência dos semieducados. Se eu usar a palavra ontologia na frente de alguns, devo primeiro fazer uma declaração, do contrário eles não ouvirão. Ontologia é a lógica do ser em si mesmo segundo Hegel, não sei se ele usou a palavra, mas a coisa é assim. Portanto tudo, onde não há nenhuma história, não há nenhum fazer-se-do-mundo, nenhum processo, isso é ontologia. Aquilo que bem se pode reconhecer, o que é a metade da questão... Para a consciência habitual, a ontologia é antitética a devir. Ser é ser-tornado e só por ser-tornado pode dar-se ontologia no sentido tradicional. Para algo que está grávido, ou para a nova sociedade com a qual a velha está grávida e tais coisas, isto não tolera a tranquilidades da ontologia. É um pouco fantástico... repetidamente, o clássico! Isto é certo. O mundo está certo! Tudo predeterminado e nesta moldura se é enredado. Assim, a ontologia é ainda mais usada pelos reacionários.”

Mária Holló: Mas na ontologia de Lukács a processualidade do ser está em primeiro plano, aqui ele quer combinar a dialética da natureza e a da sociedade de uma maneira nova.”

Ernst Bloch: “Existe uma dialética da natureza, agora? Após a notória posição em ‘*História e consciência de classe*’, não deveria existir (...) Foi um comentário inteligente! No entanto, se há uma história natural, então há ainda o problema da dialética. E os exemplos dialéticos em Hegel referem-se na maior parte das vezes a objetividades naturais (...) Mas eu não digo nada contra ontologia; eu disse sim, que eu mesmo me culpei por esse pecado, nomeando este capítulo sobre a ontologia do *Ainda-Não-Ser*.”

Mesmo que se deduza a situação de conversação e a idade do entrevistado, estas declarações nada acrescentam à “decorativa fascinante salada italiana de subjetivismo”, apenas que, por Lukács, o maior e mais frequentemente reconhecido estilista aqui formula mais descuidadamente.

^a Ernst Bloch: *Tübingen Einleitung in die Philosophie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 1977, pp. 210-300.

Mais importantes, de fato, são as “Notas para o camarada Lukács sobre a Ontologia 1968-1969”, preparadas pelos seus estudantes Ferenc Fehér e Ágnes Heller, bem como pelos seus colaboradores György Márkus e Mihály Vajda^a. Os autores podem alegar o fato de que Lukács lhes deu a “Ontologia” capítulo por capítulo, o manuscrito datilografado completo foi passado apenas no ano de 1968, com o desejo expresso de discutir suas críticas com ele ou, se caso, usar os resultados para correção ou revisão. O grupo de trabalho resumiu as discussões intensivas com Lukács nos principais pontos de um texto unificado feito para Lukács. Por causa dessa interpelação, dizem os autores, o desconforto de Lukács com as dimensões crescentes de seu trabalho foi expresso por sua intenção de omitir os três primeiros capítulos históricos e pôr uma introdução precisa em seu lugar. Deste modo a antítese entre a parte histórica e a parte sistemática seria eliminada, pois o conteúdo e o modo de apresentação do capítulo de Marx pertencem aos capítulos do Trabalho, Reprodução, Ideologia e Alienação. Esta introdução tornou-se então os “Prolegômenos”, que o ocupou até sua morte e não permitiu executar o plano de revisão dos primeiros capítulos.

Os autores, instruídos por “História e consciência de classe” e apoiados pela expectativa de que a “Ontologia” pudesse conduzir a teoria da objetivação alcançada na “Estética” de Lukács como solução para a relação problemática entre produtos de valor histórico e sua forma normativa e genericamente válida, viram-se neste ponto decepcionados. Criticavam que Lukács era metodologicamente impreciso, que ele não enfatizava rigorosamente a centralidade social da ontologia ante as visões deterministas naturais do marxismo clássico, que apenas levou a cabo uma síntese externa do marxismo e da filosofia, enquanto a questão de como a historicidade e universalidade sistemática seriam unificáveis para o espírito de Marx permaneceu verdadeiramente sem solução. No detalhe, os autores negam a “dialética da natureza” e, a partir do ponto de vista de “História e consciência de classe”; rejeitam a teoria do reflexo de Lukács na teoria do conhecimento; enfatizam a ideia de “progresso histórico” como um princípio historicamente cujo significado por ser vergado à respectiva situação; rejeitam a validade da atividade humana em “leis sócio-históricas independentes” e criticam que Lukács não exhibe uma concepção de valor consistente (seja ela econômica, seja moral). A delimitação para com Lukács se torna clara na definição da filosofia de György Márkus (1968), aceita por todos os autores: “A tarefa da filosofia é moldar as alternativas do presente a questões realmente conscientes (e respostas), na medida em que investiga o lugar dos conflitos fundamentais de hoje no desenvolvimento como um todo da humanidade, em que desvela a relação das alternativas de ação e desenvolvimento com os valores historicamente criados pela humanidade e, desse modo, esclarece seu significado, seu ‘sentido’ do ponto de vista de todo o desenvolvimento humano. Nesse sentido, a filosofia é, na verdade, nada mais do que um ‘uma síntese sempre renovada, sempre presente, dos resultados gerais (...), que se deixa abstrair da consideração do desenvolvimento histórico do homem’ (Marx), a ontologia real do ser social, é a própria história considerada do

a Cf. Fehér 1976, Heller 1983.

ponto de vista do desdobramento do ‘ser humano’.”

Somente quando esse ponto de vista crítico é apreciado, os “Prolegômenos”, que abordam algumas das objeções mencionadas, são compreendidos corretamente. Se a oposição de princípio desse grupo à concepção geral da “Ontologia”, expressa em numerosas publicações dos autores que, quando publicados durante sua vida, apesar de seus pontos de vista divergentes, foram aceitos por Lukács no espírito da “tolerância revolucionária, apesar de seu ponto de vista divergente, isso não é válido como crítica ideológica da concepção mundo, que desde o ponto de vista marxista-ortodoxo de W. R. Beyer, omitiu os únicos sumários provisórios dos pensamentos de Lukács. Esse ataque continua no ensaio “Ontologia social da fórmula mágica”^a.

Imediatamente após a publicação do capítulo “O trabalho” iniciou-se uma discussão mais cuidadosa sobre a ontologia na RDA, da qual apenas Peter Ruben e Camilla Warnke devem ser referidos^b. Os autores chegam à conclusão de que Lukács subestima a finalidade objetiva do processo histórico, que a natureza e a sociedade se separam uma da outra e que permite desaparecer a totalidade dialética do processo como um todo. Do lado húngaro, a discussão oficial se instala após a publicação da tradução de “Ontologia” (Budapeste, 1976). Sejam mencionados os ensaios de Tökei (1979) e Almási (1979).

Adorno (1958, p. 255, 259, 28) acusou Lukács de projetar categorias de natureza sobre o que era socialmente mediado, enquanto Marx/Engels, por outro lado, teriam justamente polemizado crítico-ideologicamente contra. Lukács teria levado à central a acusação de ontologismo contra a literatura de vanguarda, que ele falsamente fixou nas existencialidades do ontólogo-fundamental, Heidegger. Finalmente, Adorno afirmou: “O feitiço engolfou Lukács e o barrou do tão esperado retorno à utopia de sua juventude, recaptura a reconciliação extorquida que ele divisa no idealismo absoluto”. Com a utopia, Adorno quis dizer “os estudos de ‘História e consciência de classe’”, em que ele, como materialista dialético, pela primeira vez empregou por princípio as categorias de cosificação à problemática filosófica.” É a reconciliação extorquida refere-se ao sujeito-objeto idealisticamente idêntico. Adorno pressagia aqui o programa que Lukács, sem querer seguir o insinuado, aceita em geral e a ele se dedica na medida em que apreende a dialética objetiva como pressuposto para a dialética subjetiva, a ontologia da natureza como base fundamental para a social, enquanto para ele a gnosiologia não pode ser produzida-pelo-objeto em oposição à dialética, que “a legalidade objetiva de cada realidade” e, com isso, como “dialética universal” é “ontologicamente compreendida”.

Em 1966, A. Heller, em conversa, apresentou a Jürgen Habermas o esboço da “Ontologia” lukácsiana e o conteúdo dos capítulos já estabelecidos. É de fato interessante ver como Habermas rejeitou por princípio o plano. Uma tal tentativa pertenceria ao “passado filosófico”, porque se coloca na

a “Zauberformel ‘Gesellschaftsontologie’”, Beyer 1976.

b “Arbeit – Telosrealisation oder Selbsterzeugung der menschlichen Gattung — Bemerkungen zu G. Lukács’ Konzept der ‘Ontologie des gesellschaftlichen Seins’” (“Trabalho – realização teleológica ou autoprodução do gênero humano - comentários ao esboço da “Ontologia do ser social” in: Dt. Journal of Philosophy, 27 de 1979, n. 1.

tradição dos grandes sistemas de racionalismo aos quais o marxismo se opõe historicamente. Historicidade e a sistemática, assim resume Heller, não podem se homogeneizar; generalizadamente também metodologicamente nada funcionaria, ao contrário, toda categoria deveria ser examinada em sua abordagem histórica concreta. O todo é o falso, Adorno teria dito; todavia, justamente a totalidade histórica como discriminante das ciências isoladas tem, na medida em que se apropria como esboço filosófico das categorias, aquele defeito que Lukács se esforçou por superar teórico-socialmente em “História e consciência de classe”. Com esse veredicto erigido a partir da inconsistência histórica, da anomia sistemática, a recepção^a foi praticamente encerrada tanto no campo marxista, na área do marxismo ocidental, quanto na filosofia não-marxista e na ciência do espírito.

Uma exceção a isso é Nicolas Tertulian (1978, 1979, 1980, 1984, 1985), que obstinadamente indica o pioneirismo da “Ontologia”. Com Goldmann (1973), ele estabelece uma relação entre a ontologia fundamental de Martin Heidegger e Lukács, que - contrariando a intenção do autor - resulta do problema comum de objetivação e coisificação, exteriorização e alienação, e indica a enraizada problemática da época de uma “Dialektik der Aufklärung” (Dialética do Esclarecimento) e do “Eclipse of Reason” (Eclipse da Razão)^b.

Avançando a partir daqui, Tertulian mostra como Lukács, por um lado em oposição à teleologia da história e, por outro lado, ao determinismo natural, isto é, às leis sociais objetivas, livremente condicionadas tal como as condições naturais, põe em relevo a “posição teleológica” por atos de escolha entre possibilidades. A síntese de incontáveis atos de escolha no contexto do confronto laboral com a causalidade espontânea da natureza, bem como as leis que historicamente se tornaram as da sociedade, levam a uma outra, nova realidade. No interior da posição teleológica, tornam-se distinguíveis a objetivação como emprego das séries causais objetivas ou situações sociais; e a exteriorização, que se pensa como o retroefeito justamente dessa atividade sobre o sujeito. Disto aparece destacada a alienação, já corrente deste Marx, e sob uma nova luz teorizada por Lukács em “História e consciência de classe”; ela existe onde sobrevivência e reprodução social determinam exclusivamente o ato individual em oposição à formação da personalidade. O sujeito submetido à reprodução social persiste em uma genericidade em-si; a personalidade autônoma brota em um estágio da genericidade para-si, com o qual Lukács encontra o reino da liberdade, como Marx, oposto ao reino da necessidade.

Na ocasião do centésimo aniversário de Lukács, no Congresso em Budapeste, houve novas reflexões, que deram impulsos consideráveis tanto à esfera marxista quanto ao marxismo ocidental e à ontologia social (Almasi 1985, Benseler 1985, Holz 1985, Narski 1985, Olipenko 1985, Scarponi 1985). Se a reflexão pós-moderna sobre a ontologia parece seguir o *dictum* de Roland Barthes, de que o mito consiste em transformar a história em

a {Nota da tradução} Benseler se refere à recepção da “Ontologia” e dos “Prolegômenos” no debate contemporâneo.

b “Dialektik der Aufklärung” (Dialética do Esclarecimento), Horkheimer/Adorno 1947; “Eclipse of Reason” (Eclipse da Razão), Horkheimer, 1947.

natureza –em Lukács, há a tentativa clássica de mediar entre natureza e história; pelo afastamento da barreira natural a irreduzível causalidade é posta a serviço das posições teleológicas, um desenvolvimento cada vez mais social da humanidade que no processo permite emergir a generidade para si: personalidade, como pretendia o velho europeu.

Bibliografia do Posfácio

Adorno, Theodor W.

Erpreßte Versöhnung (In: Der Monat, II.Jg., Nov. 1958, p. 37 ff.; jetzt in: ders.: Gesammelte Schriften II, Noten zur Literatur, Frankfurt 1974)

Almási, Miklos

Zur Ontologie der “Erscheinung” (In: DZPhil. 27, 1979, H. II, p. 1365 ff.)

Genese des Ontologie-Begriffs (Vortrag 18. 4. 1985, Budapest)

Bahr, Hans Dieter

Ontologie und Utopie (In: Praxis (Zagreb), 4. Jg., 1968, Nr. 1-2, p. 164 ff.)

Benseler, Frank (org.)

Revolutionäres Denken - Georg Lukács (Darmstadt und Neuwied 1984)

Materialismus und Innovation (Vortrag 18/4/1985, Budapest; tb. in: Die Neue Gesellschaft/Frankfurter Hefte, 32. Jg., H. 8/Agosto/1985, p. 702 ff.)

Sozialismus und Demokratisierung (In: Düsseldorfer Debatte, 5/85, Mai, p. 51 ff.)

Bereczkei, Tamás

A Teleologia Szemantikai Tartalmáról; in: Magyar filozófiai szemle, 1984/5-6, p. 617-642

Beyer, Wilhelm R.

Marx-Ontologie (in: DZPhil., 17. Jg., 1969, No. II) (réplica: F. Feher in: Magyar Filozófiai Szemle 1970/1)

»Marxistische Ontologie» - eine Modeschöpfung des Idealismus (In:

- Vier Kritiken: Heidegger, Sartre, Adorno, Lukács, Köln 1970, p. 195 ff.)
Zauberformel "Gesellschaftsontologie" (In: Arnaszus, Wilhelm:
Materialismus, Wissenschaft und Weltanschauung im Fortschritt,
Köln 1976)
- Bloch, Ernst
Philosophische Grundfragen I. Zur Ontologie des Noch-Nicht-Seins
(Frankfurt, 1961; tb. in: Gesamtausgabe Band 13, Tübinger Einleitung
in die Philosophie, Frankfurt 1970)
- Ernst Bloch und Georg Lukács
Dokumente zum 100. Geburtstag (Budapest 1984, Lukács-Archivum)
Briefe 1903-1975, 2 volume (Frankfurt 1985)
- Castaneda, Hector-Neri
Sprache und Erfahrung. Texte zu einer neuen Ontologie (Frankfurt 1982)
- Castoriadis, Cornelius
Gesellschaft als imaginäre Institution (Frankfurt 1984)
- Dannemann, Rüdiger
Das Verdinglichungs-Theorem. Geschichte und Natur (Vortrag 1985,
Budapest)
- Eörsi, István
Zur Geschichte der Ontologie - Vorwort zur ungarischen Ausgabe
(cf. Lukács 1976a)
Das Recht des letzten Wortes (In: Europäische Rundschau 1978, 4)
- Fehér, F. - Heller, A. - Markus, G. - Vajda, M.
Aufzeichnungen für Genossen Lukács zur Ontologie
1968–1969 (Manuskript p. 1-48, 1-44), cf. Heller 1983
Notes on Lukács' Ontology (In: Telos, 29/1976, p. 160 ff.)
- Furth, Peter
Eine konservative Verteidigung des Marxismus. Arbeit und Dialektik in
der marxistischen Philosophie (In: Düsseldorfer Debatte, 10/1985, p. 3 ff.)
- Goldmann, Lucien
Lukács et Heidegger (Paris 1973); tb.: Lukács und Heidegger
(Darmstadt und Neuwied, 075)
- Greven, Michael Th.
Krisen der objektiven Vernunft, Entfremdung und ethischer Dezisionismus
bei Georg Lukács und Max Weber (Vortrag, Lukács-Symposion,
Hamburg 1985)
- Grujić, Pedrang M.

Zur Ontologie des Marxismus (München 1972)

Habermas, Jürgen

Die neue Unübersichtlichkeit - Kleine politische Schriften V
(Frankfurt 1985)

Hanak, Tibor

Georg Lukács: Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins. I. Halbband
(Rez. in: Phil. Literaturanzeiger 38, 3 (1985), p. 229 ff.)

Harich, Wolfgang

Kommunismus ohne Wachstum? Babeuf und der Club of Rome
(Reinbek 1975)

Hartmann, Nikolai

Ethik (Berlin 1926)

Zur Grundlegung der Ontologie (Berlin 1935)

Der Aufbau der realen Welt (Berlin 1940)

Teleologisches Denken (Berlin 1951)

Heller, Agnes

Alltag und Geschichte (Neuwied 1970)

Das Alltagsleben (2. ed., Frankfurt 1981)

Lukács Reappraised, New York 1983

Hermann, István

Ontológiai Bevezetés az Etikához, in: Magyar filozófiai szemle, 1984/5-
6, p. 643-687

Henrich, Dieter

Fluchtlinien (Frankfurt 1982)

Holz, Hans Heinz

Dialektik und Widerspiegelung (Köln 1983)

Irrationalismus-Kritik und Ontologie-Begriff (Vortrag 17. 4. 1985,
Budapest)

Honneth, Axel

Eine ontologische Rettung der Revolution. Zur Gesellschaftstheorie
von Cornelius Castoriadis (In: Merkur, Vol.9/10, Set./Out. 1985, p.
807 ff.)

Horkheimer, Max

Eclipse of Reason, New York 1947, tb.: Zur Kritik der
instrumentellen Vernunft, Frankfurt 1967;

Adorno, Theodor W: Dialektik der Aufklärung, Amsterdam 1947

Horstmann, Rolf-Peter

Ontologie und Relationen. Hegel, Bradley, Russel und die Kontroverse über interne und externe Beziehungen (Königstein 1985)

Kaniowski, Andrzej M.

Materializm historyczny a Ontologia. Bytu Społecznego (In: Studia Filozoficzne Nr. 3 (148), 1978, p. 19 ff.)

Korthals, Michael

Die kritische Gesellschaftstheorie des frühen Horkheimer. Mißverständnisse über das Verhältnis von Horkheimer, Lukács und den Positivismus (In: Zeitschr. f. Soz., H. 4, Aug. 1985, p. 315 ff.)

Künne, Wolfgang

Abstrakte Gegenstände. Ontologie und Semantik (Frankfurt 1983)

Lukács, Georg

Existentialismus oder Marxismus? (Berlin 1951) Werke Band 12/13:

Ästhetik Teil I: Die Eigenart des Ästhetischen (Neuwied und Berlin 1963)

Kunst als Selbstbewußtsein der Nation (In: Neues Forum, Wien, Vol.152/153, Aug./ Sept. 1966, XIII Jahr, p. 514 ff.)

Über die Besonderheit als Kategorie der Ästhetik Neuwied und Berlin 1967 (tb. in: Werke Band 10 Probleme der Ästhetik Neuwied und Berlin 1969)

Die Sowjetunion ist nicht typisch. Zur Theorie der ungleichmäßigen Entwicklung bei Marx (In: Neues Forum, Wien, Vol.160/61, Abr./ Mai 1967, XIV Jahr, p. 344 ff. und Vol.162/63, Jun./Juli 1967, p. 518 ff.)

Gespräche mit Georg Lukács, hrsg. v. Theo Pinkus, Hans Heinz Holz - Leo Kofler - Wolfgang Abendroth (Reinbek 1967)

Werke Band 2, Frühschriften II, Geschichte und Klassenbewußtsein. Darin: Vorwort, Budapest, März 1967, p. 11 ff. (Neuwied und Berlin 1968)

Die ontologischen Grundlagen des menschlichen Denkens und Handelns (In: ad lectores 8, Neuwied 1969)

Der große Oktober 1917 und die heutige Literatur (In: ad lectores 5, Neuwied und Berlin 1967, dann in: Kürbiskern, München 1/1968; auch in: Lukács, Ausgewählte Schriften Bd. III, Russische Literatur - Russische Revolution, Reinbeck 1969)

Zur Verleihung des Goethepreises (In: ad lectores 10: Georg Lukács em 13. de abril de 1970, Neuwied und Berlin 1970)

The Dialectic of Labor: Beyond Causality and Teleology (In: Telos, No. 6, Fall 1970)

Letter to the Editor (15. 2. 1971) (In: Times Literary Supplement, 11 de junho de 1971, No. 3)

Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins - Vortrag an der Ungarischen Akademie der Wissenschaften (In: Neues Forum, Wien, Vol.207/08, Fev/ Mar 1971, XVIII Jahr, p. 19 ff; Fortsetzung in Vol.211/12, Jun/Jul 1971, p. 30 ff.)

Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins - Hegels falsche und echte

Ontologie (Neuwied und Berlin 1971)
 Die Seele und die Formen, Essays (Neuwied und Berlin 1971)
 Die Theorie des Romans. Ein geschichtsphilosophischer Versuch über
 die Formen der großen Epik (Neuwied und Berlin 1971)
 Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins — Die ontologischen
 Grundprinzipien von Marx (Darmstadt und Neuwied 1972. Rez. in:
 Kölner Zschr. f. Soz. u. Sozialps. 25. Jg. 1973, p. 647 f.)
 Marxoviosnovniontoloskiprincipi (In: Praxis (Zagreb) 3-4/1973 p. 409 ff.)
 Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins - Die Arbeit (Neuwied
 und Darmstadt 1973)
 Ontologia, Existentei Sociale - Studiu introductiv de N. Tertulian
 (Bucuresti 1975)
 Taktik und Ethik. Politische Aufsätze I 1918-1920, J. Kammler und F.
 Benseler (orgs) (Darmstadt und Neuwied 1975)
 A társadalmi lt ontológiájáról, Vol. 1-3 (Budapest 1976)
 Revolution und Gegenrevolution, Politische Aufsätze II 1920-1921;
 J. Kammler und F. Benseler (orgs) (Darmstadt und Neuwied 1976)
 Organisation und Illusion. Politische Aufsätze III 1921-1924; hrsg.
 J. Kammler und F. Benseler (orgs) (Darmstadt und Neuwied 1977)
 Geschichte und Klassenbewußtsein. Studien über marxistische
 Dialektik. Politische Aufsätze IV (Darmstadt und Neuwied 1978)
 Demokratische Diktatur. Politische Aufsätze V 1925-1929; F. Benseler
 (org.) (Darmstadt und Neuwied 1979)
 Gelebtes Denken (Red.: I. Eörsi) Eine Autobiographie im Dialog
 (Frankfurt 1980) Werke Band 15. Entwicklungsgeschichte des modernen
 Dramas; F. Benseler (org) (Darmstadt und Neuwied 1981)
 Demokratisierung heute und morgen, L. Sziklai (org), Vorwort M.
 Almäsi, Budapest 1985

Markus, György

Diskussionen und Richtungen in der marxistischen Philosophie
 (Manuskript 1968)

Makai, Mária

Az Etika Ontologiai Kérdéseihöz (In: Magyar Filozófiai Szemle,
 Budapest 1973, 17. Jg., Nr. 3-4, p. 298 ff.)

Maus, H. (org.) com H. Düker, K. Lenk, H.-G. Schumann

Gesellschaft, Recht und Politik - Wolfgang Abendroth zum 60.
 Geburtstag (Neuwied und Berlin 1968)

Narski

Die Lukacssche Charakterisierung des gesellschaftlichen Seins (Vortrag
 19. 4. 1985, Budapest)

Olipenko, N. V.

Die Stelle der Ontologie des gesellschaftlichen Seins in Lukács

philosophischen Ansichten (Vortrag 18. 4. 1985, Budapest)

Reinhard, W. W.

Entfremdung und Gegenstand. Versuch einer Rekonstruktion des Arbeitsbegriffs von Georg Lukács (Phil. Dissertation, Bremen 1986)

Ruben, Peter - Warnke, Camilla

Arbeit – Telosrealisation oder Selbsterzeugung der menschlichen Gattung (In: DZPhil. 27, 1979, vol. 1, p. 20 ff.)

Scarponi, Alberto

Georg Lukács und die Ontologie (Vortrag 17. 4. 1985, Budapest)

Spaemann, Robert – Löw, Reinhard

Die Frage Wozu. Geschichte und Wiederentdeckung des teleologischen Denkens (München 1981)

Tamas, Caspar M.

Metacritical Letter on Lukács Ontology (Manuskript p. 1-32)

Tertulian, Nikolas

On the Later Lukács (In: Telos, 40/1979, p. 136 ff.)

G. Lukács et le reconstruction de l'Ontologie dans la Philosophie contemporaine (In: Revue de Métaphysique et de Morale, Paris, Nr. 4/1978)

Teleologie e causalitate in ontologiai sociale (In: Critica Marxista, Rom, Nr. 5/1980)

La Rinascita dell'Ontologia: Hartmann, Heidegger, Lukács (In: Critica Marxista, Rom, Nr. 3/1984, p. 125 ff.)

Die Ontologie von Georg Lukács (In: Merkur, Vol. 4, April 1985, p. 309 ff.)

Tökei, Ferenc

Bemerkungen zum posthumen Werk von Georg Lukács (In: DZPhil. 27, 1979, H. II, p. 1382 ff.)

Vaijda, Mihaly

Die Aktualität der Ontologie (Manuskript, Herbst 1977)

Varga, Csaba

The Concept of Law in Lukács Ontology (In: Rechtstheorie, Berlin 1979, 10. Bd. H. 3, p. 321 ff.)

A jog ontológiai megalapozása felé (Tételek Lukács Ontológiája alapján) (In: Magyar Filozófiai Szemle, 1983, 5, p. 767 ff.)

Wolf, Barbara

Materialistische Geschichtsauffassung oder Gesellschaftsontologie? (Dissertation, Berlin [DDR] 1981)

Wolf, Ulrich

Georg Lukács: Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins. Studie zum Verhältnis von Marxismus und Ontologie (Dissertation, Paderborn 1986)

